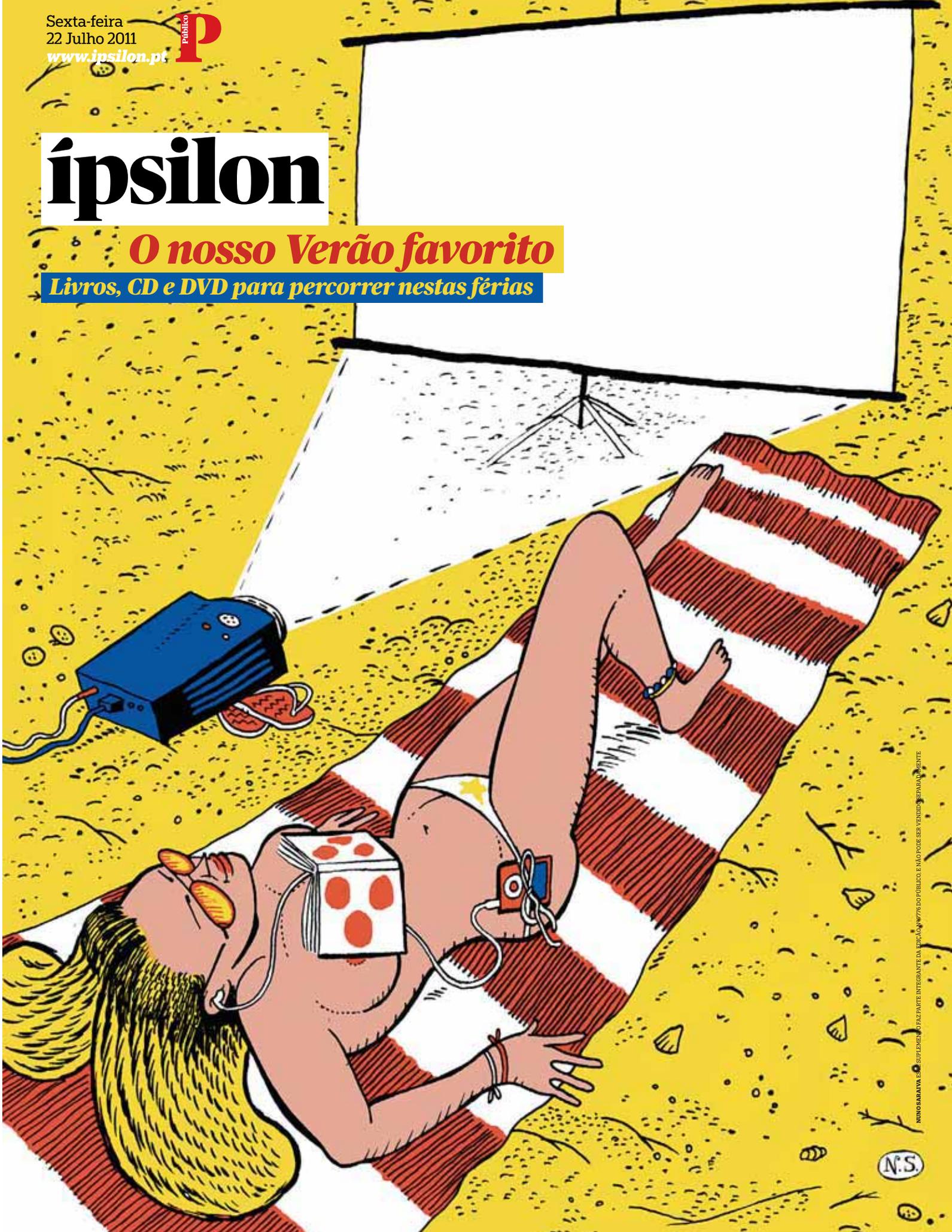


ípsilon

O nosso Verão favorito

Livros, CD e DVD para percorrer nestas férias



Seleção
Verão Bertrand

*As ofertas da Bertrand
são como os dias.
No Verão, ficam maiores.*



DE **10%**
DE DESCONTO EM
200 NOVIDADES

A VOUCHERS
DE **10€***



Dos contos aos descontos, dos vales encantados aos de oferta, de Almada ao Almanaque. Há quase 3 séculos que a Bertrand vem nos livros. E esta é uma nova página. Venha conhecer a seleção de 200 títulos com descontos a partir de 10% que preparámos para o seu Verão. Receba ainda um Almanaque Bertrand na compra de três livros e vouchers de 10€ sempre que comprar seis*. Porque, especialmente no Verão, todos nós somos livros.

bertrand.pt



BERTRAND
LIVREIROS

— Somos Livros —

FLASH



Tarantino chamou Jamie Foxx e Di Caprio para o seu "western spaghetti"

"Django Unchained", o próximo Tarantino

O próximo filme de Quentin Tarantino - "Django Unchained" - já tem argumento finalizado desde o final de Abril e encontra-se em pré-produção. Jamie Foxx, Leonardo Di Caprio e Christoph Waltz estão confirmados no elenco. Tem como tema a escravatura americana do século XIX e relata, em particular, a história de Django, um escravo recém-libertado (Jamie Foxx) que tenta salvar a mulher das mãos de um fazendeiro tirano. A interpretação do vilão está a cargo de Leonardo DiCaprio, Christoph Waltz assegura o papel de um alemão que acompanha a vingança da personagem de Foxx. Will Smith havia sido a primeira escolha para o pistoleiro Django, mas terá recusado por se sentir desconfortável com o texto. O filme procura homenagear, para além do género "western spaghetti", versão de "Django" de Sergio Corbucci (1966), que tinha Franco Nero como protagonista (mas sabemos como, nessas homenagens, o resultado é sempre outra coisa, como aconteceu com "Inglourious Basterds" em relação ao "original", "Quel maledetto treno blindato", de Enzo Castellari). O actor italiano poderá também voltar nesta versão de Tarantino. Em relação a esses rumores, Nero respondeu: "Não sei se ele me oferecerá um papel no filme... Ficaria muito feliz, claro".

Desenhos de Kafka reunidos em livro

Para além de escrever influentes obras literárias, Kafka também desenhava. O público espanhol tem agora a oportunidade de conhecer grande parte desses devaneios ilustrados através do volume que a editora Sexto Piso lançou este mês, "Dibujos de Kafka". Apesar de não se saber onde se encontra grande parte do espólio desenhado pelo escritor checo →

Lançamento

Lembram-se de "Ruptura Explosiva", com Keanu Reeves antes do "Matrix" e Patrick Swayze já Patrick Swayze no papel de surfista guerrilheiro? Como esquecer? Eles também não esqueceram: Os Lacraus, Nicotine's

Orchestra, Aquaparque, Diego Armés, Pega-Monstro, Cão da Morte e Coelho Radioactivo, Manuel Fúria, Samuel Úria ou Branches, entre outros. Todos unidos numa "mixtape" dedicada a essa bomba. Amanhã,

encontram-se todos às 10h na Praia de Carcavelos para fazer surf - será a sessão de lançamento, podem aparecer e levar uma. No dia seguinte, "Ruptura Explosiva - 20 anos", será disponibilizada para "download" gratuito.

Sumário

Verão	6
Livros, discos e filmes para levar para a ilha deserta - ou para a esplanada mais próxima	
Sofi Oksanen	16
A escrita arde, mas cura	
Milhões de Festa	20
Nos próximos três dias, Barcelona é em Barcelos	
Groovie Records	22
A história não escrita do rock português	
Black Lips	25
Mais vivos do que nunca	
João Penalva	28
A três vozes no Centro de Arte Moderna	
Louis Garrel	32
Actor, realizador e as duas coisas ao mesmo tempo	

Ficha Técnica

Directora Bárbara Reis
Editor Vasco Câmara, Inês Nadais (adjunta)
Conselho editorial Isabel Coutinho, Nuno Crespo, Cristina Fernandes, Vítor Belanciano
Design Mark Porter, Simon Esterson, Kuchar Swara
Directora de arte Sónia Matos
Designers Ana Carvalho, Carla Noronha, Mariana Soares
Editor de fotografia Miguel Madeira
E-mail: ipsilon@publico.pt



Filip Dujardin reconstrói as paisagens que fotografa: em breve Guimarães terá um ar ficcional deste tipo

Guimarães, paisagem transgénica

Já estamos a ver o fotógrafo flamengo Filip Dujardin (n. Bélgica, 1971) a compactar as muralhas do castelo de Guimarães com as ruínas das fábricas têxteis do Vale do Ave em construções futuristas inscritas no cenário dos verdes prados minhotos... Dujardin esteve no passado fim-de-semana nesta região a tomar um primeiro contacto com a arquitectura de Guimarães e com o que resta dela nas margens do rio Ave, até Vila do Conde. No final, e antes de regressar a casa para fazer as primeiras montagens com o material recolhido, Dujardin testemunhou ao Ípsilon as impressões fotográficas que guardou desse fim-de-semana minhoto: "Guimarães é muito pitoresco, é uma terra muito simpática, e muito bela para fotografar", comentou, mostrando-se

principalmente impressionado com a omnipresença da pedra, da rocha, do granito. Definindo-se como "um fotógrafo da arquitectura", Dujardin diz que é sob essa perspectiva que vai "reconstruir" a paisagem que veio conhecer ao Norte de Portugal. É um dos quatro estrangeiros que foram convidados a participar no projecto "Missão Fotográfica. Paisagem Transgénica", comissariado por Pedro Bandeira e Paulo Catrica e incluído no calendário de Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura. Os artistas que completam o grupo são o sueco J.H. Engström (que está também esta semana em Guimarães, a fazer o reconhecimento do terreno), o italiano Guido Guidi e a norte-americana Katalin Deér (estes dois viajarão até nós em

Setembro, altura em que Dujardin vai também voltar para nova etapa da sua "missão"). Pedro Bandeira explicou ao Ípsilon que o projecto tem como objectivo pôr em diálogo "diferentes olhares e diferentes abordagens" de Guimarães e da paisagem industrial do Vale do Ave: "Não nos interessa captar a Guimarães patrimonial". Antes olhá-la de uma forma diferente e distanciada, seja pela objectiva mais documental e realista de um Guido Guidi, com as suas fotografias de grande formato, seja pela aproximação mais formalista, ficcional e mesmo poética de um Filip Dujardin. O resultado desta "Missão Fotográfica" vai ser exposto em Março do próximo ano. *Sérgio C. Andrade*

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

A Chifre pega o touro pelos cornos no MusicBox



David Pires, o baterista dos Pontos Negros, reencarna aqui como cantautor inspirado

Chama-se Chifre, o que diz bem das intenções. Indicador e mindinho esticados e está feito esse gesto imponente que é palavra-passe da coisa rock. E chifre que pode não ser gesto, mas símbolo dessa vontade de fazer, sem subterfúgios e paninhos quentes, o que o linguajar popular fixou num certo "pegar o touro pelos cornos". Chifre. Uma nova editora independente, que também é loja de arte, por agora apenas "on-line" (chifre.org), fundada na crença de que, como vemos no comunicado de apresentação, "quando o artista é bom artista há necessidade de espalhar a obra pela terra inteira, mais o sistema solar, a Via Láctea e o Indefinido". E há que espalhá-la, acrescentamos nós, em conjugação de esforços assente numa real ideia de colectivo, tal como idealizado pelo núcleo dirigente da editora, Marca Moiteiro, Vanda Noronha, Francisco Santos Silva e Pedro da Rosa. Fotógrafos, músicos, designers ou radialistas, oferecendo-se mutuamente o talento dos seus serviços para o bem comum da Chifre.

Esses nobres desejos começam a concretizar-se esta noite, no MusicBox, com a apresentação dos quatro primeiros itens em catálogo. A saber: David Pires, baterista dos Pontos Negros que descobrimos agora como cantautor inspirado; Diego Armés, figura de proa dos Feromona, que desliga a electricidade das guitarras para sussurrar bellissimas "Canções Para Senhoras" (é o título do álbum a solo apresentado); Capitão Fausto, pop multifacetada de teclados borbulhantes e cores empolgados; e A Armada, rock de pé no acelerador sem pachorra para modernices, onde encontramos Pedro da Rosa (d'Os Golpes) e David Pires de regresso à bateria. Os concertos começam às 23h30, a entrada custa oito euros e, no final, haverá a batalha de DJ Chifre vs Radar. De um lado Francisco Santos Silva e Pedro da Rosa, do outro, Pedro Moreira Dias e Pedro Ramos. **Mário Lopes**

← - suspeita-se que parte dele esteja em bancos de Zurique e Tel Aviv -, Niels Bokhove e Marijke van Dorst reúnem a totalidade dos desenhos conhecidos e publicados por Kafka num só volume. Os autores apresentam uma selecção heterogénea, associando os 41 exemplares desenhados que compõem o livro a fragmentos literários de obras escritas, cartas, diários, apontamentos em cadernos, postais ou outras notas soltas que Max Brod foi conservando.

Os desenhos aparentam ter sido feitos de forma espontânea, sem grande rigor perfeccionista, e revelam-se uma interessante forma de avaliar esteticamente o imaginário do autor. O facto de não se saberem as datas de cada um deles não nos permite avaliar a evolução de Kafka enquanto desenhador.

Kafka tinha interesse assumido em expressar-se desta forma, mas (tal o fizera em relação a toda a sua obra escrita) terá demonstrado a Max Brod o seu desejo de que todo este conjunto de desenhos fosse destruído logo após a sua morte. Pedido expresso que acabaria, em ambos os casos, por ser (felizmente) desrespeitado.

Os Red Hot Chili Peppers estão na rua

A quase um mês de o próximo álbum sair para as lojas, os Red Hot Chili Peppers aparecem afixados em cartazes nas ruas de Los Angeles. A banda americana associou-se a Mr. Brainwash, um dos

Kafka terá manifestado o desejo de que todos os seus desenhos fossem destruídos após a sua morte: não só não foram destruídos, como acabam de ser publicados



Os Red Hot Chili Peppers convocaram Mr. Brainwash (o mesmo do filme de Banksy) para ajudar à promoção do novo disco

protegidos do anónimo Banksy, para promover o seu próximo álbum, "Im With You". De acordo com a TMZ, os cartazes criados pelo artista, cujo verdadeiro nome é Thierry Guetta, revelam o logótipo da banda juntamente com figuras robóticas e a data do lançamento do disco.

Mr. Brainwash, um dos protagonistas do filme que trouxe Banksy e outros artistas de rua para a tela, terá inclusive revelado que se está a unir à banda americana "para outros projectos", apesar de nada ter sido confirmado por parte do agrupamento liderado por Anthony Kiedis.

O artista francês tem vindo a produzir um conjunto de obras ligadas à música, tendo inclusive trabalhado com Madonna na criação da capa de "Celebration", colectânea que reúne alguns dos clássicos do ícone da Pop. O mesmo não se sucede com "I'm With You", já que a capa revelada, que ilustra uma mosca sobre um comprimido, foi concebida pelo artista britânico Damien Hirst.

"I'm With You" tem data de lançamento marcada para 30 de Agosto.

Filipe Alarcão em "introspectiva" no Mude

Perante a possibilidade de fazer uma exposição no Mude - Museu do Design e da Moda, a primeira individual em 15 anos, o designer português Filipe Alarcão (n. 1963) tinha duas hipóteses: mostrar os seus trabalhos antigos, na maioria já divulgados em colectivas e prémios, ou fazer da proposta do museu lisboeta um pretexto para trabalhar em coisas novas. Escolheu a segunda e, por isso, diz que trocou uma

hipotética retrospectiva por uma "introspectiva": "Esta exposição resulta de uma reflexão que já estava a desenvolver sobre os meus processos de criação, sobre o meu trabalho, e tem cerca de 25 projectos, todos inéditos", diz ao Ípsilon.

Para já, Alarcão não quer revelar pormenores sobre as peças que poderemos ver no Mude de 23 de Setembro a 15 de Janeiro, mas garante que cobrem várias tipologias, desde as mais recorrentes no design de produto, como o mobiliário, às mais esquecidas. "Vou mostrar alguns objectos de parede, peças que precisam de um suporte vertical para fazerem sentido." Preparar a exposição, que deverá contar com um catálogo em que escrevem, para além do próprio Alarcão, Bárbara Coutinho e Pedro Gadanho, deu-lhe uma oportunidade rara na vida de um designer: "Pude desenvolver um corpo de projectos a pensar numa mesma ocasião, com um ritmo e de uma atitude diferentes, com menos condicionalismos."

Lucinda Canelas



Alarcão mostrará 25 inéditos na exposição

AGENDA CULTURAL FNAC

LANÇAMENTOS

EXPOSIÇÕES

ENTRADA LIVRE

APRESENTAÇÕES

MÚSICA AO VIVO

LANÇAMENTO

TEKI VAI À ESCOLA | TEKI BA ESKOLA

Livro de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

As autoras apresentam na FNAC o projecto *Teqi* que tem como desafio envolver as crianças de Timor-Leste na leitura de histórias genuinamente timorenses, nas suas duas línguas oficiais, proporcionando, ao mesmo tempo, momentos educativos e divertidos.

22/07 SEX 18H30 FNAC COLOMBO



LANÇAMENTO

ENCONTROS MARCADOS

Livro de Gonçalo Cadilhe

O mais conhecido viajante português da actualidade volta aos livros e desvenda memórias antigas, episódios nunca narrados e momentos que fazem parte do seu passado.

28/07 QUI 18H30 FNAC CHIADO



LANÇAMENTO

100 REFÉNS SAL NA FERIDA E PIMENTA NA LÍNGUA

Livro de Tiago Mesquita, apresentado por Miguel Martins.

O autor dá a conhecer uma obra mordaz que recorda as crónicas que publicou no blogue *100 Reféns do Expresso Online*.

29/07 SEX 18H30 FNAC CHIADO



MÚSICA AO VIVO

PUCARINHO

Na Rua Amarela

Música de momentos fortes, sensíveis, harmoniosos, por vezes explosivos ou mesmo imprevisíveis, numa viagem que passa pelos blues, o jazz, o clássico e até mesmo o rock.

29/07 SEX 18H00 FNAC STA. CATARINA
29/07 SEX 22H00 FNAC GAIASHOPPING
30/07 SÁB 17H00 FNAC NORTESHOPPING

30/07 SÁB 22H00 FNAC GUIMARÃESHOPPING
31/07 DOM 17H00 FNAC BRAGA



MÚSICA AO VIVO

THE PAPERBOATS

Surviving the Flood

Um projecto pop/rock com muitas influências británicas que promete ser uma das revelações deste ano. Os The Paperboats integram a colectânea *Novos Talentos FNAC Música 2011*.

28/07 QUI 18H30 FNAC COLOMBO
28/07 QUI 22H00 FNAC VASCO DA GAMA

29/07 SEX 22H00 FNAC ALMADA



novostalentosfnac

apoio:

ípsilon

Consulte a AGENDA FNAC também em:
cultura.fnac.pt



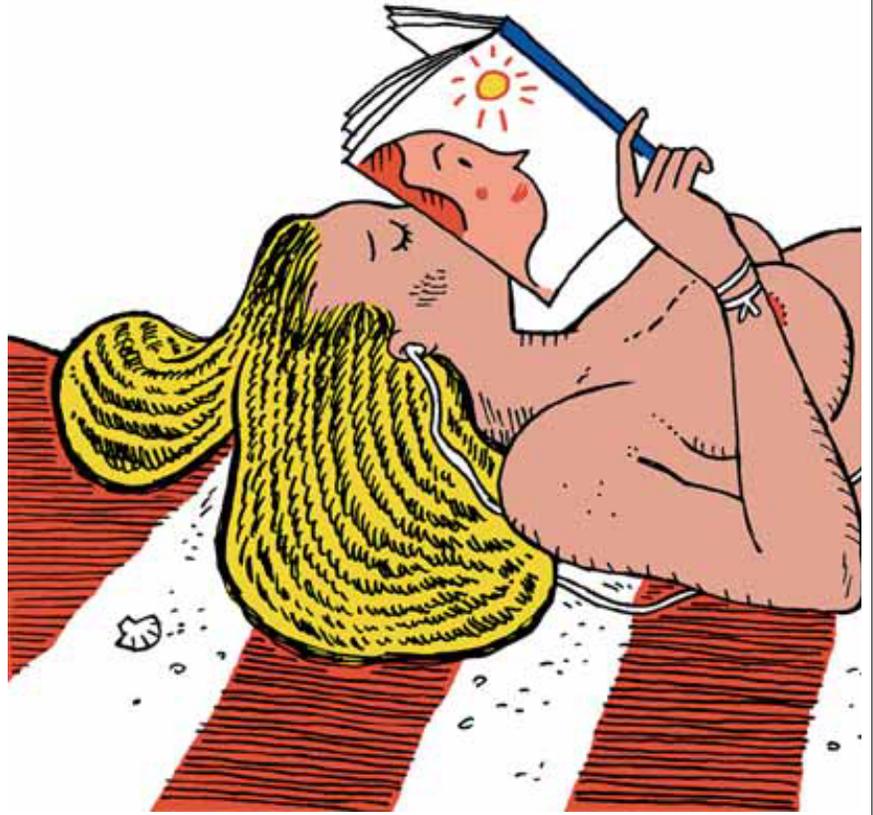
www.fnac.pt

Agarrámo

Escolhemos os livros, os discos e os entusiasmos para a tal ilha deserta ou viajámos por alguns dos nossos Verões



O turno da noite e o travesti da memória



Um livro de Stephen King acompanhou Rogério Casanova durante um Verão, e há poucos episódios dessas férias cuja realidade não tenha sido distorcida por ele. Por exemplo, uma certa esplanada em Viseu nunca deixará de ser o sítio onde leu tudo sobre a máquina de engomar possuída pelo demónio.

Suspeito que o meu método para a datação radiométrica de uma determinada memória de juventude é o mesmo de qualquer outra pessoa entre os 25 e os 40 anos de idade (balizas arbitrárias em nome da simplificação). O método envolve uma sucessão de etapas mentais cujo propósito é tactear na direcção de um ponto preciso no calendário. Uma recordação materializa-se por nenhum motivo aparente, ainda envolva em nevoeiro; para dissipar o nevoeiro, a recordação é cruzada com alguns isótopos culturais radioactivos (itens de vestuário, músicas do top 40, temporadas desportivas, etc.) cujos índices de desintegração são posteriormente analisados até permitirem identificar um ano e, com sorte, um mês específico.

Ilustremos o processo com um exemplo prático: imagine-se que alguém é afligido pela súbita recordação de uma tarde com amigos na Arrábida, mas que é incapaz de se lembrar de imediato a quando remonta. Aguarda-se que a centrifugação mnemónica vá devolvendo algumas pistas adicionais. A imagem vem acompanhada de emblemas visuais (uma efémera tendência de vestuário feminino adolescente, consistindo em mini-saias de xadrez e meias acima do joelho), referentes auditivos (todas as rádios de Portugal a passarem repetidamente uma canção insuportável dos Cranberries chamada "Zombie") e aprazíveis sobressaltos emocionais (manchete do "Record" sobre o primeiro gol de Ricardo Sá Pinto ao serviço do Sporting). A triangulação dos elementos disponíveis permite, com alguma segurança, fixar o momento algures no ano lectivo de 94/95 - mais especificamente na primeira metade (Outono/Inverno) do

Que manca transacção ocorreu entre a minha memória e o inofensivo "Turno da Noite"? Como é que três recordações sólidas se revelaram falsificadas - três vezes?

ano lectivo de 94/95. Bingo: sabemos quem fomos, onde e quando estivemos, e garantimos que ainda não temos Alzheimer.

O demonstrável sucesso prático desta metodologia, e a sensação de comprazimento gratuito que produz, podem ajudar a explicar a tendência para fetichizar na idade adulta os elementos decorativos da infância e adolescência, uma tendência cujas metástases recentes incluem fenómenos como a "Caderneta de Cromos" de Nuno Markl e o autêntico culto pagão prestado a artefactos tão inesperados como a série "Verão Azul": por sinédoque nostálgica, o mobiliário referencial da juventude é promovido à coisa em si, e uma experiência caótica é convenientemente reduzida à uniformidade de uma grelha personalizada da RTP Memória.

É mais complicado fazer o mesmo

truque de exaltação colectiva com referentes literários - por motivos óbvios. A apreensão de um livro é um acto radicalmente subjectivo, cuja recordação pode ser partilhada, mas não comungada. Se, numa sala com 20 adultos desconhecidos, mencionarmos Tuli-creme, Spectrum, o "Dunas" dos GNR e o barco do Chanquete, temos forte hipóteses de obter um plácido e sorridente consenso sobre a espectacularidade dos bons velhos tempos. Se mencionarmos um livro que tenha sido lido por todos, arriscamo-nos a obter 20 "opinões". Não é a mesma coisa.

Como marcador temporal o livro também não é o objecto mais fiável. Não porque não deixe marcas, mas porque as marcas que deixa são instáveis. Qualquer experiência de leitura especialmente vívida e intensa (e a adolescência é a idade certa para as experiências de leitura especialmente vividas e intensas) coloniza a memória de formas peculiares. Ao contrário do confortável contexto cultural fornecido por canções pop e anúncios de refrigerantes, a memória de um livro que nos afectou vai provavelmente destabilizar o contexto que transporta.

Em Junho de 1993, antes de São Pinto, Cranberries e das mini-saias aos quadradinhos, comprei um exemplar de "Turno da Noite", uma colecção de contos de Stephen King editada pela Bertrand. O livro acompanhou-me durante o Verão inteiro, e há poucos episódios dessas férias cuja realidade não tenha sido distorcida por ele. Na minha cabeça, uma certa esplanada em Viseu nunca deixará de ser o sítio onde li tudo sobre a máquina de engomar possuída pelo demónio ("A Mutiladora"); no entanto, fontes familiares fidedignas garantem-

me que a visita a Viseu foi no Verão seguinte. Na minha cabeça, a Meca antuniana da Praia das Maças estará para sempre associada ao cenário pós-apocalíptico de "Surf Nocturno", que postula um mundo devastado pela gripe; no entanto, fontes familiares fidedignas garantem-me que a semana na Praia das Maças foi no Verão anterior.

Uma recordação, pelo menos, parece ser genuína: uma viagem de comboio entre Porto e Régua no final desse Verão, durante a qual li os últimos contos do livro. O trajecto ferroviário - segundo vários testemunhos, um dos mais belos do mundo - permaneceu um mistério para mim durante anos, até que decidi refazer a viagem no Verão passado. A pessoa que me acompanhou quis saber se a vista tinha mudado muito em 18 anos; fui forçado a explicar-lhe pacientemente que a única coisa que retive da viagem original foi a horrível metamorfose de Richie Grenadine, um alcoólico transformado num grotesco bloco de geleia cinzenta depois de se enfrascar com cerveja estragada ("Matéria Cinzenta"). Na viagem-sequela levei o livro comigo para a leitura-sequela, cometendo um dos pecados cardinais da idade adulta: tentar reproduzir uma experiência remota nas mesmas condições. As proezas imaginativas mais aterradoras tinham passado ao lado em 1993 - e perentencem todas ao domínio da tradução literal. Um conto em que um psiquiatra é insultado ("damn shrink") exhibe um magnífico "maldito encolhas"; num outro conto, em que alguém categoriza uma operação de jardinagem como uma farsa ou uma paródia ("it was a travesty"), pode ler-se um prodigioso "era um travesti".

Uma terceira confusão, já agora, foi esclarecida na releitura. Durante anos repeti a vários ouvintes uma extraordinária variação sobre o célebre mito urbano das ratanzanas nas catacumbas do Convento de Mafra que, supostamente, alguém me contara - em Mafra; segundo esta variação, as catacumbas haviam sido permanentemente encerradas depois de uma expedição fadativa ter terminado na morte de vários membros, e na sobrevivência de uma única testemunha, enlouquecida pela visão dos seus colegas a serem devorados por criaturas gigantescas. Como se pode prever, isto não é mais do que o resumo de um dos contos de Stephen King, por sinal o que dá o título à colecção (e em que o capataz Warwick é comido vivo por uma ratanzana "do tamanho de uma vaca Holstein").

É por situações como esta que pessoas de bom senso decidiram queimar livros ao longo dos séculos. Que manca transacção ocorreu entre a minha memória e o inofensivo "Turno da Noite"? Como é que três recordações sólidas se revelaram falsificadas - três vezes? Como é que pode estar tão errado sobre um livro que tanto marcara a minha juventude? E a tendência: poderá agravar-se? Vou chegar aos 60 anos plenamente convencido de ter visto com os meus próprios olhos a vocalista dos Cranberries a ser devorada por ratos gigantes na Praia das Maças, ao som dos GNR? Ainda a meio-caminho da senilidade, é assim que a memória se comporta. Todo o processo, na verdade, é um travesti: no Verão ou no Inverno, podemos descobrir que os livros mais memoráveis andam vestidos com a roupa errada.

Livros para todo o lado

Dois Prêmios Camões, um Nobel, um romance histórico, outro policial e vários livros de contos (mais uns quantos autores brasileiros): há estas e outras idas para fora cá dentro (ou lá fora, porque também descobrimos o caminho para a Índia) na mala para este Verão.



Poesia, Saudade da Prosa - uma Antologia Pessoal

Manuel António Pina
Assírio & Alvim

Este é o Verão em que aqueles que não conhecem a obra de Manuel António Pina, Prémio Camões 2011, têm oportunidade de a passar a conhecer. Nem todos os Verões há Prêmios Camões (portugueses), por isso é de aproveitar. Nem de propósito, a Assírio & Alvim publicou uma antologia: um livro de capa dura com 80 páginas de poemas escolhidos pelo próprio e retirados dos livros que publicou entre 1974 e 2003, como este que se chama "A poesia vai": "A poesia vai acabar, os poetas/ vão ser colocados em lugares mais úteis./ Por exemplo, observadores de pássaros/ (enquanto os pássaros não/ acabarem). Esta certeza tive-a hoje/ ao entrar numa repartição pública./ Um senhor miope atendia devagar/ ao balcão; eu perguntei: Que fez algum/ poeta por este senhor? E a pergunta/ afilgiu-me tanto por dentro e por/ fora da cabeça que tive que voltar a ler/ toda a poesia desde o princípio do mundo/ Uma pergunta numa cabeça. - Como uma coroa de espinhos./ estão todos a ver onde o autor quer chegar?"

Poesia Completa

Manoel de Barros
Caminho

Uma edição que condensa toda a poesia do brasileiro Manoel de Barros publicada até ao ano 2010 é agora publicada, em Portugal, pela Caminho. O poeta nasceu no Beco da Marinha, beira do Rio Cuiabá, Mato Grosso, em 1916, e agora mora em Campo Grande. É também advogado e fazendeiro. Logo à entrada deste livro, escreve: "Distâncias somavam a gente para menos. Nossa/ morada estava tão perto do abandono que dava até/ para a gente pegar nele. Eu conversava bobagens/ profundas com os sapos, com as águas e com as árvores. Meu avô abastecia a solidão. (...) E mais à frente, o poeta que diz "A única língua que estudei com força foi a portuguesa/ Estudei-a com força para poder errá-la ao dente" lembra "alguns desenhos verbais" que fez para este livro: "Eu queria crescer para passarinho", "Sapo é um pedaço de chão que pula" e "Poesia é a infância da língua. Sei que os meus desenhos verbais nada significam. Nada. Mas se o nada desaparecer a poesia acaba. Eu sei. Sobre o nada eu tenho profundidades."

Viagem a Portugal

José Saramago
Caminho

É provável que a "Viagem a Portugal" de José Saramago já exista nas estantes de muitas casas. Na memória de muitos estão frases como: "A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. (...) O fim de uma viagem é apenas o começo de outra". O livro está na sua 23.ª edição e foi agora reeditado pela Caminho. Nestas férias, não saia de casa sem ele. Não é um guia, mas deve levar-se para todo o lado. Traz um prefácio de Claudio Magris em que o escritor italiano conta que, quando se encontrou pela primeira vez com Nobel da Literatura em Lisboa,



Nem todos os Verões há prémios Camões portugueses, mas este ano temos Pina

Saramago lhe ofereceu este livro: "A viagem nunca acaba, mas os viajantes, ou seja, nós, sim. Este viajante português diz, a certa altura, que esteve no bairro de Alfama, mas que não sabe o que é Alfama. Também nós estamos na vida sem saber o que ela é." O livro será uma ótima companhia para viagens cá dentro, mas não se esqueça que Saramago avisa logo nas primeiras páginas: "o autor não veio dar conselhos, embora sobreabunde em opiniões".



Quarto Livro de Crónicas

António Lobo Antunes
Dom Quixote

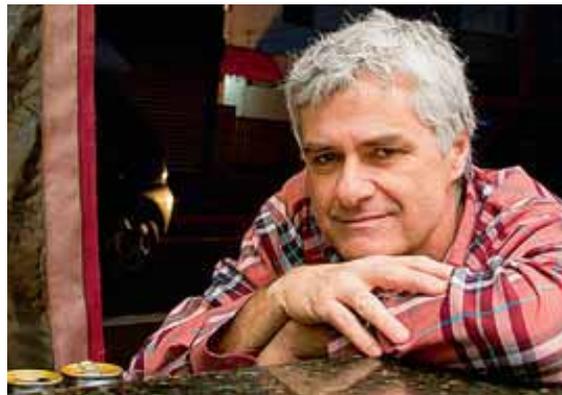
Como se não bastassem 79 das crónicas que António Lobo Antunes regularmente publica na revista "Visão", este livro vem acompanhado de um CD em que o autor e ficcionista que recebeu, em 2007, o Prémio Camões leu e gravou dez desses textos. São eles: "Crónica da Pomba Branca", "Zé", "O senhor Biscaila", "O António é esquisitíssimo", "Adelaide", "A serra da Estrela é o lugar mais bonito do mundo", "Este vento de giz", "Crónica escrita pelo filho de Calamity Jane", "Balada do 7º A" e "Juro que nunca vou esquecer". É um livro e é um audiobook. Leva-se o livro na mão, ouve-se o CD na viagem de carro até ao destino.



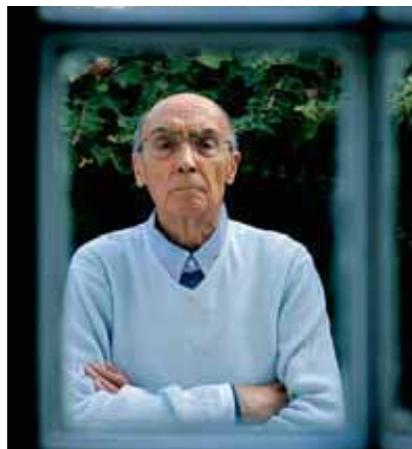
Pornopoeia

Reinaldo Moraes
Quetzal

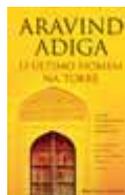
5. No Brasil, a Companhia das Letras acaba de lançar na nova colecção Má Companhia, dedicada a autores malditos, os primeiros romances do agora cinquentão Reinaldo Moraes: "Tanto Faz" e "Abacaxi", escritos nos anos 80. Por cá, saiu o seu mais recente calhamaço de quase 600 páginas, um épico radical em que se conta a história de Zeca, um cineasta de 40 anos "numa saga desenfreada de sexo, drogas e álcool" ("mais uma linha, mais um uisque, mais um engate"), a que se junta o assassinato de um traficante de botequim. Partindo de um argumento sobre a "nova linha de embutidos de frango da Granja Itaquerambu" (que cá na terra podiam passar por enchidos de frango), o leitor entra com a personagem numa viagem pela boémia paulista. Nelson Motta escreveu no "Globo" que "Pornopoeia" foi o melhor romance brasileiro que leu - às gargalhadas - nos últimos anos: "É como se Henry Miller e Bukowski tivessem fumado, bebido, cheirado e viajado de ácido



Reinaldo Moraes conduz-nos em viagem à boémia paulista



Sigamos o guia Saramago em "Viagem a Portugal"



O Último Homem na Torre

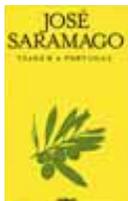
Aravind Adiga
Presença

O autor de "O Tigre Branco", vencedor do Booker Prize 2008, está de regresso este Verão com um novo romance que acaba de ser publicado no Reino Unido e teve edição simultânea em Portugal (nos Estados Unidos só vai ser publicado em Setembro, por exemplo). Já tem direitos vendidos para mais de 15 países e conta a história dos moradores de duas torres de uma cooperativa de habitação em Bombaim que recebem uma proposta de um construtor para deixarem as suas casas por uma boa indemnização. E assim começam os problemas, nesta história de dinheiro e poder. A Bombaim de hoje (que até já não se chama Bombaim), à maneira de Dickens.

Não Verás País Nenhum

Ignácio de Loyola Brandão
Babel/Ulisseia

Ignácio de Loyola Brandão ficou famoso com "Zero", um romance publicado em 1975 que foi proibido pela ditadura brasileira e só voltou a ser publicado livremente em 1979. Em Portugal, foi editado em 1976, com um grande sucesso editorial. Escritor de preocupações sociais e que antecipa quase todas as problemáticas globais, Loyola Brandão recebeu dois prémios Jabuti. Sobre ele, →



◀ o "New York Times" escreveu: "Há quatro livros fundamentais da chamada literatura anti-utópica: 'Nós', de Yevgeny Ivanovich Zamyatin, 'Admirável Mundo Novo', de Aldous Huxley, 1984, de George Orwell, e 'Não Verás Pais Nenhum', de Ignácio de Loyola Brandão'. Já imaginou viver num mundo que se destruiu? Em que teremos de comprar em centros comerciais os cheiros da natureza - e de noite, porque de dia morre-se quando se sai à rua?"

O Cemitério de Praga

Umberto Eco
Gradiva

8. Umberto Eco, o autor de "O Nome da Rosa" e "O Pêndulo de Foucault", publicou um novo romance. O filósofo, medievalista e semiólogo volta a tratar da falsificação, neste caso de "Os Protocolos dos Sábios de Sião" (que inspirará a Hitler os campos de concentração). É um "romance-folhetim de estilo oitocentista". Através da personagem Simonini, um falsificador de documentos que vive em Paris em 1897 e se dedica também à venda de hóstias sagradas para missas satânicas, o escritor italiano revê toda a história do século XIX. Simonini, a personagem mais cínica e antipática de toda a história da literatura, que odeia judeus e mulheres, é inventado, mas tudo o resto aconteceu: pelo romance, passam personagens históricas como Dreyfuss, Freud e Garibaldi.

O Homem do Turbante Verde

Mário de Carvalho
Caminho

Histórias Vindas a Conto

Filomena Marona Beja
Sextante

A Primeira Pessoa e Outras Histórias

Ali Smith
Quetzal

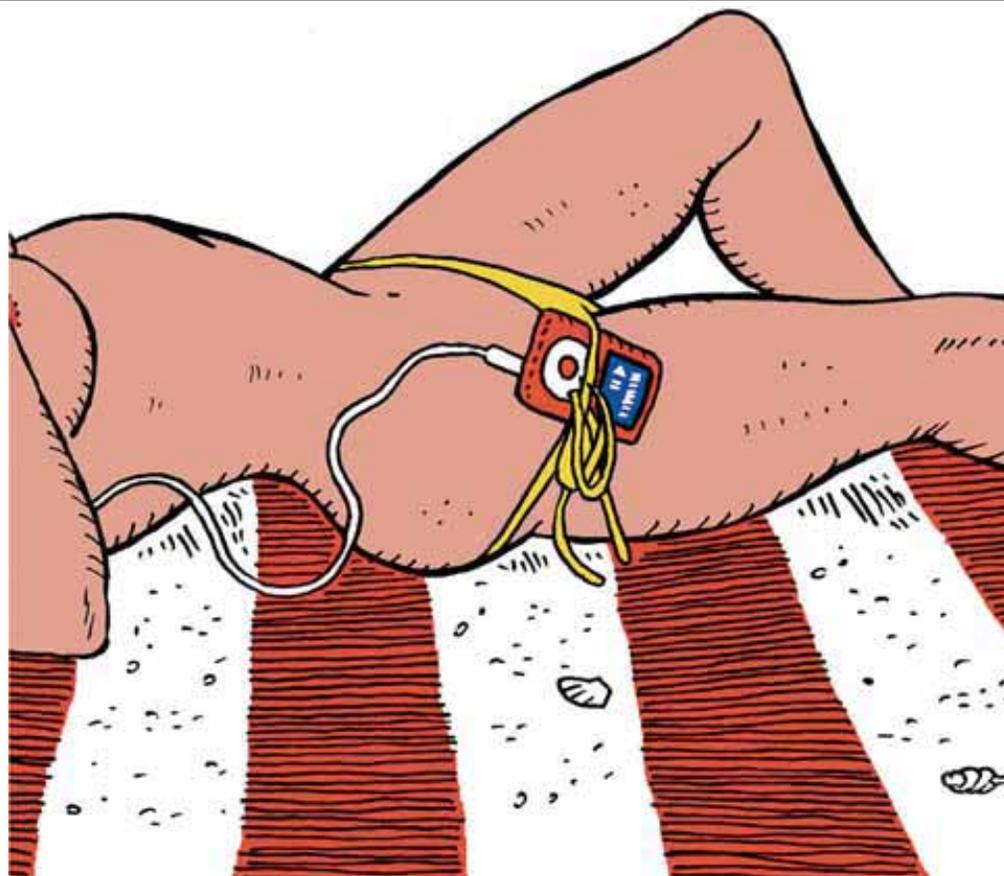
9. Com "O Homem do Turbante Verde", Mário de Carvalho regressa ao conto e coloca em epígrafe uma frase de Luísa Costa Gomes: "Era uma vez uma história que tinha uma grande vontade de ser contada". Passaram 30 anos desde que publicou "Contos da Sétima Esfera" (1981), mas Mário de Carvalho é a prova viva de que alguns autores são como o vinho do Porto. Quem se estreia na narrativa curta este Verão é Filomena Marona Beja, que em 2007 recebeu o Grande Prémio do Romance e da Novela APE/DGLEB, com "A Cova do Lagarto". São dez histórias, cada uma acompanhada por uma fotografia de André Beja. E finalmente começam a ser traduzidos para português os contos da escocesa Ali Smith, que por cá já tinha os seus romances publicados. "A Primeira Pessoa e outras histórias" fascina, com as suas histórias comuns: numa delas a autora até nos explica que "O conto é uma pequena história muito comprida".

O Executor

Lars Kepler
Porto Editora

10. O comissário de polícia Joonas Lina está de volta. Quem vibrou com "O Hiptonotista", publicado no ano passado e já adaptado ao cinema e apresentado no Festival de Cannes, pode agora repetir a dose. Lars Kepler, que na verdade é o pseudónimo dos dois autores suecos, o casal Alexander Ahndoril e Alexandra Coelho Ahndoril, regressa numa trama onde há em pano de fundo uma rede de tráfico de armas. Uma mulher aparece misteriosamente morta numa embarcação de recreio ao largo do arquipélago de Estocolmo.

Escolhas de Isabel Coutinho



Migrar para dentro dos discos

*Uma adolescência vivida no coração do Alentejo, em que um Verão sem praia era sinónimo de longas horas em casa a tentar escapar a um calor infernal, levou **Gonçalo Frota** a fazer a trouxa, encher a garrafa de água e migrar para dentro dos discos.*

Há música que tem calor dentro e parece sobreviver mal na sua ausência. Parece soar até ligeiramente desafiante da afinação quando não é acompanhada de batimentos cardíacos mais acelerados, suor em barda, pele peganhenta e um certo mal-estar geral. Reunido tudo isto, assim sim, podemos gozar o incómodo da boa música. Só a imaginamos a ser criada nessas condições e, de repente, parece condição necessária para cumprir com estrépito a sua função. Separados por alguns anos, dois concertos houve que a memória se encarregou de guardar como momentos de particular sintonia entre o termómetro em apressada escalada rumo ao intolerável e a música que se produzia em palco.

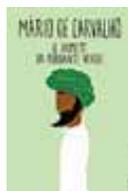
Quando os tuaregues Tinariwen actuaram no Cinema S. Jorge em Julho de 2007, a sala mais quente do mapa lisboeta finalmente ganhou razão de ser. De repente, todo o desconforto parecia justificável, como se pudesse até ter sido exigência contratual da banda para induzir a hipnose que as guitarras cheias de areia tentam con-

sumar a cada segundo. Seis anos antes, também a passagem dos Calexico pelo Paradise Garage, uma sala famosa pelos seus problemas com o interruptor do ar condicionado, recebeu o grupo num ambiente que parecia condizente com a fronteira entre Califórnia e México a que o seu nome alude. Lugares em pé, sala lotada, um calor absurdo, peças de roupa a passarem constantemente de vestidas no tronco para amarradas à cintura, gente dobrada sobre o balcão do bar, pescoços no ar a tentar descobrir uma reserva de oxigénio usado (mas em bom estado), outra gente a retirar-se rapidamente ao colo ou ainda pelo próprio pé à beira do desmaio, numa busca desesperada por ar fresco.

E, no entanto, dá até vergonha admiti-lo, tudo isto parecia quase uma consequência aceitável, como se só assim a música se revelasse por inteiro. Mas suspeito que estaria já fora das balizas do razoável uma paladinha nas costas de quem passava semi-consciente e dizer "lá na terra deles deve ser sempre assim, sobretudo se estiverem junto ao barbe-

cue". Talvez seja apenas decorrente de uma adolescência vivida no coração do Alentejo, em que um Verão sem praia era frequentemente sinónimo de longas horas em casa a tentar escapar a um calor infernal. E esse escape, na maior parte das vezes, correspondia não a um alheamento físico, mas antes a uma esforçada projecção mental para outro sítio. O que equivalia a fazer a trouxa, encher a garrafa de água e migrar para dentro de um disco durante 45 minutos. O aparecimento do CD pode ter roubado o romantismo da escuta, mas facilitou estas pueretas evasivas, uma vez que adia confortavelmente o regresso à dura realidade.

Talvez fosse igualmente da distensão dos dias, da necessidade de os ocupar enquanto a temperatura não baixava o suficiente para ser seguro sair de casa sem correr o risco de uma liquefacção nos 25 minutos a pé até ao centro da cidade, mas a verdade é que os dias esticados ao limite pareciam convidar a aplicar a mesma elasticidade a uma concepção da música que vinha do rock de generosidade



capilar. Quase deu para ouvir estalar os horizontes à medida que alargavam com a descoberta de "Ritual de lo Habitual", dos Jane's Addiction (cuja compra implicou uma viagem de 80 quilómetros, que os discos que havia nas discotecas de Évora e Beja não eram necessariamente os mesmos e havia que apontar as existências dos dois lados e rezar para que nada se alterasse num par de meses), de "Angel Dust", dos Faith No More (cuja compra implicou uma viagem de 120 quilómetros, que os discos que havia nas discotecas de Évora e Lisboa eram forçosamente diferentes), ou de "Blood Sugar Sex Magik", dos Red Hot Chili Peppers (cuja escuta implicou apenas uma viagem de dois metros, que os discos que havia na estante do meu irmão eram frequentemente outros). Perceber depois que esta gente se ajoelhava na presença de George Clinton, Sly Stone, Velvet Underground, James Brown ou Stooges era toda uma outra promessa de estalos no horizonte.

Foi também o tempo de entrar no jazz a convite de Charles Mingus, de jurar amor a Lhasa de Sela, de não saber se Mr. Bungle era coisa para amar ou rir descontroladamente (na indecisão entre as duas, a primeira volta foi vencida pela hipótese nº 2) e de "a" loja de discos telefonar para casa a avisar que chegara o segundo disco dos Belly e aproveitar para informar de tudo o mais que tinha vindo no carregamento.

Antes disso, era um tempo que hoje parecerá ficção disparatada a qualquer adolescente. As partilhas faziam-se sobretudo através de cassetes gravadas e tinham o seu quê de sagrado. Uma cassette com música nova era uma excitação e não eram assim tão poucas as que circulavam durante meses por várias casas da cidade. Havia um teste curioso (cujas regras ditavam que fosse realizado solitariamente), na forma de cortar todas as entradas de luz de uma divisão e passar pela experiência de ouvir uma peça não identificada de Stockhausen de uma ponta à outra. O teste, com bizarros contornos de rito de iniciação à vida adulta, era descrito como algo de verdadeiramente assustador e aqueles que a ele já se tinham submetido não podiam revelar pormenores sob pena de estragar o momento. Dizia-se que ninguém conseguira ouvir a totalidade da peça. E também não fui eu a consegui-lo. Mas lembro-me distintamente de que não foi tanto pelo susto de surgirem tétricos risos de crianças a povoar o quarto, mas antes

As partilhas faziam-se através de cassetes gravadas e tinham o seu quê de sagrado. Uma cassette com música nova era uma excitação e circulava durante meses por várias casas da cidade

pelo enfado de aquilo nunca mais terminar. Anos mais tarde, vi de madrugada uma interpretação do "Quarteto de Cordas para Helicópteros", também de Stockhausen, na televisão. Não me lembro se aguentei até ao fim. Nessa altura já não importava.

O poder evocativo de Norberto Lobo leva-nos a muitos lados, incluindo Carlos Paredes e John Fahey



Mapa-música

De Lisboa, Portugal, a Auckland, Nova Zelândia: nesta volta ao mundo em dez discos, começamos em casa e acabamos nos antípodas.



Mudar de Bina

Norberto Lobo
Lisboa, Portugal

É impossível resistir a esta música e ao seu poder evocativo, que nos transporta em cada dedilhado livre e em cada acorde definido ao sabor da respiração de Norberto Lobo. "Mudar de Bina", o seu álbum de estreia, parecia ter Paredes e John Fahey dentro, mas era já Norberto por inteiro, seguro na descoberta. Como classificar música assim, arrancada à aparente simplicidade de uma guitarra clássica, usada há tanto tempo de todas as maneiras possíveis? Não o fazendo. Ouvindo-a, uma e outra vez, na sua melancolia, na sua sede de beleza, na força da vida que a anima. Uma sombra na planície que pode dar em epifania. **Mário Lopes**



Specialist in All Styles

Orchestra Baobab
Dakar, Senegal

Haverá música mais veraneante do que as canções afro-cubanas da senegalesa Orchestra Baobab? "Specialist in All Styles", de 2002, é o disco que volta a juntar o grupo após um hiato de 17 anos - período durante o qual, ironicamente, se constrói a lenda e reputação do colectivo. E pega nas mesmas coordenadas de sempre, mas com uma frescura inigualável: o saber todo nas mãos e a vontade de fazer música como se fosse o primeiro dia. Apesar do calor, é contagiante que chegue para exigir movimento. **Gonçalo Frota**



Wondervisions

Delicate Steve
Nova Jérssia, EUA

Nova Jérssia não será o melhor sítio para passar o Verão, mas não há dúvida que estimula a imaginação. Se dúvidas houvesse, aqui temos Delicate Steve como prova inequívoca. Steve Marion criou esta música na exiguidade de um quarto, mas ela tem a dimensão de um universo inteiro: solar ou estelar, mas sempre luminosa, esta música admirável junta percussão tropical a guitarras cintilantes (ora de blues americano, ora aspirando chegar a África), pega em sintetizadores e maquinaria

Cuba encontra África na música da Orchestra Baobab



O universo inteiro na Nova Jérssia de Delicate Steve

electrónica e dispara em direcção ao espaço. Um surpreendente sonho de Verão. **M.L.** →



Is All Over the Map

Giant Sand
Tucson, EUA

Tucson fica às portas do deserto de Sonora - que se espalha pelo Arizona, pelo Sul da Califórnia e pelo vizinho México. E é precisamente daí que nos chegam Howe Gelb e os seus Giant Sand. Cada canção do seu repertório, e não apenas deste magnífico "Is All Over the Map", acaba fatalmente por soar à aridez desértica de uns Estados Unidos sulistas que, à mínima oportunidade, aproveitam para espreitar o outro lado da fronteira. Tem tudo a ver: música despreocupada, vagarosa, em que até a guitarra eléctrica não quer chatices. **G.F.**



Panamá 3

Vários
Panamá

Através do canal do Panamá, cruzaram-se oceanos outrora separados, chegaram outras gentes, misturaram-se ainda mais os povos. Miscigenação rica e fértil como todas, nas décadas de 60 e 70 originou essa música tórrida feita de tradições africanas, latino-americanas e europeias. Combos jazz atiraram-se ao calypso, pegou-se em percussão africana e vozes ao desafio para inventar qualquer coisa que já não era exactamente a influente música vinda de Cuba. Pés mexendo, ancas abanando, suor escorrendo. Dancemos pois. **M.L.**

A voz de Asha Bhosle é a matriz de toda uma tradição musical hollywoodesca



Condom Black

Otto

Recife, Brasil

"Dias de Janeiro, calor de mais" canta Otto logo a abrir em "Dias de Janeiro" - que é como quem diz: Verão em terras brasileiras. "Condom Black", segundo disco a solo do ex-percussionista da Nação Zumbi, apanha os cacós do manguê beat pós-Chico Science e escarafuncha mais na tradição brasileira, barra as canções com samba, macumba, rock beatleniano e candomblé, e faz delas uma alucinação entre as drogas e o calor desesperante. Ideal para ouvir por estes dias, de chopinho ou caipirinha na mão. **G.F.**



Acabou Chorare

Novos Baianos

Salvador da Baía, Brasil

"Abre a porta e a janela e vem ver o sol nascer". Pode haver melhor sugestão para os longos dias de Verão? Ainda para mais, dita com o sotaque doce da terra que viu Caetano Veloso nascer? É canção ampla como o tropicalismo, esta "Preta, pretinha" dos Novos Baianos. A banda que editou em 1972 "Acabou Chorare", um dos melhores da MPB, era calor brasileiro de samba, bossa ou chorinho gingando ao sabor de baterias, baixo e guitarra eléctrica. Era a tradição a flirtar com o futuro e, quatro décadas depois, o romance está como sempre. Coisa escaldante, estes Novos Baianos. **M.L.**



Sea Lion

Ruby Suns

Auckland, Nova Zelândia

Ryan McPhun nasceu americano, tem pai neozelandês, viveu temporadas no Zimbábue e também andou, entre outros países, pela Tailândia. Em 2008, quando este fã babado dos Animal Collective (notava-se) editou "Sea Lion", a síntese conquistou-nos pela inocência festiva de canções com títulos em maori e areia no pé, com referências ao Quénia e a folk americana no pensamento, com a ideia de que o mundo é uma coisa bonita quando o sol brilha lá fora e somos jovens e felizes. Ou só felizes. Ou não muito felizes, mas olhando o sol que brilha. **M.L.**



Asha Bhosle

Queen of Bollywood

Mumbai, Índia

Asha Bhosle é a estrela maior de Bollywood. Aos calcanhares chega apenas a irmã, Lata Mangeshkar. Juntas devem ter por sua conta mais de 70 por cento das bandas sonoras da indústria cinematográfica indiana durante as décadas de 60 e 70. Ainda hoje continuam a gravar, mas agora o seu timbre impossivelmente agudo é sobretudo a matriz que quem vem atrás tem de respeitar. Na voz de Asha, nada falha - funk, rock'n'roll, as mais variadas músicas tipicamente indianas - o que quer que aqueça (ainda mais) a temperatura em Mumbai. **G.F.**

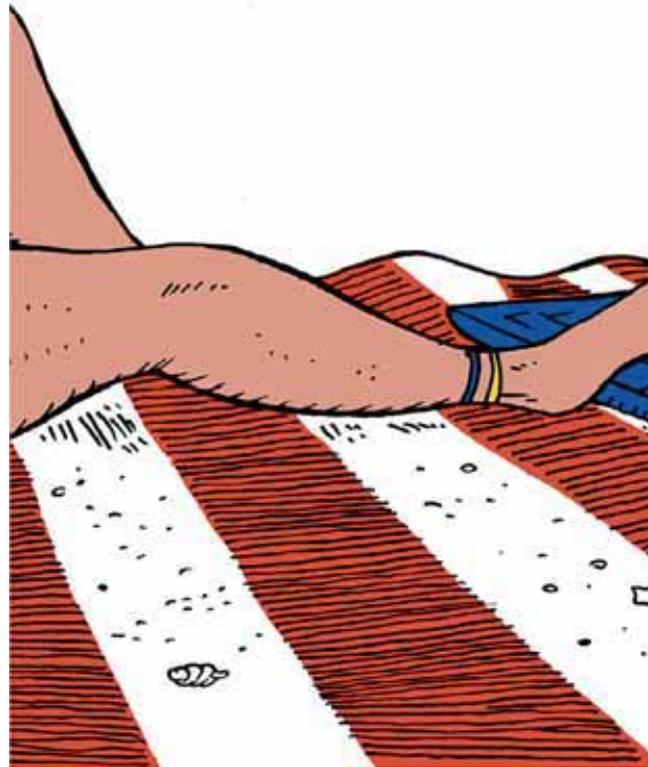


Blur

Parklife

Londres, Inglaterra

Inglês até à medula, com a herança dos Kinks completamente escarrapachada na crónica de costumes que perpassa os 16 temas do disco, "Parklife" saiu no mesmo ano que "Definitely Maybe", dos Oasis, e só alguém com três óites simultâneas conseguiria achar que havia semelhanças ou sequer que jogariam no mesmo campeonato. É o pico desta pop de fato-de-treino e cabelo desarranjado, que precede o cúmulo pop de "The Great Escape" e a posterior deriva para sonoridades mais americanas e, em seguida, universais. **G.F.**



Quando gostamos da vida

Um Verão, para aí 86, 87, 88: **Luís Miguel**

Oliveira ainda hoje não sabe que raio de coisas viu quando Tomar foi a sua

Cinemateca BBB-, para empregar

vocabulário Moody's. Foi a sua única experiência com alucinogéneos: o Verão

passou num piscar de olhos.

**A despedida
serenidade
veraneante de
Harriet
Anderson**



Reprises de Verão

Os primeiros Bergman, inundados de luz, o senhor Hulot na praia e um casal perdido no mar, os sentimentos, às vezes violentos, no Verão, o terror de Bava, o delírio de Stroheim – como as velhas “reprises” de ontem, (re)descobrir os clássicos que a televisão já não consegue mostrar.



Mónica e o Desejo Sorrisos de uma Noite de Verão

Ingmar Bergman
CLMC - Castello Lopes

São os primeiros filmes de Bergman, um autor associado à ideia de morte, que mostram um olhar sobre uma certa inocência de espírito e um profundo desejo de luz e vida. Enquanto que “Mónica e o Desejo” e a despedida sensualidade veraneante de Harriet Andersson abriu os olhos da então futura “nova vaga” (o mais belo dos filmes”, segundo Godard). “Sorrisos de uma Noite de Verão”, o seu primeiro sucesso internacional, é uma tocante obra sobre o amor e a encarnação do seu desejo nas vidas cruzadas de casais e amantes.

Francisco Valente



Ontem, Hoje e Amanhã Matrimónio à Italiana

Vittorio de Sica
Um Dia Inesquecível
Ettore Scola
Alambique

Três filmes que desenharam o desenvolvimento, ao longo de vinte anos, da química entre dois dos actores mais icónicos do cinema do século XX. Sophia Loren e Marcello Mastroianni. Três filmes que ressuscitam uma “idade de ouro” do cinema italiano: comédia em episódios, farsa descabelada, melodrama seco, três variações sobre um estilo truculento mas expansivo de fazer cinema que se perdeu para nunca mais voltar. Três filmes perfeitos para uma “temporada de →



deixou de ser), um artigo que punha as coisas como elas são: ou seja, exactamente ao contrário. Quando não gostamos da vida, vamos ao cinema. Sabe o leitor qual foi, nos Estados Unidos, a “época dourada” da frequência das salas de cinema? O período correspondente à Grande Depressão, nos anos 30. Nunca na América se foi tanto ao cinema como nesses anos em que toda a gente andava satisfeitiíssima com a sua vida. Também não sei se o leitor teve ensejo de prestar atenção a um filme que passou pelos ecrãs portugueses há poucos meses, chamado “Os Dois da Nova Vaga”, e centrado em dois dos “pais fundadores” da cinefilia moderna, François Truffaut e Jean-Luc Godard. Mas viu com certeza o primeiro filme de Truffaut, “Os Quatrocentos Golpes”. Num como noutro, no Truffaut do documentário como no Truffaut em “alter ego” da ficção, vê-se bem como ir ao cinema era a mesma coisa que fugir, fugir da família ou fugir do orfanato ou da casa de correcção. Tudo menos coisa de gente feliz.

Gente feliz também não se via no definitivo ensaio filmado sobre a cinefilia, “Les Cinéphiles”, de Louis Skorecki, de que talvez o leitor tenha

sido um dos trinta ou quarenta espectadores que o foram ver à Cinemateca no ano passado, em presença do próprio Skorecki. Recordar-se-á, nesse caso, de como Skorecki filmava a (antiga) Cinemateca Francesa, em frente à Torre Eiffel: como se fosse um sepulcro, uma câmara mortuária, e quem lá entrasse fosse para um velório.

Tudo isto para dizer: os Verões são, até melhor prova, radicalmente inconciliáveis com os filmes e com os DVDs. Ou há Verão ou há filmes e DVDs. E se há filmes e DVDs, não há Verão. Há um belo filme, produto da cinefilia americana, que fala disto com alguma violência. Chama-se “Targets”, foi a primeira longa-metragem de Peter Bogdanovich. Mostra um “sniper” que se entretém a disparar sobre os casalinhos e demais gente de bem com a vida que passa as noites de Verão nos “drive-ins” tipicamente americanos. Como se quisesse acabar com aquilo, correr com aquela gente dali para fora. Como se dissesse, “já têm o Verão, que querem mais?”. Deixem os filmes para os outros que não têm Verão.

II – Em Tomar, semi-terra natal onde passei vários verões até ao fim da adolescência, não havia nada para fazer. Não para mim, lisboeta desenraizado e desenlaçado. Mas houve um Verão, para aí 86, 87, 88, já não sei dizer, em que subitamente a dificuldade estava na escolha. Duma assentada, havia três cinemas a funcionar regularmente e em simultâneo. Os Templários, sala dentro dum cinema comercial, que mais tarde a Atalanta viria a explorar e é hoje, julgo, a única sala tomarense com exhibições regulares; o velho Cine-Teatro, que mais tarde esteve em risco de cair nas garras da IURD ou coisa similar, voltou a ser durante esse Verão uma sala de cinema; e até o Cine-Esplanada, no Mochão, retomou, muitos anos depois (e penso que sem sequência), as projecções regulares ao ar livre. Todos praticavam uma “programação” criteriosamente aleatória, ao sabor das cópias que iam e vinham sabe-se lá de onde e para onde: num dia o “West Side Story”, depois o “Halloween 3” e o “Paris, Texas” do Wenders (destes lembro-me), entremeados por dúzias de subprodutos, séries Z razoavelmente acéfalas vindas da América ou de Hong Kong, onde não se reconhecia um nome no genérico nem um rosto no ecrã. Ainda hoje não sei que raio de coisas vi durante esse Verão em que Tomar foi a minha Cinemateca BBB-, para empregar vocabulário Moody’s. Mas vi tudo. Foi a minha única experiência com alucinogéneos. E bem sucedida: o Verão passou num piscar de olhos, e num instantinho estava outra vez em Lisboa.

**Quando não
gostamos da vida,
vamos ao cinema.
Sabe o leitor qual foi,
nos EUA, a “época
dourada” da
frequência das
salas? O período
correspondente à
Grande Depressão,
nos anos 30**

I – Aqui há uns anos, em França, várias empresas distribuidoras juntaram-se numa campanha publicitária para promover a frequência das salas de cinema. Encontraram um “slogan” que dizia mais ou menos isto: “quando gostamos da vida, vamos ao cinema”. Julgo até que a frase terminava com um ponto de exclamação, para ficar mais efusiva e assertiva, naquele tom “sempre em festa” que a publicidade gosta de usar para tudo, e especialmente quando a encomenda é trazer chusmas de gente, ao mesmo tempo e no mais curto lapso de tempo que for possível, para dentro de uma sala de cinema. Com ou sem o ponto de exclamação, era caso para fazer “hmmmm...”. “Hmmmm...”: quando gostamos da vida vamos enfiar-nos numa sala escura, reduzidos à imobilidade e ao silêncio durante duas horas, a olhar para um ecrã por onde, com grande probabilidade, desfila gente morta (ou gente que mata e morre) e tempos que não voltam mais (ou tempos que nunca viveremos)? Ou vamos antes para uma esplanada? Quando gostamos da vida, escolhemos a solidão? É que se está sempre sozinho numa sala de cinema, é por isso que as pessoas gostam de ir ao cinema em pares ou em grupos. Ou preferimos uma roda de imperiais com vista para o mar?

É um mito, evidentemente. Nessa altura, ainda em França, um excelente crítico que anda um bocado desaparecido, Frédéric Bonnaud, escreveu numa revista completamente desaparecida, “Les Inrockuptibles” (bela revista foi, bela revista



“A Rapariga da Mala”: apaixonamos peo impossível amor entre um inocente e a idílica mulher dos seus sonhos (tremenda Claudia Cardinale)

← Verão” que, à imagem das velhas “reprises” de ontem, permite (re) descobrir os clássicos que a televisão não mostra. **Jorge Mourinha**

As Férias do Senhor Hulot

Jacques Tati
Clap Filmes

É como o título diz: o Senhor Hulot vai de férias, no Verão, para a praia. Ainda hoje, um dos filmes mais populares de Tati, e um dos cumes do seu humor, perfeita exposição de um cómico que nasce de precisão matemática (como todo o grande humor) e de um trabalho de rarefação do quotidiano: ele há alguma coisa que faça rir mais do que o ruído das dobradiças de uma porta que abre e fecha? Claro que não, e foi Tati quem descobriu isso. Reedição da Clap Filmes, com “Aulas Nocturnas”, uma curta de 1967 (ano de “Playtime”) como extra **Luis Miguel Oliveira**



Cul-de-sac

Roman Polanski
Criterion

O terceiro filme de Polanski é talvez o seu mais delirante: uma história de contornos beckettianos num velho forte perdido no mar, residência isolada para as “férias permanentes” de um inadaptado casal (onde surge Françoise Dorléac) e um par de bandidos que aí encontra refúgio. Socorrendo-se do absurdo e de uma permanente inversão dos papéis das personagens, Polanski mostra, em tons cómicos, o nervo do seu cinema: a adaptação a um “habitat”, a frustração sexual do par e a claustrofobia das suas identidades. **FV.**



The Garden of the Finzi Contini

Vittorio De Sica
Arrow

“O Jardim Onde Vivemos” (título português) é um dos filmes mais apaixonantes da história do cinema. Vittorio De Sica presta a sua sensibilidade única para o retrato de uma abastada família judia italiana



Sophia Loren e Marcello Mastroianni, ícones do século XX

no final dos anos 30, cuja imaculada juventude vive na descoberta dos prazeres da vida dentro da estação idílica da sua isolada mansão, até que a invernal realidade política do exterior se abate sobre o seu mundo. **FV.**



Two-Lane Blacktop (1971)

Monte Hellman
Criterion

Para quem descobriu Monte Hellman com “Road to Nowhere”, recém-estreado em Portugal, esta riquíssima edição da Criterion (extras em barda, como habitualmente) é uma boa forma de conhecer a obra-prima do cineasta, e um título que, se passou despercebido à época, cada vez mais aparece como um filme crucial do cinema americano dos anos 70. Road-movie apático (e sorumbático), nihilista (e quase, quase, onanista), espeta no caixão dos “sixties” o prego que “Easy Rider” não teve coragem de espetar. E depois manda tudo para cremação, lançando fogo ao último fotograma do filme. **L.M.O.**



Um Verão Violento A Rapariga da Mala

Valerio Zurlini
Costa do Castelo

Puro calor, como só o cinema transmite aos nossos olhos, ou a tremenda paixão de quem ama timidamente: seria esta uma tentativa de definição do imenso cinema de Zurlini. Em “Um Verão Violento”, cria um inesquecível retrato de uma proibida paixão entre a viúva de um oficial e um jovem chamado para a fatalidade da guerra no Verão de 43, enquanto que em “A Rapariga da Mala”, apaixonamos pela história do impossível primeiro amor entre um inocente rapaz e a idílica mulher dos seus sonhos (uma tremenda Claudia Cardinale) **FV.**



Conto de Verão

Eric Rohmer
Midas Filmes

Eric Rohmer terá sido dos cineastas que maior profundidade deu à expressão dos sentimentos nas palavras e nos passos das suas personagens, criando filmes para as suas narrativas de paixão e as indecisões morais das suas relações. Em “Conto de Verão”, um dos seus quatro filmes de estações, Rohmer criou o percurso de um jovem solitário na busca de um reencontro amoroso, entre o calor de uma nova paisagem de férias, o desfazamento da sua paixão e os seus novos encontros, fonte essencial dos caminhos sentimentais do cinema rohmeriano. **FV.**



La Maschera del Demonio

Mario Bava
Terminal Video



Ou o nascimento do “horror gótico à italiana”: foi Mario Bava, quase sozinho, que o inventou, e fé-lo nesta sua primeira longa, datada de 1960. Baseado num conto de Gogol, fala de maldições familiares através do séculos (ou a degenerescência da aristocracia, de que os russos tanto gostavam de falar), e tem como protagonista Barbara Steele (musa do “horror gótico internacional”: também para os ingleses da Hammer e para os americanos da UIP). Sexo e morte, e um cenário na Cinecittà que em dois segundos, por acção do trabalho sobre as sombras e sobre os volumes arquitectónicos (Bava pensava, é óbvio, no “Ivan” de Eisenstein), se transforma nas entranhas da Rússia. Filme genial, numa edição italiana com muito material complementar (destaca-se um documentário biográfico sobre Bava, com algumas sumidades, Carpenter, Dante, Tim Burton, a desfazerem-se em elogios ao italiano). **L.M.O.**

Queen Kelly

Erich von Stroheim
Versus Entertainment



O último episódio da rocambolesca carreira de Erich von Stroheim como realizador. E o filme que Billy Wilder põe Stroheim e Gloria Swanson a ver no “Crepúsculo dos Deuses”, em abissal e crudelíssimo “efeito de real”. Filme incompleto (Swanson, que era a produtora, entrou em pânico com a escalada de custos e mandou parar tudo a meio da rodagem), é mesmo assim, na versão remediada em que sempre foi visto, uma coisa soberba – contém toda a amplitude do gesto largo de Stroheim, a sua mise en scène muito realista, muito física. Um bónus raro: o episódio da série “Cineastes de Notre Temps” sobre Stroheim feito pouco depois da morte dele (em 1957). Entre outras coisas, mostra Swanson a contar a sua versão dos acontecimentos. **L.M.O.**



“The Garden of the Finzi Contini”: os prazeres da vida dentro de uma isolada mansão, até que a invernal realidade do exterior se abate sobre esse mundo

FESTA DO LIVRO

DE 14 DE JULHO A 3 DE AGOSTO

VERÃO '11

OFERTAS EXCLUSIVAS FNAC

"Estante de Letras"
Ilustração exclusiva Chapéu para a Fnac

3 LIVROS* =
OFERTA SACO



2 LIVROS* =
OFERTA CADERNO**

Ofertas na compra de livros assinalados na campanha.

DESDE
8,08€



Preços, promoções e ofertas válidas na Fnac de 14 de Julho a 3 de Agosto de 2011, salvo ruptura de stock ou erro tipográfico. Descontos não acumuláveis com os 10% de desconto imediato para aderentes Cartão Fnac.

* de entre os livros seleccionados da Festa do Livro Fnac

** caderno de capa mole

Mais de 83.000 livros em fnac.pt



www.fnac.pt

A finlandesa Sofi Oksanen ganhou, em 2010, com "Purga", grande parte dos mais importantes prêmios literários europeus



A finlandesa Sofi Oksanen (n. 1977) ganhou, em 2010, com "Purga", grande parte dos mais importantes prêmios literários europeus a começar pelo "Prix Femina" para o melhor romance estrangeiro publicado em França; recebeu ainda o Prémio Europeu do Melhor Romance do Ano e o Prémio de Literatura do Conselho Nórdico (para o melhor romance publicado nos países nórdicos). Mas antes de ser um romance, "Purga" começou por ser uma peça de teatro. A história da Estónia (Oksanen é descendente de mãe estónia, que emigrou para a Finlândia na década de 70) em luta pela independência é-nos contada através de duas mulheres, a anciã Aliide, que vive numa zona re-

mota do país, e a jovem Zara, que conseguiu escapar ao tráfico de escravas sexuais pela máfia russa. A peça "Purga" encontra-se actualmente em cena no Teatro Aberto, com encenação de João Lourenço.

O Ípsilon falou com a autora sobre a trágica realidade emocional e política da Estónia no século XX, o papel das mulheres nos movimentos de resistência, as influências literárias, "o poder curativo da Arte", e o mais que se segue.

Como é que surgiu a ideia para a "Purga"?

Ouvi muitas lendas acerca dos "Irmãos da Floresta" [movimento de resistência armada à ocupação soviética dos Estados Bálticos, surgido

logo após a II Guerra Mundial e que durou até meados da década de 50], mas todas elas eram histórias sobre homens e nunca sobre mulheres, embora a ajuda essencial para esse movimento fosse feita tendo por base as explorações agrícolas (ou seja, as mulheres): o apoio médico, a comida, as roupas etc. Assim, as mulheres revelaram-se cruciais para a Resistência e essa é a razão pela qual foram sobretudo mulheres e crianças que foram levadas para a Sibéria durante a deportação massiva de 1949 - o poder soviético queria parar a actividade dos "Irmãos da Floresta", e só o conseguiria fazer se atingisse a base do apoio, as mulheres e as crianças. E isso resultou. Para além disso, queria

escrever sobre o modo como a violência sexual pode ser usada como arma de guerra - e que é a arma mais barata usada durante toda a História da guerra da Humanidade, ela consegue partir a coluna vertebral de toda a comunidade - e sobre as suas consequências em relação às escolhas que fazemos na vida e a parte psicológica.

Mas a acção decorre também na actualidade, com o tema do tráfico de mulheres pela máfia russa surgida logo após o desmembramento da União Soviética...

Interessam-me as relações de poder, as estruturas de poder. E também as diferentes maneiras de reagir a uma situação traumática. Depois da Guerra dos Balcãs, tornou-se óbvio que o mundo não mudou assim tanto - até mesmo na Europa foi possível, nos anos 90, ter campos de concentração para violações. Isso não deveria ter sido possível, mas foi. Então, como é que poderemos ter a certeza de que isso não tornará a acontecer? A arte dá-nos a possibilidade de descrever os indivíduos, não apenas como números, como as notícias o fazem, ou até mesmo os livros de História. A mente humana não é feita de modo a permitir-nos sentir compaixão e compreensão em relação a milhões de mortes humanas. Mas consegue fazer-nos sentir compaixão, empatia, e identificação com indivíduos, mesmo que eles sejam personagens ficticiais que vêm de um mundo completamente diferente do teu. Através deste tipo de experiência, conseguimos aprender muitas coisas sobre mundos e experiências diferentes, mas sobretudo compreender as pessoas que vêm de um mundo totalmente estranho. Desse modo, temos a possibilidade de diminuir a xenofobia e até mesmo o racismo. Também é importante a compreensão da experiência de uma vítima. Esse é o poder curativo da arte.

"Purga" surgiu primeiro como uma peça de teatro. Porquê?

Eu estudei dramaturgia em Helsínquia. O mundo do teatro não me era estranho. E, não sei bem porquê, decidi escrever uma peça. A teatralidade reside, contudo, no facto da reacção universal a uma experiência traumática ser a de evitar olhar as pessoas nos olhos. Quero dizer, as vítimas tentam agir de um modo tal, e o mais naturalmente possível, tentando evitar que olhem para elas, tentam tornar-se invisíveis, ou seja, através da teatralidade eu tento tornar visível a causa do trauma. Foi uma experiência. Sempre me interessaram as diferentes maneiras de reagir a uma situação traumática.

Sofi Oksanen e o poder ci

A trágica realidade emocional e política da Estónia no século XX, o papel das mulheres nos "o poder curativo da Arte", e o mais que se segue. A propósito de "Purga", romance e peça de



“A mente humana não é feita de modo a permitir-nos sentir compaixão em relação a milhões de mortes humanas. Mas consegue fazer-nos sentir compaixão, empatia, mesmo que eles sejam personagens ficcionais”

Como eram, nos tempos da URSS, as relações entre a Finlândia e a Estónia?

Muito complexas, e isto sobretudo devido à atmosfera política na Finlândia, em que, por exemplo, oficialmente, não era possível admitir, ou reconhecer, a existência de refugiados estónios. Depois do fim da II Guerra Mundial, a Finlândia entregou todos os refugiados estónios à URSS, por isso os estónios tiveram que fugir para a Suécia e para outros países que não tivessem esse pacto de devolução de refugiados. Por causa disto, a Estónia tinha muitas comunidades de refugiados em outros países; eles tinham escolas estónias, liceus estónios, editoras estónias e etc., mas não na Finlândia, embora esse fosse o país para onde era mais fácil ir, do ponto de vista geográfico. Depois, havia ainda o pacto de comércio bilateral entre a URSS e a Finlândia, que também teve forte impacto. (A Finlândia e a Índia eram os dois únicos países que não pertenciam ao Bloco de Leste e com os quais a União Soviética tinha acordos bilaterais comerciais). Isso tinha um enorme impacto na economia finlandesa, mas também no clima político. Por exemplo, “O Arquipélago de Gulag”, do Solzenitsin, não foi publicado na Finlândia por causa desse acordo de comércio, embora tivesse sido publicado em todos os países ocidentais. Esse tipo de política também influenciou a maneira como a História era ensinada nas escolas: de uma maneira que fosse aceitável para a União Soviética e isso,

como é óbvio, tinha pouco a ver com a realidade. Eu vivi tudo isso na escola finlandesa, quando era criança. **Mas apesar de tudo, a Finlândia também funcionava como uma janela para o mundo ocidental...** Sim, com os seus canais de televisão. Conseguia-se ver a televisão finlandesa na costa da Estónia. Obviamente, o KGB tentava interferir nas emissões mas as pessoas, assim que o KGB prendia as antenas que tinham, encontravam sempre maneira de fazer outras a partir de termómetros, etc. As pessoas nos movimentos “underground” eram activas de maneiras diferentes. Por exemplo, os poemas de Erik Rummo que eu usei em “Purga”, foram introduzidos na Finlândia pelo poeta Väinö Kirstinä. Durante o período soviético, Rummo era um poeta dissidente e tinha medo que os seus manuscritos fossem destruídos pelo KGB, por isso Väinö Kirstinä contrabandeou-os debaixo da sua T-Shirt e levou-os para um lugar seguro. Mas as bebidas alcoólicas sempre foram “a cola mais importante” entre a Finlândia e a Estónia. Quando saiu a lei contra as bebidas alcoólicas na Finlândia, eles passaram a beber álcool contrabandeado da Estónia. Mesmo durante a ocupação soviética, as bebidas alcoólicas eram muito mais baratas.

Com a sua ascendência estónia, ouviu muitas histórias dos tempos da União Soviética?

Sempre ouvi mais histórias na Estónia do que na Finlândia, apesar de ter nascido na Finlândia. Mas há sobretudo uma que sempre retive. A de uns familiares que ainda conheci, uma mãe e filha pequena. Um dia, encontraram no jardim um homem que lhes pediu ajuda e que fugia das forças russas. Elas não se atreveram a deixá-lo ali assim e recolheram-no, chegando a construir para ele um lugar para o esconderem dentro de casa. Mas alguém na aldeia o viu e informou a polícia, que veio e levou a rapariga para interrogar. Quando ela voltou do interrogatório, parecia estar bem fisicamente, mas a verdade é que nunca mais falou. Isso sempre me atormentou: o que era preciso fazer para que alguém deixasse de falar? Sempre ouvi histórias de pessoas que tinham escondido outras, por vezes durante anos.

Quais foram as suas influências literárias?

Todos os livros que li tiveram em mim alguma influência, mesmo aqueles que são maus. Mas influenciaram-me sobretudo as obras de Duras, Djuna Barnes, Solzenitsin, Jean Rhys, as irmãs Brontë, Aino Kallas, para nomear poucos. Também gosto muito de Kenzo Ishiguro e de Sarah Waters.

A peça “Purga” encontra-se actualmente em cena no Teatro Aberto, com encenação de João Lourenço: a história da Estónia através do diálogo entre duas mulheres

citemor

33º festival do montemor-o-velho 28 jul - 14 ago 2011
www.citemor.com www.citemor.blogspot.com

28 Jul (19:00) a 14 Ago | Alcova

LUÍS ALEGRE

PLAY THEM #02

Comissariado por José Magão do Carvalho

Qui 28 Jul | 22:30 | Teatro Estêr de Carvalho

ANTÓNIO JORGE GONÇALVES & PEDRO LOPES

CARTA BRANCA

Sex 29 e Sáb 30 Jul | 22:30 | Castelo

TEATRO DA GARAGEM

SEDE

Dom 31 Jul | 22:30 | Castelo

FRANCISCO CAMACHO

LOST RIDE

Qui 4 e Sex 5 Ago | 22:30 | Teatro Estêr de Carvalho

MARIANNE BAILLOT & ANTÓNIO PEDRO LOPES

MEASURE IT IN INCHES

Sáb 6 e Dom 7 Ago | 22:30 | Sala B

JOHN ROMÃO & PAULO CASTRO

MASSACRE

Qui 11 e Sex 12 Ago | 22:30 | Oficina Municipal

de Teatro - Coimbra

OLGA MESA

EL LAMENTO DE BLANCANIEVES

Sáb 13 e Dom 14 Ago | 19:00 | Quinta do Tapal

SERGI FÁUSTINO

ESTILO INTERNACIONAL. INVESTIGACIÓN ALREDEDOR DE UN CUERPO CAÑASADO

Sáb 13 e Dom 14 Ago | 22:30 | Sala B

ANA BUITRAGO

APUNTES MINIMOS

Sáb 13 e Dom 14 Ago | 24:00 | Bar

SERGI FÁUSTINO

660 GRANDES ÉXITOS



ENTRADA GRATUITA EM TODOS OS ESPECTÁCULOS DO FESTIVAL



urativo da arte

movimentos de resistência, as influências literárias, teatro que está em exibição em Lisboa. José Riço Direitinho

A morte prematura de Alexander McQueen em Fevereiro de 2010 suscitou inúmeras reacções de consternação entre colegas de profissão e admiradores, mas a comoção gerada pelo seu suicídio, aos 40 anos de idade, revelou mais do que uma perda do mundo da moda. As criações revolucionárias de McQueen partiam de um universo artístico entre os extremos da vida e da arte, imbuído de uma paixão romântica pelas possibilidades do corpo feminino.

Aí, McQueen usou a plataforma da moda para, à semelhança de um artista em qualquer outra área, expor a sua visão do mundo e tocar em todas as esferas do comportamento, elevando os nossos corpos, pulsões e a nossa história à dimensão de um novo e sumptuoso imaginário.

Kristin Knox, biógrafa de Alexander McQueen (“Alexander McQueen: Genius of a Generation”) e autora do blogue “The Clothes Whisperer”, salienta que o trabalho do designer britânico era marcado por “uma qualidade reservada aos grandes artistas e que associamos, de forma mais directa, aos poetas e pintores torturados.”

Para Knox, “se um artista não abraçar a vida em toda a sua extensão, e isso inclui a morte, a sua arte torna-se vazia e não consegue quebrar a superfície da artificialidade ou tocar em algo de verdadeiramente profundo”, diz ao Ípsilon. As diferentes divisões da exposição “Savage Beauty” acabam por ser, deste modo, entradas nas diversas dimensões do universo

de McQueen, alguém que dizia oscilar “entre a vida e a morte, a felicidade e a tristeza, o bem e o mal.”

Mas se o nome do criador britânico evoca extravagantes rupturas, os seus inícios partiram de um universo tradicional - Savile Row, rua dos alfaiates londrinos -, traço reflectido nas suas primeiras peças (no início dos anos 90) e que permitiu, posteriormente, uma desconstrução das tradicionais formas do corpo e do vestuário. “Foi precisamente a mestria de McQueen sobre a tradição e os princípios da costura que permitiu com que se rebelasse contra isso”, diz-nos Kristin Knox. “Não é possível entrarmos em conflito com a autoridade se não compreendermos como é que a tradição funciona. A arte é um diálogo que se forma de geração em geração, está invariavelmente ligada ao que foi feito antes. E McQueen, ao ver-se como um artista e não apenas um designer de moda, não podia simplesmente cortar com a influência e inspiração dos grandes mestres do passado.”

Uma alma romântica

Mas McQueen soube rapidamente traduzir as suas íntimas paixões num universo mais obscuro: a do romantismo e os seus contornos góticos. Algumas das suas peças mais conhecidas mostram um artista sob influência dos universos de H. P. Lovecraft, Edgar Allan Poe ou Tim Burton (a quem dedicou uma colecção). Habitar o universo de McQueen, aqui, é mergulhar, à

“Amar e estudar a História passa por um fascínio pela violência: a história do Ocidente foi escrita em sangue. E isso não é uma visão macabra mas um facto que McQueen nunca quis evitar”
Kristin Knox, biógrafa

semelhança desses autores, nas mais profundas dimensões do nosso imaginário, espelhadas em vigorosas peças que empossam o corpo feminino de uma elegante atracção por um abismo fantástico. “McQueen era obcecado pelo gótico e pelo romantismo”, diz-nos Kristin Knox. “Era um romântico no sentido do movimento do romantismo na viragem do séc. XVIII para o séc. XIX, tanto na arte como na literatura. É para a moda o que Lord Byron ou Percy Bysshe Shelley são para a literatura, ou mesmo o ‘Frankenstein’ de Mary Shelley.” Segundo Knox, a profundidade desta faceta do uni-

verso de McQueen não terá sido totalmente entendida durante a sua vida. “Aderiu aos princípios do romantismo de forma estreita, mas isso não era muito notado. A sua icónica caveira [motivo recorrente nas suas criações], é um bom exemplo: as pessoas tomaram-na apenas pela sua aparência ou enquanto símbolo rock’n’roll da estética punk de Londres, mas se olharmos para os românticos, Byron encarava a caveira humana como um talismã, pois acreditava que todas as partes naturais da experiência humana eram belas.” Segundo Knox, “a morte, para os românticos, era a experiência natural por excelência e a sua inevitabilidade o único denominador comum do nosso mundo, fazendo dela algo de bonito e sublime.”

As poderosas peças de McQueen, negros e longos vestidos adornados de cabedal, máscaras ou penas, lançam a personalidade feminina como extraordinária figura de ficção e realidade, movendo-se entre desejos de conquista, elegância e autoridade. E no percurso da exposição, a sua divisão de “anjos negros” torna-se, do mesmo modo, numa intimidante e hipnótica entrada na rica complexidade da visão de um autor.

A semelhança dos românticos, McQueen construiu também a sua própria história sentimental a partir das suas raízes. Dividido entre as suas origens escocesas e o seu amor pela Inglaterra, pegaria na violenta história de sangue do Reino Unido para ali-

Alexander McQueen mãos de tesoura

A exposição “Savage Beauty”, no Metropolitan Museum of Art, em Nova Iorque, mergulha nas várias dimensões do imaginário - romântico - de um designer de moda que se impôs como genial artista.

É para a moda o que “Frankenstein” de Mary Shelley é para a literatura, diz Kristin Knox, sua biógrafa.

Francisco Valente, em Nova Iorque





FINAIRE O'REILLY/REUTERS



FINAIRE O'REILLY/REUTERS

mentar o seu apaixonado mundo, nomeadamente na colecção "Highland Rape" (1995-96), um grito de revolta tanto contra a pacatez expressiva dos designers de moda britânicos, como uma evocação de um conflito intrínseco às relações culturais do reino. "O sangue é um elemento que percorre ambos os campos do seu trabalho: o que nos liga às nossas famílias e o que foi derramado, durante séculos, sobre o solo inglês", afirma Kristin Knox. "Amar e estudar a História passa por um fascínio pela violência: a história do Ocidente foi escrita em sangue. E isso não é uma visão macabra mas um facto que McQueen nunca quis evitar, como tantos outros que apenas olham para uma visão pitoresca da vida dos séculos passados."

Peça da colecção "Highland Rape" (à esquerda); em cima: vestido usado por Kate Moss num desfile em que "apareceu" como um holograma; em dos seus desfiles - melhor seria dizer: uma das suas instalações

Um olhar sobre a mulher

Mas o interesse de McQueen ia para além do choque de uma história da violência ou de recriações fantasiosas de um particular universo. A sua obsessão focava-se, essencialmente, nas camadas assombradas da psique humana. As suas referências históricas passavam, nas suas palavras reproduzidas na exposição, por "mentes de mulheres do passado, como Catarina a Grande, Maria Antonieta, Joana



FRANCOIS GUILLOT/AFAP

d'Arc ou Colette, mulheres icónicas, pessoas condenadas", figuras que serviam de referência para um tempo presente. Segundo Knox, "McQueen estava mais interessado no mito que existia por trás da figura da mulher. Ao imbuí-la de uma espécie de poder titânico, entrega-lhes o poder, indo muito além daquilo que tradicionalmente se faz na moda. Não se trata de colocar mulheres contra homens ou qualquer tipo de moda feminista, mas

de consagrar a mulher como criadora de toda a vida."

A inovação estilística e artística de McQueen estendeu-se, assim, para a desconstrução da figura feminina, salientando as particularidades das suas formas e das suas invulgares feições físicas. Na exposição, lemos McQueen definir-se como "um cirurgião plástico com uma faca na mão", desenvolvendo um lado fetichista que adornava as mulheres com objectos

vindos de um "gabinete de curiosidades", acessórios inclassificáveis que remetem para o universo de "Irmãos Inseparáveis" (1988), filme de David Cronenberg sobre dois gémeos ginecologistas cujos objectos de trabalho se inspiravam nas mais mutantes fantasias sobre o corpo. Como Cronenberg, a sexualidade das suas peças atravessou todo o seu trabalho, tal como uma agenda escondida que move um profundo desejo de experimentação sobre as formas da paixão humana. Em "Savage Beauty", o "quarto das maravilhas" onde se dividem tais objectos mostra um dos momentos mais icónicos dos desfiles: dois robots que pintam um vestido branco sobre uma modelo presa a uma plataforma em rodopio, mecanizando uma experimentação directamente feita sobre o seu físico e a pura forma do seu vestuário.

Surge, então, outra particularidade de McQueen: o fantasma do efêmero que assombra a sua criação e a natureza sexual do seu trabalho. "Os seus desfiles expressavam a totalidade do seu trabalho artístico, correspondiam mais a trabalhos de instalação do que a um desfile", diz-nos Knox. "As suas roupas suscitavam sempre uma grande admiração, mas a magia da sua mensagem desfazia-se na desmontagem das peças para a venda a retalho. O conjunto da visão apagava-se no momento em que McQueen desaparecia e as modelos trocavam de roupa para o desfile seguinte", afirma. "Os românticos, mais uma vez, eram obcecados pela beleza do efêmero e do fugaz, e os desfiles de Alexander McQueen transmitiam essa filosofia de forma bastante poética."

Um dos seus momentos mais memoráveis encontra-se reproduzido numa instalação vídeo: um desfile encerrado numa gigante caixa de vidro, jogando com os reflexos que o público tem de si próprio e a presença fechada de modelos sem olhar para o exterior. A performance atinge o ponto máximo após a queda da estrutura de vidro, e a repentina revelação de um corpo nu totalmente distinto dos lisos corpos das modelos, deitado no centro do percurso e de máscara posta. McQueen desafiava, assim, as noções de percepção e uma pré-concebida ideia de porte e beleza, fazendo desse corpo estranho, e fora de tempo, o maior momento de espanto e admiração de toda a actuação.

Por essa realização, chamava os nosso sentidos para vivermos no seu mundo: um palco, entre a tradição de um porte e a radical experimentação artística, para o supremo desejo e a eterna elegância do universo das pulsões humanas.

"Os românticos eram obcecados pela beleza do efêmero e do fugaz, e os desfiles de Alexander McQueen transmitiam essa filosofia de forma bastante poética"
Kristin Knox

Algumas das suas peças mostram um artista sob influência de H.P. Lovecraft, Edgar Allan Poe ou Tim Burton

FRANCOIS GUILLOT/AFAP



As Electrelane chegam a Barcelos no domingo à noite - lamentavelmente, não tocam na piscina

Um festival de Verão é um festival de Verão - a não ser que às duas da tarde de uma sexta-feira (esta sexta-feira) estejamos de mojito na mão dentro de uma piscina em Barcelos a ver o primeiro concerto da quarta edição do Milhões de Festa. Ao contrário dos festivais de Verão que são festivais de Verão que são festivais de Verão, este que começa hoje na tal piscina com os Hill e acaba domingo com Electrelane e Radio Moscow não tem o alto patrocínio de uma operadora de telecomunicações, não tem filas de trânsito, não tem 30 mil pessoas em cima (de momento, o limite não é o céu: são as quatro, cinco mil pessoas que a zona ribeirinha de Barcelos pode acomodar, o que já são milhões para um festival que começou em 2006 num bar do Porto com mais gente a tocar do que a assistir aos concertos) - mas tem uma pequena nação "hipster" com ele. E esta coisa um tanto ou quanto freak - mas mais verosímil do que parece à distância - de querer fazer Barcelona em Barcelos.

Antes de ser esta história colectiva (com um "link" para outra história colectiva, a "cena" de Barcelos), o Milhões de Festa é a história pessoal de Joaquim Durães (o "Fua", no quem-é-quem da "cena"), que em 2004 foi para Barcelona fazer o trabalho final de um curso que nunca chegou a acabar. "Para a apresentação multimédia que tinha de entregar, decidi registar o movimento 'underground' de Barcelona. Passei lá quatro meses - acho que não falhei um único concerto.

Secret Chiefs 3 "Estou muito curioso por ver como é que vão encerrar a 'tournee' em Barcelos, até porque já nos prometeram um concerto especial"

Amanhã, à 1h30, no Palco Milhões

Mas aquilo não era só a música, era uma cena em que todo o pessoal se ajudava. Quando regresssei ao Porto e comecei a editar aquele material, pensei: 'Quero ter isto cá e sentir o mesmo"', explica, numa mesa do Café au Lait, no Porto, "set" regular das operações Lovers & Lollypops.

A editora que fundou em 2005, quando desistiu ("era inevitável") do curso, foi a continuação desse instinto por outros meios, mais profissionais do que as "fanzines" que escrevia e editava na escola secundária, ainda em Barcelos - onde já havia ("sempre houve") uma cena mesmo antes de

"O Milhões de Festa será sempre um festival familiar em que as pessoas que vão se confundem com as que organizam, as bandas andam no meio público, e parece que toda a gente se conhece"
Joaquim Durães



os jornais de fora começarem a escrever sobre ela. Nessa altura, "organizava uns concertos para as festas de lançamento das 'fanzines'", tipo brinde; com a Lovers & Lollypops começou a editar CD-R (Lobster, Green Machine, Veados com Fome, Tropa Macaca) e acabou a agenciar bandas estrangeiras (isto antes de se atirar para a piscina do Milhões de Festa). "É a lógica natural: editas bandas, organizas concertos para as tuas bandas, depois começa a agenciar concertos de bandas estrangeiras - para mim, isso foi a forma de pôr as minhas bandas em contacto com a força viva do 'underground' americano e inglês. O Milhões de Festa é o sítio onde conseguimos fazer isso melhor", diz Durães.

Este Milhões de Festa - o quarto, se contarmos com a primeira edição falhada de 2006, "featuring" Riding Panico "e uma série de bandas americanas que ainda hoje são super desconhecidas", e com a segunda, no Censura Prévia, em Braga, que era para ter sido "só uma maneira de juntar toda a gente e dar por encerrado um ciclo de dois anos de Lovers & Lollypops, nunca um festival" - é mais ou menos a Barcelona possível numa cidade portuguesa com 20 mil habitantes e uma câmara municipal que descobriu

Festival para gente molhada

Milhões de Festa não é só o estranho nome de um festival de Verão que, estranhamente que chegue, começa hoje numa piscina com os Hill e acaba domingo no rio com as Electrelane e os Radio Moscow. É Barcelos como se fosse Barcelona - entre outros mitos urbanos. *Inês Nadais*



Liars “É uma banda que faz parte da história da Lovers & Lollypops: termos trazido cá os Liars foi o nosso ponto de viragem, marca o momento em que nos tornámos profissionais”

Hoje, às 2h, no Palco Milhões

(através de um artigo do Ípsilon) que tinha uma “cena” no quintal das traseiras. “Em 2010, quando decidimos voltar ao Milhões de Festa e pedimos apoio logístico à Câmara, tivemos a grande sorte de ter acabado de sair no Ípsilon uma reportagem sobre as bandas de Barcelos. O executivo tinha acabado de mudar e gostou da ideia - agora já vemos os vereadores entusiasmados a decidirem que concertos é que vão querer ver. Acabámos por conseguir um apoio financeiro a 50 por cento”, conta “Fua”, que actualmente organiza o Milhões com mais duas pessoas, o atelier de comunicação Bolos Quentes, um assessor de imprensa e um “intermediário” na Câmara (no resto do ano, coordena a parte editorial da Lovers & Lollypops, faz produção no Plano B e agencia bandas).

Não há filas de gente para entrar no festival nem filas de gente a organizar a coisa, mas há filas de bandas em Barcelos - milhões, mais coisa, menos coisa, incluindo Black Bombaim e Glockenwise, os dois últimos brilhantes da Lovers & Lollypops. “Barce-

los tem um sem-número de bandas, mas não tem nenhum palco onde elas possam apresentar-se, nem nenhum evento culturalmente relevante. Foi isso que dissemos à Câmara Municipal”, explica o director do festival. Esta é a parte objectiva da história sobre a maneira como isto começou - a parte subjectiva é aquela onde entra um local hero” avistado em tempos em Vilar de Mouros, o Milhões, que nunca ninguém voltou a ver mas ficou imortalizado no nome do festival. Essa parte, que é também a das piadas privadas sobre o “chungwave” (há palestra sobre essa outra “cena”, paralela à de Barcelos, com as obrigatorias demonstrações Powerpoint: é amanhã, às 19h, no Bar do Xano), a revista “Vai-se” (versão apócrifa da “Vice”), os cabos, a aeróbica na piscina, a única banda que não pode faltar uma edição que seja do Milhões de Festa (Riding Pânico) e outros mitos urbanos não saberíamos contar - mas é coisa para tratarmos por tu daqui a algumas horas, não muitas (já dissemos que há mojitots?).

A família Milhões

Com os seus cinco palcos, mais os eventos paralelos organizados pela Lula Gigante no auditório da Biblioteca Municipal e pela webzine Bodyspace, que vai pôr (e filmar, para mais tarde recordar) Filho da Mãe no Largo do Apoio e Tigrala na Azenha, o Milhões de Festa é possivelmente o maior pequeno festival do Verão por-

tuguês - e o mais singular. O cartaz não é a cara de uma TMN ou de uma Super Bock qualquer - é a cara da Lovers & Lollypops, para não dizermos a cara do “Fua”: “O alinhamento começa por ser uma escolha egoísta - são as bandas que eu quero ver. Mas também não estou alheado do que as pessoas querem ver. Depois há as bandas portuguesas que editámos e que resumem o nosso trabalho no último ano, as que fazem parte da história da Lovers - como os Liars, que marcam o momento em que começámos a ser profissionais da organização de concertos, e uma série de outras que já tinham acabado e que se juntam de propósito só para tocar no Milhões (nuns casos em concertos que serão de despedida, noutros em concertos que serão de relançamento)”.

Parte do que se vai passar até domingo entre a piscina e a praia fluvial, entre o Palco Milhões e o Palco Vice, entre os Hill e os Radio Moscow, entre as duas da tarde e as seis da manhã já se passou noutros acontecimentos Lovers & Lollypops: “Há bandas absolutamente incríveis que já trouxemos mas que só tiveram 20 pessoas a assistir - e que sabemos que se forem apresentadas a 500 ou mil pessoas vão ser um sucesso”. Essa margem de decisão é o único ponto inegociável para Joaquim Durães: “Não queremos uma marca a apoderar-se do Milhões, e a programação é inegociável. É claro que ter um patrocinador grande podia permitir baixar o preço do festival - para quem organiza e para o público. Já tivemos algumas aproximações, mas o Milhões ainda é muito fresco para que as marcas queiram arriscar. E será sempre um festival para não mais de cinco mil pessoas, um festival familiar em que as pessoas que vão se confundem com as que organizam, as bandas andam no meio público, e parece que toda a gente se conhece - e se não se conhece passa a conhecer-se ao fim de três dias”.

Isso, diz “Fua”, é uma coisa muito de Barcelos. “O espírito da ‘cena’ de Barcelos é muito aquela imagem mítica que temos dos Sex Pistols a tocarem num bar para 50 pessoas, e a seguir essas 50 pessoas formarem as suas próprias bandas. Se o teu vizinho mais velho consegue dar concertos e editar concertos, tu ficas a achar que também consegues. É um efeito bola-de-neve. Eu costumo dizer que toda a gente em Barcelos tem uma banda menos eu”. Certo, mas também mais ninguém tem um festival.

Este - e os que hão-de vir, com concertos de manhã e talvez uma noite temática Black Bombaim, a propósito do álbum que vão gravar em 2012, com convidados - é tudo o que Joaquim Durães viu em Barcelona, mas concentrado num fim-de-semana e com piscina (que é onde, muito Nanni Morettianamente, imaginamos as Electrelane a tocarem a sua nunca suficientemente idolatrada versão do “I’m on fire” do Bruce Springsteen): “Não há melhor maneira de acordar do que dentro de água a ver um concerto”.

Ver agenda de concertos pág. 34 e segs.

Joaquim Durães, o fundador da Lovers & Lollypops, é o rapaz Milhões de Festa



Radio Moscow “É a nossa banda preferida de sempre, e interromperam as gravações do disco de propósito para vir tocar ao Milhões”

Domingo, à 1h45, no Palco Milhões



NELSON GARRIDO

Quem tem memória visual de Lisboa nos anos de viragem 80-90 só pode lembrar-se dessa figura exótica e camaleónica de Luís Futre (primo do ex-jogador, e também ele vindo do Montijo), que encarnava com exuberância de acessórios e indumentária numa expressão petrificada, o imaginário marginal do rock. Luís Futre nunca tocou numa banda, mas apadrinhou a existência de várias e a sua coleção de discos anda por aí espalhada aos quatro ventos, a divulgar o rock e a inspirar a criação de novas bandas. Aos 44 anos, agora com o cabelo curto, uns óculos de massa e roupa mais discreta, a fazer lembrar os mods dos anos 60, Futre trabalha com Edgar Raposo na Groovie Records - que no mês passado esteve no Atelier Real, em Lisboa, promovendo uma série de encontros e sessões de trabalho com figuras centrais e marginais do rock português desde os anos 50.

Rock português, anos 50. Isso existe? Para a geração do Futre e do Edgar, que cresceu a ouvir dizer que o pai do rock português era o Rui Velloso, parece uma incongruência, mas a história do rock é um conto de fadas ruído e a realidade confunde-se com as lendas. A Groovie Records tem vindo a desenterrá-las do esquecimento. Primeiro no MySpace, depois em secretas edições em vinil, a editora anda a revelar o rock que se praticou em Portugal na transição para os anos 60 (Portuguese Nuggets), e também o que era tocado em Angola, Moçambique, África do Sul, Madagáscar (Cazumbi)! Em 2008, quando morreu Joaquim Costa, esse renegado do rock'n'roll, publicaram-lhe o primeiro disco.

Luís Futre conheceu Joaquim Costa (1936-2008) em 1985, na Feira da Ladra. "Estava com uma camisola dos Cramps, um cota veio ter comigo e perguntou: 'Não me consegues arranjar a compilação 'Rockabilly Psychosis', que tem o Phantom?' Fiquei fascinado pela pessoa, em virtude de acompanhar o rock'n'roll e a cena underground desde a década de 50." Joaquim Costa contou-lhe a história do rock português, a esquecida, a ignorada e a desconhecida. Ficou a saber que o rock chegou a Portugal através do cinema, e que foi o realizador Leitão de Barros a divulgá-lo, através das noites de Verão que organizava no Jardim da Estrela. Com o dinheiro que ganhou a actuar nessas festas, Joaquim Costa financiou sessões no estúdio da Rádio Graça, fez três ace-

tatos e criou as capas dos discos que haveriam de ficar inéditas até ao ano da sua morte. Futre ficou assim a conhecer aquele que foi um pioneiro da ética de trabalho "do-it-yourself", que ele mesmo haveria de fomentar em meados dos anos 90 com a editora Beekeeper, quando, associado a Elsa Pires, lançou o álbum "Teenagers from Outerspace".

Edgar Raposo, fundador da Groovie Records, era vizinho de Joaquim Costa. Actualmente trabalha com Pedro Carvalho Costa num documentário sobre ele: "O Joaquim foi um punk na atitude 'do-it-yourself', na rebeldia, no anti-sistema. Dizia que o rock era para ser cantado em inglês, que cantar rock em português era uma palhaçada. Tinha uma opinião muito própria e um conhecimento muito vasto sobre a história do rock'n'roll."

Daniel Bacelar (n. 1943) gravou o seu primeiro disco aos 17 anos e integrou Os Conchas. O seu percurso é exemplar do contexto sócio-profissional em que surgiram os pioneiros do rock em Portugal: empregado na TAP desde os 22 anos, com possibilidades para viajar, comprar discos e equipamento, o seu primeiro contacto com o rock foi através de uma "penpal" (amiga por correspondência para praticar inglês), que lhe enviou, era ele adolescente, duas canções de Ricky Nelson. A estreia de Daniel Bacelar em palco foi "pouco edificante", num programa da RTP ao vivo na Feira das Indústrias, acompanhado de Jorge Machado e o seu Conjunto. Tinha acabado de gravar um disco juntos e acharam que não era preciso ensaiar. "No dia seguinte telefonei para o Sr. Melo Pereira, director do departamento de programas recreativos da RTP, e ele respondeu-me: 'Pois é Daniel, o Jorge realmente meteu uma aguada desgraçada e todos nós vimos isso, mas quem se lixa é o mexilhão!' Vi imediatamente que seria muito difícil ter uma carreira artística. A aviação deu-me aquilo que muita gente não teve a oportunidade de ter: meter-me no avião e ir ver este ou aquele espectáculo em sítios bem longe, e conhecer gente bem interessante." O rock, para ele, passou a ser uma reunião entre amigos, nos intervalos do trabalho.

Um mundo desconhecido

Em colaboração com a Iplay, a Groovie Records prepara entretanto os discos dos grandes grupos da segunda geração de rock português (Quarteto 1111 e Filarmónica Fraude), assim

como uma série de bandas portuguesas originalmente editadas pela Rap-sódia e a Belter: Jess & James, Tartaros, Espaciais. "Existe mais um punhado de bandas que gostaríamos de ver disponíveis em formato LP, mas as negociações com as editoras responsáveis estão complicadas. Prefere ter o material guardado a apodrecer do que relançá-lo. Por vezes

parece que a tal ditadura rígida e inflexível [dos "anos de chumbo" do rock português] permanece, de alguma forma", lamenta Edgar Raposo.

Para João Carlos Calixto, investigador e documentalista musical (colabora com a RTP na série em produção "Estranha Forma de Vida", dedicada à música popular portuguesa desde a década de 30), José Cid é o nome

O rock chegou a Portugal através do realizador Leitão de Barros, que organizava umas festas à noite no Jardim da Estrela



Um passado redescoberto Em colaboração com a Iplay, a Groovie Records prepara a reedição dos discos dos grandes da segunda geração do rock português (Filarmónica Fraude, Quarteto 1111), e de uma série de bandas portuguesas, como os Jess & James

A lenda do rock português existiu

Antes do "Chico Fininho", a história do rock português já ia longa. Primeiro no MySpace e depois Records anda a desenterrar a história ignorada, mas épica, do tempo em que o rock ainda era

Subida de temperatura em Sines

Amanhã, o Festival Músicas do Mundo recebe um dos mais esbraseados concertos dos últimos tempos. Congotronics vs. Rockers junta os congoleseos dos Konono nº1 e Kasai Allstars a gente como Deerhoof e Juana Molina. A argentina conta-nos como veio aqui parar. *Gonçalo Frota*



Foi há uns bons anos, Juana Molina já nem se lembra quantos. Foi ver um concerto de James Brown e a máquina de trituração funk possuiu-a de tal maneira que saiu de lá com a inspiração que tantas vezes assalta os músicos - uma vontade de ser igual, de fazer o mesmo que acabou de se ver executado na perfeição. Juana chegou à sua casa de Buenos Aires, carregou em cada interruptor que acende uma luz vermelha a sinalizar a chegada de corrente e a validação para a inspiração poder chegar, e reuniu em si toda a gigantesca massa de funk e soul que Brown lhe passara para o corpo. Aquela primeira nota, ela sabia-o bem, ia ser condutora de toda uma herança da melhor música negra que os EUA alguma vez produziram. Deu a primeira nota e nem foi precisa a segunda. “Meu Deus, não tenho nada, nada como aquilo dentro de mim”, pensou. “Era apenas inspiração, mas não havia nada que eu pudesse fazer que estivesse próximo daquela música”.

Essa proximidade, curiosamente, há muito que a sentia em relação à música africana, sem que alguma vez a cantora argentina tivesse sido obri-

gada a apresentar provas dessa relação. “Sempre me senti próxima de música muito tribal”, argumenta. “Muito embora aquilo que faço não soe tribal”. Por isso, o disco “Tradimods vs. Rockers” (que punha artistas europeus e americanos a revisitarem os originais da série Congotronics) caído do céu - um céu baixo, incandescente -, foi a oportunidade perfeita para perceber se havia algum fundamento nessa sensação que a habitava. Mas, tal como a história de James Brown lhe ensinou, não se trata de uma experiência transformadora em termos criativos. O facto de partilhar agora o palco com dez músicos africanos e outros nove europeus e norte-americanos - o concerto foi baptizado como Congotronics vs. Rockers -, apenas terá o condão de despertar nela aquilo que já existe e não de mudar profundamente o seu “modus operandi” artístico. “Sempre senti que não somos in-fluenciados por nada, sentimos-nos apenas inspirados em sermos mais nós próprios. É como se tivéssemos partes escondidas e algumas delas são despertadas por influências, mas

as partes que não temos não podem ser despertadas”.

Um planeta diferente

Tudo começou há um ano. Do nada, Juana Molina recebeu um convite para pegar num tema da série Congotronics e fazer dele o que quisesse. Conhecia os Konono nº1 de tê-los avistado no YouTube, mas acabou por gravar um tema dos Kasai Allstars. Na altura disse imediatamente que sim e atirou-se de cabeça. A única questão que lançou ao espelho, e que não a ocupou mais do que um par de segundos, “foi se seria uma boa ou má experiência - e seria sempre boa, mesmo que fosse má”. “As dúvidas a sério só viriam a assaltá-la mais tarde, quando começou a perguntar-se se seria tão forte quanto aquilo que via nos originais. Deixou-se disso, de comparar tamanhos e escalas, aceitou que eram apenas forças diferentes. E rendeu-se àquela que, para si, é a única forma de promover a aproximação de uma música africana que a fascina desde criança. “Quando era muito miúda achava que África era um planeta diferente e agora sinto que estou a chegar a esse planeta”.

Apesar de a música de Juana Molina - uma pop do avesso - não ser óbvia na sua ligação aos sons dos Konono nº1 e dos Kasai Allstars, a argentina diz que há uma justaposição perfeita na recusa de intelectualidade na música de ambos

“Quando era muito miúda achava que África era um planeta diferente e agora sinto que estou a chegar a esse planeta” Juana Molina

Apesar de a música de Juana Molina - uma pop do avesso, num flirt contínuo com a experimentação - não ser óbvia na sua ligação aos sons que pulam dos likembes electrificados dos Konono nº1 e dos Kasai Allstars, a argentina diz que há uma justaposição perfeita na recusa de intelectualidade na música de ambos. “Uma vez que não sou uma música intelectual, encontrei logo isso em comum, porque sempre senti que quando a música passa pelo cérebro então está aniquilada, já deixou de ser música, e é apenas um conceito. Eu prefiro evitar conceitos quando estou a fazer música”. O que interessa é, afinal, como o corpo sente a música, e não como a cabeça a interpreta.

Depois de passar pelas mãos de Juana Molina, a música dos Kasai transformou-se em “Hoy Supe que Viajas”. O resultado foi um dos mais entusiasmantes entre os 26 do mundo indie e electrónico que compunham “Tradimods vs. Rockers”, a par das participações de Animal Collective, Deerhoof ou Andrew Bird, e a argentina foi por isso chamada a integrar este encontro a meio caminho. Se os Konono e os Kasai já electrificavam precariamente os seus instrumentos, tornando as notas saídas dos likembes extraordinariamente explosivas e apelativas a ouvidos ocidentais, a tentativa de integrar esses elementos por Molina e companhia obrigou a tentar compreender o que ali se passava. Mas a resposta não é tão simples quanto se poderia esperar. Após várias actualizações do projecto Congotronics vs. Rockers o mistério em relação à música dos congoleseos mantém-se. Juana tem uma explicação inconclusiva: “Não é que não compreendamos os ritmos deles, é mais uma questão de os sentirmos de outra forma. Acabámos por encontrar uma forma de tocá-los com os nossos ritmos de uma maneira que resulta para todos”. Essa abordagem intuitiva guia também a sua participação vocal quando se junta ao canto em língala dos congoleseos. Ela sabe as sílabas de cor, mas não faz a mínima ideia do que está a cantar.

Este contacto mais íntimo entre dez músicos dos Konono e dos Kasai, mais Molina, Deerhoof, Wildbirds & Peacedrums, Matthew Mehlman (dos Skeletons) e Vincent Kenis (produtor de todos os volumes dos Congotronics) deverá resultar num novo disco, já em preparação. Há três canções novas feitas para este grupo específico, duas integram já o espectáculo e nos próximos tempos o repertório deverá inchar até ocupar uma rodela de CD. O próximo Congotronics será, portanto, um disco de cruzamento. Até porque, já se percebeu, o filão não será interminável.



Não percamos tempo. Directos ao assunto: “Arabia Mountain”, o sexto álbum dos americanos Black Lips, é uma preciosidade que guardaremos junto ao coração e bem alojada na memória para resposta rápida e indignada sempre que alguém nos aborrecer com a falta de excitação provocada pelo rock’n’roll actual. São a excepção que confirma a regra nesta história da “Retromania” que o Simon Reynolds que tanto admiramos transformou em livro.

“Arabia Mountain”, portanto. A felicidade assegurada, no mínimo, às próximas quatro gerações, elas que andarão a levar com a crise, com um futuro nublado, com o terrorismo financeiro e todas essas coisas bonitas, logicamente inevitáveis, que os “amanhãs que cantam” deste capitalismo nos trouxeram. Felizmente para elas, as gerações de hoje e amanhã, existirão estas 16 canções e o futuro assemelhar-se-á a um mar de possibilidades. Será um dedo espetado na cara do conformismo do “respeitinho” e na perfeição “photoshop” da rebeldia encenada para anúncio publicitário.

Vemos o primeiro vídeo e salivamos. Gente em fato de banho correndo pela praia, mergulhando na praia, bebendo a boa e fiável cerveja na praia. Pessoal num navio a abanar pandeiretas, a bater palmas enquanto se ouvem as guitarras e as vozes que cantam a canção que nos põe de bem com a vida. Calor, Verão e o bom velho rock. “Go out and get it”, incita a canção, primeiro single de “Arabia Mountain”.

O vídeo foi gravado durante a “Bruise Cruise”, digressão a bordo de um navio entre Miami e Nassau que em Fevereiro juntou a banda de Atlanta a gente respeitável como Thee Oh Sees, Vivian Girls ou Strange Boys. Olhamos para tudo aquilo, ouvimos a alegria festiva daquela canção e a incitação “faz-te à vida que ela está aí para a agarrares” do título e só podemos pensar que os Black Lips têm por estes dias uma bela vida - porque o vídeo será certamente ficção encenada para as câmaras mas, conhecendo os Black Lips como conhecemos, nem tanto assim: suspeitamos que seja mesmo filme na boa tradição realista.

Já tocaram em Tijuana para junkies, rockers e polícia local, já deram um concerto improvisado na Palestina porque, em digressão por Israel, acharam errado que os palestinianos não pudessem vê-los...

Passados vários meses daquele cruzeiro rock’n’roll, o guitarrista Cole Alexander, meia hora depois de o telefonema do Ipsilon interromper um ensaio da banda, então em digressão pela Escandinávia, irá despedir-se dizendo isto: “somos muito afortunados. Felizes e livres para fazermos o que quisermos”. É verdade. Podem trabalhar com Mark Ronson, o produtor de Amy Winehouse, Adele ou Duran Duran, sem que isso macule a energia selvagem da sua música. “Demónos maravilhosamente. Ele é muito humilde e não queria mudar nada do que fazemos”, conta Cole Alexander, especificando a contribuição: “Trouxe muitas palmas ardilosas, metais, um certo som de bateria”.

Deitar tudo cá para fora

Os Black Lips podem alterar o método utilizado até aqui em cada um dos álbuns, que consistia em juntarem-se durante uma semana e “deitar tudo para cá para fora”, e prolongar as sessões durante um ano, divididos por três estúdios - além de Ronson, trabalharam com o vizinho Lockett Pundt, dos Deerhunter. Isso não alterará a natureza instintiva da música. Cole Alexander: “As coisas surgiam ao acaso. Passou pelo estúdio um amigo que tocava metais e acabou no disco. O Mark [Ronson] falou-nos de alguém que tocava serrote e, como queríamos um toque étnico, gravou também. Gravámos durante um ano e, depois, escolhemos um grupo de canções que construíssem um álbum”. Que se chama “Arabia Mountain”, nome retirado a uma elevação no Estado da Geórgia que encontraram enquanto procuravam cenários para a capa do álbum e que joga com o lado “psicadélico absurdistas” do seu imaginário - surgem nas fotos de sessão como cowboys xamãs e, para além do tipo de letra escolhido para a capa do álbum, nada há de “arábico” nas canções.

Corey Alexander, na sua voz de rua de rua em filme de gangsters, dirá que os Black Lips tocam “para que os miúdos possam chegar ao punk, à música country, aos clássicos”

Os Black Lips tocam “para que os miúdos possam chegar ao punk, à música country, aos clássicos” Cole Alexander

música country, aos clássicos”. Tocam para que eles tenham acesso a algo “mais inteligente que estas coisas básicas pop que estão na televisão todo o dia”. Que tenham acesso, dizemos nós, a uma muito saudável selvajaria que distinga fotocópias rock’n’roll daquilo que é a sério. Música que seja uma erupção de energia transbordando das fontes originais para a mente de quatro tipos, Cole Alexander, Jared Swilley, Ian St. Pé e Joe Bradley, intocados pelo cinismo e pelo medo de parecer mal.

Essa capacidade provocar uma reacção entusiástica e visceral sem sequer tentarem - é-lhes natural -, criou uma lenda à sua volta. A de que são tresloucados e incontroláveis, correspondendo na perfeição ao romantismo de excessos que faz parte da mitologia rock’n’roll. Só que, neste caso, não é mitologia.

Já tocaram em Tijuana para junkies, rockers e polícia local, já deram um concerto improvisado na Palestina porque, em digressão por Israel, acharam errado que os palestinianos não pudessem vê-los. Já levaram porrada no Porto num concerto que deu para o torto e tiveram que fugir apressadamente da Índia com receio de serem presos por “exibição inapropriada de afecto” - eles que são demasiado punks para serem hippies, mas que não correspondem ao perfil “macho” do punk, beijam-se frequentemente em palco.

Há anos, durante um concerto na Caixa Económica Operário, em Lisboa, enquanto tocavam a canção hino “Bad kids”, um miúdo jovem, mas mesmo muito jovem, subiu a palco, agarrou no microfone e cantou a letra toda. À sua volta, mais dançavam e atiravam-se sobre os que estavam cá em baixo. A banda sorria e continuava, felicíssima e o cenário era belíssimo de se ver. Porque estava a acontecer naquele momento e era verdadeiro, não reprodução de clichés.

No final desse concerto, Ian St. Pé contou-nos que abandonara a faculdade em 2004 para se juntar à banda. Com o dinheiro que lhe sobrava da bolsa, comprou um carro e implantou duas fileiras de dentes de ouro. Foi o melhor investimento que alguma vez fez, disse-nos então. “Tenho o meu Cadillac e a banda. Não preciso de mais nada”. Eis os Black Lips, a mais fascinante banda rock’n’roll da actualidade.

Isto não é uma fotocópia. Isto é a sério

A lenda diz que os Black Lips são tresloucados e incontroláveis, correspondendo ao romantismo de excessos da mitologia rock’n’roll. Só que não é mitologia. “Arabia Mountain”, o melhor álbum da banda mais excitante que o mundo conhece neste momento, foi editado e o Ipsilon falou com o guitarrista Cole Alexander. *Mário Lopes*

Velhas glórias em topo de forma

A dupla de pontas-de-lança da electrónica esquisita portuguesa, Kubik e Stealing Orchestra, voltam ao activo com os respectivos terceiros discos: menos frenéticos, mais polidos e mais certos. E o caríssimo leitor, vai continuar a não lhes ligar nenhuma? *João Bonifácio*



João Mascarenhas é o cérebro retorcido que conduz a Stealing Orchestra aos becos mais labirínticos da mente humana. É um eternamente desconfiado dos discursos pop. Dizia-nos que “um tipo que tenta fazer uma melodia - isso é música experimental”, e exemplificava: “O ‘Pet Sounds’ dos Beach Boys... não há disco mais experimental e no entanto é melodioso e bonito”. O terceiro LP da Stealing Orchestra, “Deliverance”, levou oito anos a surgir.

Ali no final do século XX, início do século XXI, mesmo a seguir à música electrónica ter tido um dos seus picos de exposição, dois rapazes portugueses puseram cá para fora coisas tão estranhas que assim à primeira vista quase pareciam estrangeiros.

Primeiro, em 1998, surgiu Kubik, que se estreou com "Oblique Music", uma distopia de colagens que inventava um mundo apocalíptico pós-Amon Tobim. Kubik surgia como uma espécie de costureira do demo, resgatando blocos de música ultra-obscura e colando-as numa estratégia de choque e pavor. Uns anos depois Mike Patton, sujeito com um cérebro anormal, admirou a beleza comovente dos bichos que Kubik criava.

O país, ingrato, borrifou-se para Kubik e borrifou-se-ia igualmente para a Stealing Orchestra, que se estreou em 2000 com "Stereogamy", seguido do EP "É Português? Não Gosto!", de 2001. Vampiros vorazes, os moços da Stealing Orchestra pegavam na música de cartoons, no easy-listening, espancavam estes e outros géneros e devolviam-nos com amor e carinho, devidamente esquarterados.

(Um pequeno aparte: isto estava a acontecer em Portugal. Deviam ter tido laudas, poemas épicos, groupies a rasgar a roupa, estátuas pagas por autarcas corruptos. Mas não. Apenas meia-dúzia de tolinhos atentos - possivelmente gente que não toma banho -, manifestamente pouco para tanta criatividade.)

Kubik era o "alias" de Victor Afonso, professor de música da Guarda nascido em 1969, escassos anos mais velho que João Mascarenhas, o cérebro retorcido que conduz a Stealing Orchestra aos becos mais labirínticos da mente humana. Afonso e Mascarenhas não pertencem apenas à mesma geração, são antes uma espécie de gémeos siameses criados em lares adotivos diferentes.

As diferenças entre eles

Ambos partilhavam um amor inextinguível por toda a música criada nas margens da história oficial da música popular, ambos têm uma paixão cinéfila que se nota na música, ambos cresceram de certo modo próximos da música industrial e ambos exerciam um corte e costura como se sofressem de um défice de atenção cognitiva.

E ambos demoram o seu tempo a parir. O terceiro disco de Kubik, "Psicotic Jazz Hall", acabado de lançar, dista seis anos de "Metamorphosis", o segundo. E o terceiro LP da Stealing Orchestra, "Deliverance", levou oito anos a surgir.

"É curioso", dizia-nos Mascarenhas, um tripeiro, ao telefone do Porto, "nascemos na mesma altura, lançámos sempre discos na mesma altura, demorámos mais ou menos o mesmo tempo entre cada disco. Nós curtimo-nos e gostamos do que cada um faz, mas não andamos a par do que cada um está a fazer, é um acaso [as coincidências de edição]".

As razões da demora de cada um

são diferentes, no entanto. Afonso tinha o disco pronto "há dois anos", mas não saiu antes porque "nenhuma editora tinha dinheiro para avançar com a edição". Entretanto fez música para teatro, companhias de dança e para filmes mudos. Mascarenhas é menos linear nas suas explicações: "Houve uns anos em que não fiz nada", explica. "Estava desempregado e quando se está desempregado o tempo nunca dá para nada - sentes que estás a perder tempo essencial. Por isso adias tudo. Depois fui montando o meu negócio e não fiz nada até estar tudo a funcionar". De há três anos para cá, no entanto, saíram-lhe "oito ou nove Eps".

As diferenças entre eles não acabam aqui. Afonso é mais conceptual, ponderado e cerebral. Cada frase sua é pensada e medida, como um conjunto de dominós que segue uma sequência. Mascarenhas salta de frase em frase, deixando respostas a meio, como um Lego que encaixa nas partes erradas. Afonso é Tetris, Mascarenhas é SuperMario (provavelmente será outro jogo qualquer com mais morte e sangue, mas serve de exemplo).

Ainda não é a canção, mas...

Tendo produzido algum do som mais arriscado alguma vez feito em Portugal, ambos chegam a este ponto do campeonato - em que já são duas velhas glórias da música portuguesa, dois guardiões da mística do balneário - fazendo discos que denotam uma maior acalmia ou decréscimo de frenesim. O que não é um defeito - é feito.

"Os discos anteriores", dizia-nos Afonso ao telefone da Guarda, "jogavam muito no choque e na confrontação". Eram discos em que a justaposição de samples funcionava pela

Tendo produzido algum do som mais arriscado alguma vez feito em Portugal, ambos chegam a este ponto do campeonato - em que já são duas velhas glórias da música portuguesa, dois guardiões da mística do balneário - fazendo discos que denotam uma maior acalmia ou decréscimo de frenesim. O que não é um defeito - é feito

"distância" de universos, por assim dizer. "Não abdiquei dessa ideia, mas procurei que houvesse uma naturalidade na passagem [de uma vinheta sonora para outra]". Diz, sem sentimento de culpa, que procurou "uma certa ortodoxia de construção".

"Isto ainda não é formato canção, mas chega a uma certa normalidade", acrescenta, antes ir um pouco mais longe: "Se há álbum em que insisto muito na veia melódica, é este. Aqui procurei muito poucas dissonâncias", explica, reportando-se a uma das marcas dos seus discos anteriores.

Este discurso aproxima-se do de Mascarenhas. Já no fim da entrevista, e num registo mais coloquial, o líder da Stealing Orchestra, eternamente desconfiado dos discursos pop, diz-nos que "um tipo que tenta fazer uma melodia - isso é música experimental", e exemplificava: "O 'Pet Sounds' dos Beach Boys... não há disco mais experimental e no entanto é melódico e bonito".

As palavras por vezes levam ao engano e podíamos ser tentados a pensar que tanto Afonso como Mascarenhas amansaram. Mas não é tanto disso que se trata, é antes uma questão de domínio sobre os materiais, de controlo sobre cada elemento da - vá - canção.

"No início", explica Mascarenhas, "é-se mais brusco a comportar. Mas à medida que vais aprendendo a trabalhar o som encontras uma fluidez e as coisas encaixam melhor. Quando és mais novo há coisas que fazes que dão muito nas vistas mas que no fundo são má produção, má composição, má estética. As coisas têm de ser feitas de modo a que quando esteja tudo acabado pareça que só podia ser assim".

A inspiração para "Psicotic Jazz Hall" nasceu de um disco de Pascal Comelade, "Psicotic Music Hall". "O disco caiu-me aqui no computador", diz Afonso. "O Comelade sempre foi uma influência. Pensei que seria interessante refazer aquele conceito a partir do jazz, que tinha estado muito presente nos meus dois discos anteriores".

Esta presença jazzística acabou por definir "Psicotic Music Hall" como o final da trilogia iniciada há uma década. De certa forma é como se ao longo desses três discos fôssemos assistindo ao aprimorar de uma linguagem que, grosso modo, segue uma linha: "Eu tenho um colossal banco de samples e o meu métier é a forma como organizo e dou coerência a toda esta narrativa musical".

A distinguir "Psicotic Jazz Hall" dos seus antecessores, além da maior polidez, há um maior "investimento nos metais e nas linhas de baixo".

Com a Stealing Orchestra a evolução também é notória: do easy-listening e da música de cartoon chegam hoje a uma espécie de prog-tudo. A base, como sempre, são os samples, que obedecem às estranhas regras de Mascarenhas. Por exemplo: "Nunca sample coisas de que gosto, senão nunca mais consigo ouvir aquilo [que gosto]".

Há outra particularidade que não mudou ao longo dos anos: Mascarenhas não é um melómano. "Não gosto de cenas e não gosto de movimentos. Nos movimentos levas com a banda boa, a má e as mais ou menos. Agora dizem que há uma série de bandas de Nova Iorque. Não sei quem são, nem quero saber". A própria forma de escutar discos determina um pouco o som que faz. "Os meus amigos dizem-me sempre que nunca ouço uma canção até ao fim. Mostro-lhes uma canção e digo 'Agora ouve esta parte'. Acaba essa parte e eu: 'Já chega, agora vamos para outra canção'".

Ainda há muito dessa irrequietude na Stealing Orchestra, mas agora a paleta abriu-se como se no cerne de "Deliverance" estivesse a explicação do mundo. Ou como se o disco fosse a versão musical de "Árvore da Vida", o último filme de Malick, comparação que deixa Mascarenhas exultante. "Isso é o melhor elogio que me podem fazer. Adorei o filme".

O povo, contudo, passará ao lado dos novos discos de Kubik e da Stealing Orchestra. Durante anos uma possível explicação para o caso foi dada: era música pouco emocional, ou demasiado cerebral, se preferirem. Mascarenhas não concorda. Diz que o que faz "é um tipo de música bastante emocional, que explora coisas mais complexas que os desaires de amor da pop".

Talvez ainda tenhamos de pedir a um neurocientista para decidir quem tem razão. Mas com mais emoção ou com mais cérebro (isso interessa?) a classe de final de anos 60, início dos anos 70 mostra ter afinado os seus talentos até um limite que há uma década não imaginávamos.



Kubik aka Vítor Afonso. O terceiro disco de Kubik, "Psicotic Jazz Hall", acabado de lançar, dista seis anos de "Metamorphosis", o segundo. Afonso tinha o disco pronto "há dois anos", mas não saiu antes porque "nenhuma editora tinha dinheiro para avançar com a edição." É sem sentimento de culpa que assume que procurou "uma certa ortodoxia de construção" do álbum.

João Penalva a três vozes

Pinta, esculpe, faz fotografia, escreve, foi cantor, actor, bailarino. A exposição que abre hoje, no CAM da Gulbenkian, em Lisboa, é uma retrospectiva importante de um dos artistas mais internacionais da arte portuguesa. Trabalhos a três vozes: a do texto, a das imagens ou objectos e, finalmente, a muito importante voz criativa do espectador. *Nuno Crespo*



FOTOGRAFIAS DE RUI GALDINO

João Penalva (n. Lisboa, 1949) é um contador de histórias. Está-nos sempre a contar coisas sobre pessoas, objectos, cidades e paisagens. Entrar numa sua exposição é como entrar num filme: as suas obras, constituídas quase sempre por uma relação intensa e complexa entre imagem, objectos e texto, obrigam os movimentos de aproximação e afastamento, a fazer cortes, a focar pormenores, a ler as legendas, a percorrer como um “travelling” as linhas desenhadas pelos textos e imagens nas paredes. Neste universo todos os elementos são importantes e a linha de separação entre ficção e realidade é ténue e está sempre a ser transgredida pelo artista quando constrói as suas intensas e imensas alegorias.

A transgressão de territórios é a sua mais frequente metodologia e, como diz, Penalva é “fascinado” pelas questões do género artístico: interessa-lhe questionar o que é a pintura, a escultura, o cinema. Um incessante colocar de questões possibilitado pelo seu imenso virtuosismo: Penalva pinta, esculpe, faz fotografia, escreve, foi cantor, actor, bailarino e, como escreve a curadora da exposição Isabel Carlos, “encarna e circula por todos estes papéis.”

Quando, por exemplo, pensa na distinção entre pintura e escultura lembra-se da história que um professor em Londres lhe contava: “as pinturas são aquelas coisas que quando não há luz morrem.” Uma ironia que Penalva torna mais densa quando a aplica à escultura: “quando contei essa descrição a um amigo escultor ele acrescentou que as esculturas são aquelas coisas que quando se apagam as luzes as pessoas se matam.” Esta anedota ilustra bem a ironia que caracteriza os seu trabalhos.

Pode dizer-se que o grande acontecimento do trabalho de João Penalva não está nem nas imagens que faz, nem nos textos que escreve, nem nas intensas atmosferas criadas para as suas peças, mas sim no espaço que surge entre o que é apresentado e proposto pelo artista e a leitura que o espectador faz de todos esses elementos. Como disse ao Ípsilon: “é indispensável que o espectador não seja passivo, mas também é preciso dar-lhe o material necessário para que a sua criatividade surja naturalmente. O filme paralelo que quero que o espectador faça depende daquilo que eu lhe dou.” Exige um espectador criativo, dinâmico e fluido que se disponha a fazer exercícios imaginativos e a compor a histórias a partir dos elementos fragmentários que o artista fornece.

O produzido e o encontrado

Desta forma pode dizer-se serem trabalhos a três vozes: a voz do texto, a das imagens ou dos objectos e, finalmente, a muito importante voz criativa do espectador. Esta última surge a partir da acção de leitura (ou se preferir: interpretação) dos elementos que o artista coloca à disposição e que apresentam inúmeras possibilidades de sentidos e leitura. Que se possa ler uma imagem como se lê um texto, ou seja, que se possa tirar o mesmo tipo de conclusões e mensagens é um aspecto relevante no dispositivo criativo deste artista. Por isso esta é uma “uma exposição legendada e a legenda é muito importante” afirma.

O Japão, tema comum em muitas das ficções de João Penalva, é um caso exemplar da forma como se lê as imagens: “o meu acesso à cultura do Japão foi sempre mediado pela legenda. E esse espaço criado pela legenda

Uma obra que vive da permanente transformação dos textos em imagens e das imagens em texto

cria três vozes diferentes: a voz do filme, a voz sem personagem da legenda e a voz de quem lê a legenda.” O fascínio por este país deve-se ao facto de “ser um país com uma linguagem que não falo e com uma cultura a que só tenho acesso de uma maneira visual: é sempre um filme sem legendas passado numa língua que não falo.” Nestas afirmações fica claro que a imagem é o elemento que toma a dianteira na formação das narrativas: “Os textos são sempre escritos por mim, mas começo quase sempre pela imagem.”

Se imagens e palavras são os elementos primeiros das suas operações criativas, o contexto onde apresenta as obras não tem menor importância. Cada obra surge numa atmosfera precisa e rigorosa. Penalva prefere falar em contextos que são “criados e encenados. Evito a palavra teatro, porque as coisas só funcionam no teatro porque há uma distância que num museu ou numa galeria não existe. As minhas encenações são uma outra forma de teatro muito mais subtil porque não tenho aquela distância. Eu diria que enceno o contexto.”

Uma dramatização que não distrai do essencial porque, como diz, “nada funciona separadamente.” Uma ideia de obra de arte total onde todos os elementos são igualmente necessários, não existindo hierarquias: os pormenores não são maneirismos, mas exigências da ficção que Penalva quer que o espectador construa. Um método que garante a densidade e profundidade do todo. E é enquanto



uma totalidade com partes constituintes indistinguíveis que os trabalhos deste artista devem ser entendidos.

João Penalva recorre sempre a personagens enquanto elementos fundamentais das suas elaboradas ficções. A sua criação não procede de um método ou processo comum: “Os meus personagens são sempre criados para um contexto, surgem em função de uma peça. Mesmo que a peça não exista sem o personagem. Trata-se de



“Não me dá prazer reproduzir a realidade, mas sim integrar o que é real numa ficção”

desde os dezassete anos, a sua colecção viria a somar, segundo as suas próprias contas 987 objectos [...]. Como coleccionador, Loftur Ormsson distingue-se dos demais pela peculiaridade do propósito que o levaria a coleccionar: o desejo de, para cada objecto adquirido, lhe encontrar o seu par.”

Uma história para a qual é escusado encontrar os pontos de contacto com a realidade: tudo pode ser e não ser ao mesmo tempo, pois a linha de separação entre a realidade e a ficção é ténue, porque não há distinção entre o produzido e o encontrado, entre a alegoria e a descrição dos factos do mundo. E esta indistinção intensifica a criatividade da experiências destas obras.

Como diz Penalva: “não me dá prazer reproduzir a realidade, mas sim integrar o que é real numa ficção. A ficção tem a vantagem de ser construída e de ser eu quem a fabrica. Uma ficção dupla porque é feita de imagens e palavras.”

Mesmo sendo o texto uma dimensão fundamental do modo como faz as suas obras, não gostaria de escrever livros porque a maneira como escreve “é num contexto que não é comum: tenho a vantagem de ser artista visual e podendo eu juntar imagens e texto, porque é que eu haveria de querer escrever? A estrutura que criei no meu trabalho serve-me muito bem e não preciso de outra.”

Esta estrutura é o que lhe permite construir uma obra que vive da permanente transformação dos textos em imagens e das imagens em texto: tudo elementos para serem lido e integrados num sentido que é criado a cada momento e individualmente por cada um dos seus leitores. E esta transformação é feita através da imaginação e, conclui João Penalva, “é isso que me interessa”.

um processo sem método, não é nada linear ou lógico.”

As histórias não têm um tema dominante, mas são dominadas pelo acaso, pelo encontro e pelas descobertas que quotidianamente se fazem e que podem mudar a vida.

Numa das peças apresentadas na Gulbenkian surge um coleccionador para quem Penalva cria a biografia, os afectos e, claro, uma colecção de arte. No texto de apresentação de Loftur

Ormsson podemos ler: “nasceu a 1 de Março de 1940, em Akureyri, no Norte da Islândia, sendo a sua família abastada e culta. Estudou medicina em Reiquejavique, sem, no entanto, ter terminado o curso. Aos vinte e dois anos mudou-se para Estocolmo, onde completou o curso de Engenharia Mecânica. Casou aos vinte e cinco anos, em Estocolmo, com Anna Horelli, filha de pais finlandeses, divorciando-se seis anos depois. [...] É coleccionador

4ª Temporada Musical Romena em Portugal

TUBA PROJECT
PRESENTS **BLUE & BLACK**
an evening of contemporary jazz

keybo **Lucian Ban**
alto sax **Bruce Williams**
bari sax **Alex Harding**
drums **Derrek Phillips**
tuba **Bob Stewart**

Quinta-feira, 28 de Julho de 2011, 02h45
FESTIVAL MÚSICAS DO MUNDO SINES
Av. Vasco da Gama

Sexta-feira, 29 de Julho de 2011, 21h30
Museu do Oriente, Lisboa

design: www.escritoriadigital.pt

INSTITUTO CULTURAL ROMENO

FMM Sines
Festival Músicas do Mundo

FUNDAÇÃO ORIENTE MUSEU

cistermúsica
EM TORNO DE INÉLIX 20º FESTIVAL DE MÚSICA DE ALCOBACA

ULTIMOS ESPECTÁCULOS

Mika Väyrynen* ACOBEÇÃO
23 Julho - Sábado - 21h30 - Mosteiro de Alcobaca

Bichofonia Concertante JÚNIOR
OPUS FORMIGUINHA
24 Julho - Domingo - 11h00 - Cine-Teatro de Alcobaca

Marina Camponês FLAUTA
27 Julho - Quarta - 21h30 - Igreja Matriz de Pataias
28 Julho - Quinta - 21h30 - Igreja Matriz de S. Martinho do Porto

Richard Frank** PIANO
30 Julho - Sábado - 21h30 - Mosteiro de Alcobaca

Orq. Barroca da União Europeia
31 Julho - Domingo - 18h00 - Mosteiro de Alcobaca

Cistermúsica Formação
Masterclasses de *Acordeão (24 Julho) e ** Piano (21 Julho)

www.cistermusica.com

O teatro pode ser

Com “A Missão - Memórias de uma revolução”, Mónica Calle fecha o ciclo que dedicou ao dramaturgo Heiner Müller na Casa Conveniente em Lisboa. Traz para o palco dois actores, René Vidal e Mário Fernandes, com quem começou a trabalhar numa prisão.

E assim mostra, como sempre acreditou, que o teatro pode ser transformador. *Ana Dias Cordeiro*

A peça começa com dois abraços e duas danças com três personagens em palco, ao som da música da inglesa P.J. Harvey, no escuro de uma pequena sala, a Casa Conveniente, antiga Discoteca Lusitano, no Cais do Sodré, Lisboa. Poderia ser o abraço de dois amantes, à porta de uma prisão, no momento da saída em liberdade de um deles.

René Vidal, um dos actores, não se recorda dos pormenores da sua saída da cadeia de Vale de Judeus, no dia 22 de Abril. Acha, sem certeza absoluta, que foi a ex-namorada quem o foi buscar. Da sensação lembra-se: “Foi incrível.” E terá abraçado alguém.

Em palco, o que se vê é o abraço da amizade que nasceu do encontro entre o calor do teatro e o gelo da prisão e o abraço da esperança, diz a encenadora Mónica Calle. A esperança com que quis começar e terminar “A Missão - Recordações de uma revolução”, de Heiner Müller (1929-1995), que ontem estreou na Casa Conveniente, em Lisboa, está em cena até 31 de Julho (todos os dias, em sessões duplas, às 20h e às 22h), e fecha o ciclo dedicado ao dramaturgo alemão.

Mudanças a meio

Quando escolheu encenar “A Missão”, Calle pensou que faria, ela sozinha, de Galloudec, Sasportas, Debuissou, além de representar o Marinheiro e o Primeiro Amor. Mas quando René Vidal, em Abril, e Mário Fernandes, em Fevereiro, saíram de Vale de Judeus, deu a volta ao trabalho que tinha começado por fazer. Pensou no que poderia trazer deles. Queria incluí-los nesta peça que Müller escreveu em 1979 e que fala de opressão e traição, nos tempos da Revolução Francesa, com a missão falhada de três emissários da Convenção Francesa de organizar uma revolta de escravos na Jamaica. Um texto que diz muito do lado perverso do poder.

Calle queria também prolongar esta aventura, iniciada com uma formação de actores dentro de uma prisão, e que muito lhe ensinou: “Devemos olhar uns para os outros, para vermos para além daquilo que é evidente. É por isso que faço teatro. E porque acredito que o teatro é transformador. Vale de Judeus ensinou-me isso. O te-

atro abre espaço para que as pessoas existam na sua plenitude, com tudo o que têm.”

Trabalhar com René e Mário era pois algo importante para ela. “Passaram por coisas muito fortes”, diz a encenadora. “E isso está lá”, na apresentação.

René e Mário passaram pelas piores prisões do país. Caxias, Monsanto, Linhó, Coimbra, além de Vale de Judeus onde, entre muros, o teatro os levou para um lugar onde podiam sonhar e, por momentos, recuperar esse sentir de uma condição humana plena.

Aí conheceram a atriz e encenadora Mónica Calle que acreditou neles, porque neles reconheceu a força que desde sempre procura nos actores. “Aquele força poderosa.” E ao mesmo tempo uma delicadeza, uma alegria contida.

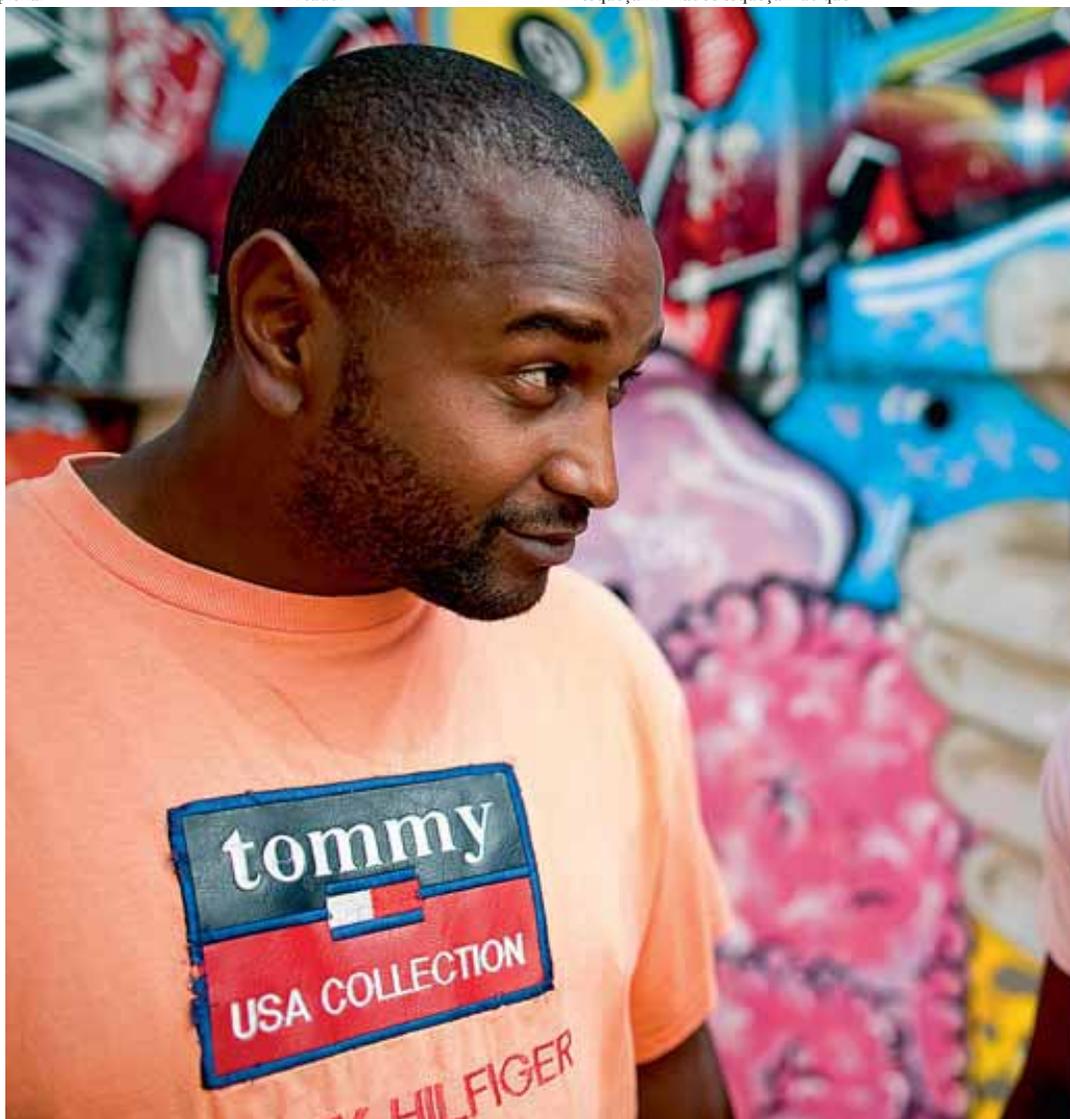
Seduziu-a esse misto de opostos, de força e fragilidade, de delicadeza e revolta; e a descoberta de que, afinal, dez anos na brutalidade de uma cadeia podem não destruir essa fragilidade, nem uma certa alegria que luz no olhar. “Essa alegria e delicadeza sobreviveram. Àquele sistema. A tudo.”

Cá fora, um e outro são as mesmas pessoas que Calle conheceu lá dentro. O que mudou foi o facto de a janela de normalidade que se abria todas as quartas-feiras à tarde quando o grupo se reunia (e continua a reunir) se expandir, passar a ser o espaço onde um e outro se movem agora naturalmente, num quotidiano em que o teatro é um trabalho, pelo qual recebem um ordenado, pelo menos enquanto esta peça estiver em cena e talvez para lá dela, acredita a encenadora.

Nos ensaios, Calle diz-lhes o mesmo que diz a todos os actores: “Não se esqueçam.” Não se esqueçam do que

René e Mário passaram pelas piores prisões. Caxias, Monsanto, Linhó, Coimbra, além de Vale de Judeus onde, entre muros, o teatro os levou para um lugar onde podiam sonhar

NUNO FERREIRA SANTOS



em Vale de Judeus

viveram, do que foram e são. “Digo-lhes o que digo a todos os actores com quem trabalho: ‘o estar em cena é também uma possibilidade de falares de ti mas de forma secreta. Podem falar de tudo sem que se saiba do que estão a falar’.” E falarão eles deles?

Uma nova entrega

“O que se passa lá dentro [da prisão], é o espelho do que se passa na rua. Mas mais violento” - palavras de Mário. “É mesmo ‘hard-core’. Temos que saber viver. Um gajo morreu por causa de um cigarro. O sistema obriga-te a ser duro. E lá dentro, há muito putito revoltado.”

Mário tem 31 anos, os últimos dez passados na prisão: travessia de um deserto sem nenhum raio de luz. O teatro foi um escape - uma salvação, quase se poderia dizer. “Na prisão, estamos na mão de Deus. Comecei a fazer teatro para começar a entregarme de novo.”

Esteve três anos, dos dez que cumpriu no total, em regime fechado 23

horas das 24 horas que tem o dia, na cadeia de alta segurança de Monsanto. “Sou frontal. Não me dobram.” E só por isso, garante, foi castigado já dentro do sistema prisional. Cumpria pena por furto mas, sobre isso, prefere não aprofundar. Considera que não lhe deram as condições para se defender, mas admite ter participado em muitos assaltos pelos quais nunca foi detido. Fê-lo porque lhe “faltaram as oportunidades”. Teve uma infância difícil, diz. A mãe cabo-verdiana criou os três filhos sozinha. Hoje, cinco meses depois de ter saído, ainda diz “sou um gajo muito revoltado” mas quer usar isso como força motora para ajudar os miúdos do seu bairro, Chelas, a não irem pelo mesmo caminho.

Na prisão, “nasceu um René completamente diferente, mais maduro, capaz de definir as coisas, aquele René que já sabe o que quer. Este René já existia.” Só não o sabia. Não foi o teatro que o transformou. Foi o estar lá só, a espera, como Godot de “a espera de Godot” que Mónica Calle

encenou dentro da prisão com todo o grupo. Foi o ter todo o tempo do mundo “para pensar” - palavras de René.

Saiu nos cinco sextos da pena, que era de 10 anos, depois de condenado por falsificação de documentos e associação criminosa. Admite a primeira parte - falsificava documentos, autorizações de residência. Ganhava dinheiro com isso, ao mesmo tempo que trabalhava nas obras. Mas considerava que foi injustamente julgado, quando lhe acrescentaram a acusação de “associação criminosa”.

Veio de Angola, província do Uíge, com o pai, para Chelas, Zona J. Tinha 14 anos. Conheceu outras coisas. Mas é agora, com 36 anos, que o mundo se abre à sua frente. Dentro e fora do palco. Mas sobretudo dentro. O teatro mexeu com ele, com o seu íntimo, o seu ser. E isso descobriu em Vale de Judeus, onde cumpriu quatro anos de uma pena que acabou por ficar pelos nove anos.

Foi nesse estabelecimento, onde mais de 500 pessoas cumprem penas altas, que reencontrou Mário. Antes disso, já eram amigos. Os dois cresceram na zona J.

Apesar da violência, que também sentiu na pele, chama aos outros reclusos “companheiros”. Para o trabalho de actor, vai buscar essa vivência. “Não é a revolta, é o sofrimento. Vou buscar o que eu passei. O sofrimento dos meus filhos. Aguentei todo este tempo por causa deles. Não os vi crescer. Tenho de fazer algo para que acreditem em mim.”

Na prisão, terminou o 12º ano, montou uma biblioteca na cela, com livros que comprava aos outros presos ou que mandava vir pelo “Círculo de Leitores”. Trabalhou na lavanderia, mas parou, preferindo ocupar o tempo com a leitura. Leu tudo o que pode e escreveu sete livros de poesia. Mudou, simplesmente. Antes de Vale de Judeus, esteve em Caxias e no Estabelecimento Prisional de Coimbra,

Devemos olhar uns para os outros, para vermos para além daquilo que é evidente. É por isso que faço teatro. E porque acredito que o teatro é transformador. Vale de Judeus ensinou-me isso. O teatro abre espaço para que as pessoas existam na sua plenitude, com tudo o que têm” Mónica Calle

onde integrou o Teatro do Oprimido. Depois, em Vale de Judeus, juntou-se a este projecto que começou (há dois anos) por se chamar “Endurance” e agora é o “Grupo de Teatro de Vale de Judeus”.

No início, uma carta

Como na peça de Müller - onde há uma carta sobre a missão falhada da revolta dos escravos, escrita no tempo da Revolução Francesa, e entregue quando a França já não é uma República, quando “a França é Napoleão” - na vida real, o “Grupo de Teatro de Vale de Judeus” começou com uma carta enviada por um grupo de reclusos

aos então director do Teatro Dona Maria II, Carlos Fragateiro.

Amândio Pinheiro, assessor de Fragateiro, e responsável pelas peças que entretanto o TDMII fazia no Teatro da Politécnica, agarrou a iniciativa, intuindo desde há muito que “o teatro é essencial para quem está isolado”.

Visitou a prisão pela primeira vez em 2008. Montou o projecto, com o acordo da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, ao qual se juntou a Casa Conveniente em 2009, e só então, com a entrada de mulheres, nesta prisão de homens, se quebrou verdadeiramente o gelo, e o trabalho de actor começou a dar frutos.

Desde então, apresentaram aos outros reclusos “Um eléctrico chamado desejo”, de Tennessee Williams e, antes, “A espera de Godot” de Samuel Beckett, apresentada pelo grupo em Vale de Judeus e em dois outros estabelecimentos prisionais. Foi por intuição que Mónica Calle escolheu, “e acertou”, diz Amândio Pinheiro, sobre “A espera de Godot”.

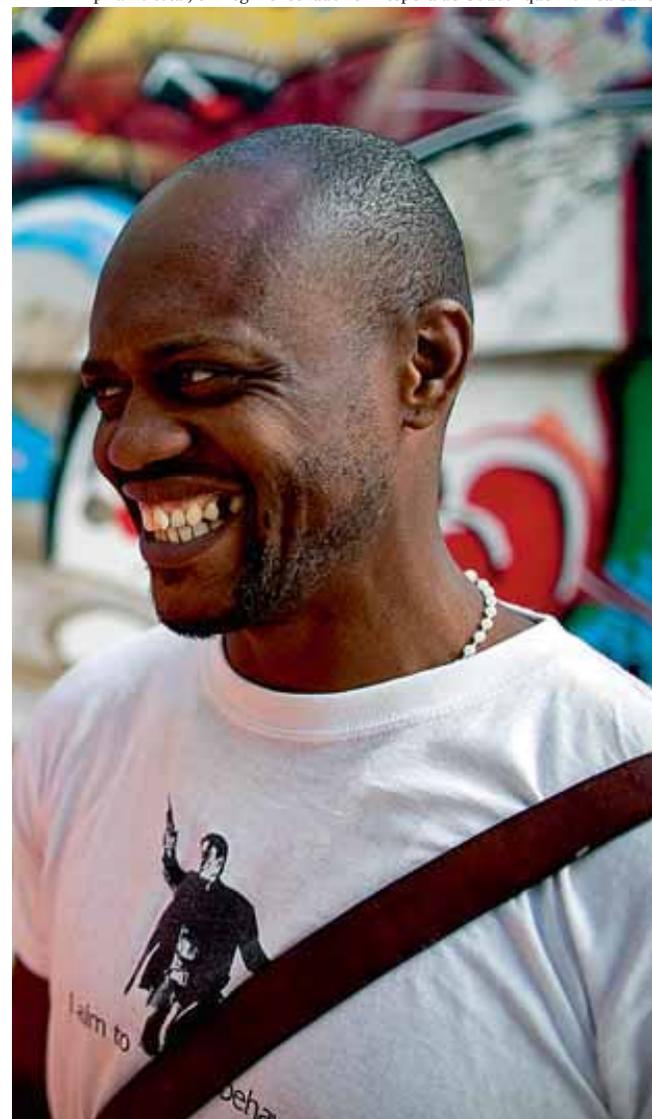
“Foi uma revelação para nós. Nunca nós conseguimos ter aquela força, aquela autenticidade a dizer aquelas palavras [de Beckett]”, acrescenta. Como se Beckett tivesse escrito este texto para reclusos. “Esta espera é o elemento natural onde eles passam os seus dias. Quem está mesmo à espera de Godot são eles.” Tudo demora, e quando têm esperança de que vão sair em liberdade, chega outro processo, que resulta de uma queixa por vingança ou não. Nesta prisão, as penas estão sempre a aumentar.” E mesmo quando não estão, a sensação que fica é que não há saída possível. “Em 99 por cento dos casos, os reclusos estão perdidos e de modo irremediável”, crê Amândio Pinheiro que acredita também que o teatro reabilita. “Eles não saem de lá pessoas melhores se não houver este lugar no meio daquela escuridão, um calor no meio daquele frio.”

Como acertou com Beckett, continua Amândio Pinheiro, Calle acertou agora com Heiner Müller e a “Missão”. “É um texto que fala de uma condição irremediável que era própria deles até há pouco tempo”, diz o fundador do colectivo “Causa” sobre René e Mário.

Para a encenadora e actriz, esta experiência estará a ser quase tão vital como para os actores. “Este projecto reconciliou-me com a ideia de que o teatro é um lugar-fora. Às vezes duvidava-se. Pensamos se não estamos a ser infantis ou utópicos. Mas não, é mesmo verdade, não andei enganada. O lugar do teatro é mesmo um lugar único, à parte, as coisas acontecem e esquecemo-nos do resto. Quer seja na Casa Conveniente, na Culturgest, em Vale de Judeus, ou noutro sítio, há esse lugar.”



Calle e os seus actores



Louis Garrel é muito alto, não gosta de andar de avião e tem como ambição ser o melhor palhaço do mundo. Uma destas afirmações não quadra com a seguinte declaração: “A arte é qualquer coisa que nos dá vontade de viver. É algo que aprendi nos filmes de François Truffaut”.

Mas o actor e realizador de 28 anos, coqueluche do cinema de autor francês graças à sua presença em “Os Sonhadores”, de Bernardo Bertolucci, ou “Em Paris” e “As Canções de Amor”, de Christophe Honoré, esforça-se em palco para provar que é tudo verdade. Aceitando o prémio de melhor ficção em competição no Curtas Vila do Conde com o mesmo charme que lhe é reconhecido no ecrã, falou de gravatas e do seu medo de andar de avião, não quis agradecer à equipa do filme “porque eles não estão aqui e portanto não iam ouvir e assim não vale a pena”, e desejou ao realizador João Nicolau (autor de “Rapace” e “A Espada e a Rosa”) que “a República Estética de Telheiras se concretize”.

Algumas horas antes, fora com toda a seriedade, e até alguma timidez, que conversara com o Ípsilon a propósito de “Petit Tailleur”, a sua segunda curta como realizador, cuja vitória na categoria de melhor ficção a concurso no Curtas 2011 motivou um desafio-relâmpago ao seu medo de voar para vir aceitar o prémio. Como dura 45 minutos, já não é bem uma curta e ainda não é uma longa: é um filme fora de formato. “Antes havia uma categoria chamada de média-metragem, mas é uma palavra infeliz: dá sempre a ideia que é um filme mediano. E não é isso. A curta-metragem é o amadorismo em estado puro - algo que se faz por amor ao cinema. E Jean Renoir dizia que o amadorismo deve sempre ser defendido porque contém em si a palavra amor.”

Dimensão táctil

“Petit Tailleur” sucede a “Mes Copains” (2008), e recorre ao mesmo grupo de amigos com quem Garrel faz teatro para contar a história romântica de um aprendiz de alfaiate (Arthur Igual) que se deixa seduzir por uma actriz mítomana (Léa Seydoux). Ao longo da nossa conversa, entre um café e um cigarro, o actor, aqui reali-

zador e argumentista, fica contente por vermos em “Petit Tailleur” os seus filmes e realizadores de cabeceira, não tanto como referências directas mas como presenças tutelares. Fala de John Cassavetes e do modo como ele libertou os actores; cita o seu Truffaut preferido, “Angústia” (que homenageou num plano); diz de Jean-Luc Godard que “Viver a Sua Vida” é “uma obra-prima absoluta, um dos melhores filmes de sempre”.

Do pai, Philippe Garrel, que já o dirigiu por várias vezes (a mais recente das quais em “Un été brûlant”, actualmente em finalização) distancia-se mais - “claro que aprendi muito com ele, porque o vi trabalhar muito. Mas tenho tendência a pedir-lhe conselhos mais técnicos, há um lado industrial do cinema que ele domina muito bem”. E gosta muito de Christophe Honoré, com quem já rodou seis vezes e que lhe deu os seus papéis mais carismáticos, porque, “nos seus filmes, ele sabe evitar o realismo quotidiano que parece ser o modo natural do cinema francês. O Christophe não tem interesse em seguir as regras do realismo convencional - não se preocupa se a história é plausível ou não, desde que o seja dentro do universo do filme”.

É precisamente por esse lado gasto, de reinvenção visual de uma “cidade-museu” onde “ainda é possível existirem aprendizagens em ateliers de alfaiataria à moda antiga!”, que Garrel filmou Paris em “Petit Tailleur”, indo de encontro à sua ideia de narrar “um conto de fadas”, uma fábula urbana. A escolha por rodar a preto e branco vem em parte daí - “evita esse quotidiano aborrecido, permite desfazer a realidade de um cenário que já conhecemos bem, recompôr as cores na nossa cabeça.”

Mas há uma outra razão, mais trivial: “iamos rodar muito à noite em exteriores, e as luzes de sódio dos candeeiros parisienses não passam bem a cores...”

E a escolha de rodar em película também não passa por uma questão de “reaccionarismo ou de passadismo. Não sou contra o digital, mas é verdade que existe uma dimensão táctil na película, há algo de mágico.” Refere-se a uma questão de história, de passado,



“A curta é algo que se faz por amor, mas, a partir do momento em que se passa à longa, há mais dinheiro envolvido, mais pessoas interessadas... O desafio é tentar guardar esse amor dentro dessa estrutura maior”

de algo que se perde com a passagem ao digital, que ilustra de modo exemplar com uma pequena história que lhe aconteceu. “Petit Tailleur” teve estreia em França, e ao fim de alguns dias amigos começaram a dizer-me que a cópia estava em muito mau estado. Fui ver e de facto estava deteriorada, com o som baço e muitos riscos... O projecionista explicou-me que era um problema da película da cópia, que era demasiado fina e se gastava muito depressa, e foi ele que me deu a solução: tirar uma cópia nova e lacá-la, usando laca normal, da que se usa nos cabeleiros. Assim fizemos e a cópia manteve-se impecável... É este tipo de segredos que corre o risco de se perder com o digital, um saber que deixa de existir.”

E é um saber para o qual Garrel olha com modéstia - embora já tenha

realizado uma terceira curta (onde pela primeira vez está dos dois lados da câmara), continua a pôr a representação à cabeça. “Não sou um autor, não sou um poeta. Realizo como se fosse actor, e tento ter um olhar dramático sobre as coisas - amar as personagens e os actores que as interpretam. Aliás, a posição do encenador realizador é uma invenção dos anos 1950, só depois é que o realizador se tornou na vedeta...”

E haverá uma passagem à longa? “É a pergunta a que procuro responder neste momento. A curta é algo que se faz por amor, mas, a partir do momento em que se passa à longa, há mais dinheiro envolvido, mais pessoas interessadas... O desafio é tentar guardar esse amor dentro dessa estrutura maior, mas sinceramente não sei se é possível. Ainda não encontrei a minha resposta. Mas idealmente, qualquer que seja o formato, o que é preciso é fazer filmes que estejam próximos de mim. É isso que procuro.” Se isso implica ou não ser o melhor palhaço do mundo, logo se verá.

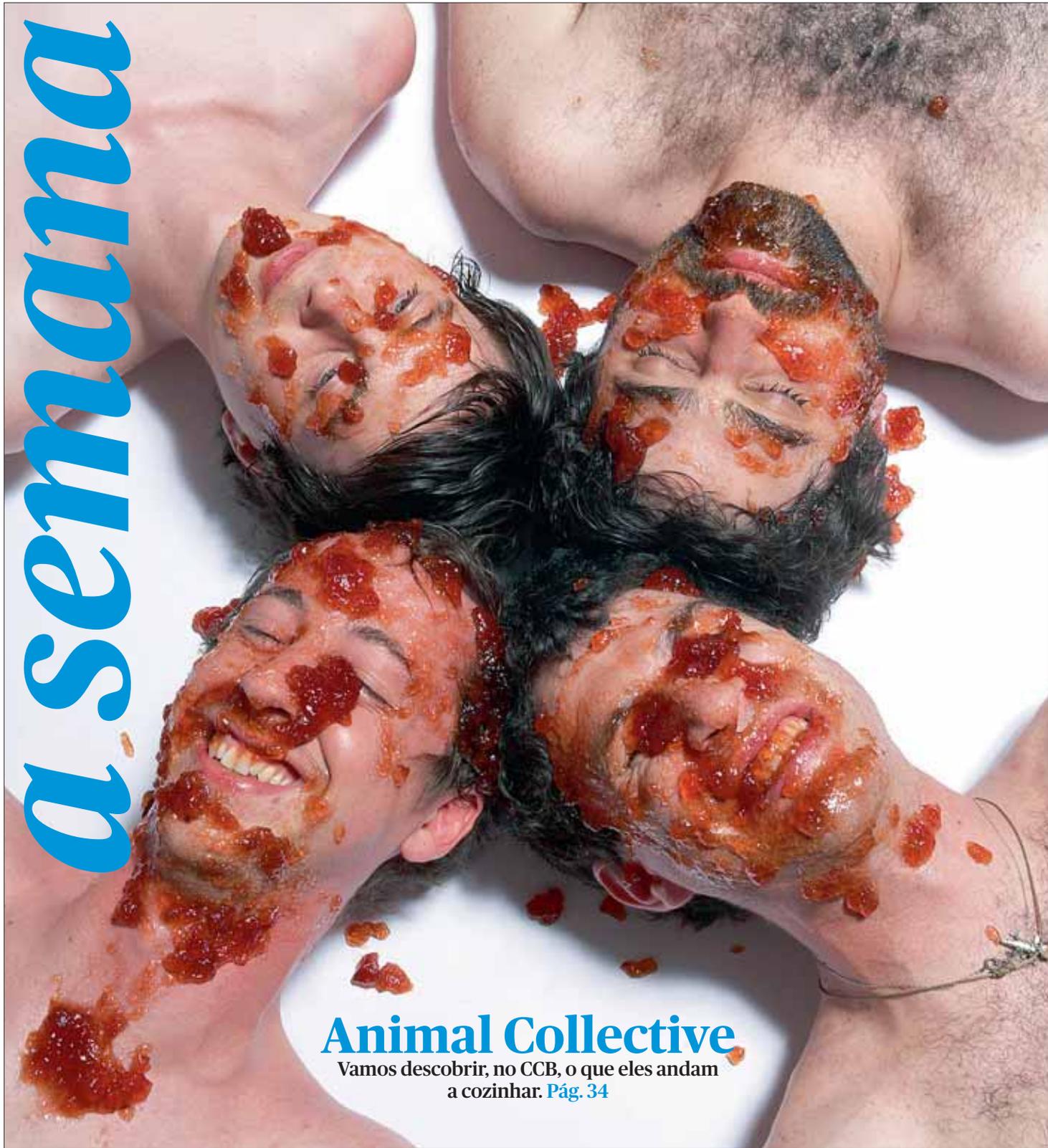
“Petit Tailleur” sucede a “Mes Copains” (2008), e recorre ao mesmo grupo de amigos com quem Garrel faz teatro

Louis Garrel realiza como se fosse actor

Em viagem-relâmpago a Vila do Conde para receber um prémio pela curta “Petit Tailleur”, o actor-fétiche de Christophe Honoré diz-se cineasta por amor, mas actor acima de tudo. *Jorge Mourinha*



a semana



Animal Collective

Vamos descobrir, no CCB, o que eles andam a cozinhar. Pág. 34

GRANDES CONCERTOS DO CASINO 2011

14 JULHO >>
01 SETEMBRO
22H30
TODAS AS 5as
ENTRADA LIVRE

Reservas de Mesa:
info@dlounge.net
+351 919 933 664



Visite a página Casino Red Carpet no Facebook e acesse a preséncia exclusiva, bilhetes para espetáculos e muitos outros prémios.

AUREA 28



THE LEGENDARY TIGERMAN 04



Vai ver se eu estou
online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site connosco.

Pop

Abrem-se as portas da criação

Privilégio: os Animal Collective no Centro Cultural de Belém. Mário Lopes

Animal Collective

Lisboa. Centro Cultural de Belém - Grande Auditório. Pç. Império, 24, 25, às 21h. Tel.: 213612400. 12€ a 30€.

Na primeira visita, em 2003, tocaram no Festival Número para algumas dezenas que os viram cantar, uivar, ulular e bater em percussão como em ritual índio, lançando diversas camadas de som sobre essa base em rumo livre. Causaram espanto e perplexidade.

Na segunda visita, em 2005, o concerto que vimos em Lisboa (tocaram também no Porto e em Coimbra) foi primeiro um "happening". Anunciado como local escolhido para o concerto um cacilheiro sobre o Tejo, o barco serviria afinal para transportar o público até ao Ginjal. Ai, num armazém de charme decadente, qual cenário de "rave" ilegal, os Animal Collective deram, sob o efeito de "Feels", aquele que terá sido um dos concertos da década em Portugal (não os vimos todos, naturalmente, mas neste caso arriscamos a hipérbole). Maravilhamento e euforia: pelo contexto, pelo envolvimento do espaço, por serem banda em estado de graça apresentando música que, tal como os grandes da história que os antecederam, era absurdamente acessível (no sentido de generosa, aberta a todos), mas criada com fervor experimentalista.

Três anos depois, regressaram para dois concertos, no Porto e em Lisboa. Já se conhecia "Strawberry Jam", o álbum que os colocou definitivamente no centro do universo estético do seu tempo. A paisagem pop descobriu por fim, ao sexto álbum, um cérebro ansioso por pesquisa e divagação, com vozes, guitarra, loops e percussão unindo-se num corpo híbrido, novo. Um minimalismo em frenesim e electrónica em mutação orgânica, imagens de futuro, contaminavam decisivamente estruturas pop guarnecidas de ecos Spector, harmonias Brian Wilson ou reverberações shoegaze. Mas, nos concertos, não se ouviu apenas isso que fora descoberto em "Strawberry Jam". Os Animal Collective utilizam as actuações como laboratório para novas canções, testando-as e moldando-as numa dinâmica criativa ininterrupta. E por isso, em 2008,



"Os animais reagem conforme os seus instintos, fazem o que sentem natural. Queríamos isso na nossa música", dizem os Animal Collective

ouvimos também um "Merriweather Post Pavillion", o álbum que saíria no ano seguinte, em gestação.

Sete anos depois da primeira e discreta passagem por Portugal, os Animal Collective estarão segunda-feira no Centro Cultural de Belém, muito distantes portanto da sala para umas dezenas em que se estrearam no país.

Há um par de meses, foram curadores do prestigiado All Tomorrow Parties, em Minehead, Inglaterra. Além das bandas presentes, seleccionaram a programação televisiva exibida nas casas que alojam o público. Escolheram filmes de terror, delírios psicadélicos e galhofa juvenil das décadas de 70 e 80. Faz todo o sentido. Nesta digressão, o palco tem sido decorado como homenagem em LSD à gruta de "Goonies". Nas fotos, vêem-se uma caveira multicores em destaque e morcegos vermelhos suspensos em redor dos músicos (infelizmente, a fragilidade dos adereços impediu o seu transporte até Lisboa). A novidade do desenho de palco não alterou porém a natureza da música.

Ouviremos algumas canções de "Merriweather Post Pavillion", mas principalmente aquilo que Panda Bear, Avey Tare, Geologist e Deakin (este de regresso aos concertos após uma ausência de quatro anos) preparam para o seu sucessor. Uma das bandas mais influentes do nosso tempo (à escala da rede global, pelo menos), autora de música que contribuiu justamente para o definir, abrindo-nos novamente a porta para o seu processo de criação. Nada mais do que a sua natureza.

Em Abril, Noah Lennox (Panda Bear) dissera, em entrevista relativa ao lançamento do seu último álbum a solo, "Tomboy", que o nome Animal Collective surgira da identificação

com "a forma como os animais se relacionam com o mundo". Explicou: "Reagem conforme os seus instintos, fazem o que sentem natural. Queríamos isso na nossa música". O concerto no Lux não será um salto no desconhecido (já nos conhecemos há algum tempo), mas terá o prazer da descoberta. Será nada menos do que um privilégio.

Jazz

Mrs. Schneider

Maria Schneider retoma a brilhante colaboração com a Orquestra Jazz de Matosinhos. Rodrigo Amado

Maria Schneider e Orquestra de Jazz de Matosinhos

Cascais. Parque Palmela. Av. Marginal. Amanhã, às 21h. 28€ a 35€.

Cool Jazz Fest 2011.

Coimbra. Quinta das Lágrimas. Estrada das Lages. Dom., 24, às 21h. Tel.: 239802380. 15€.

Festival das Artes - Paixões.

Com três novas apresentações em território nacional (ontem tocaram na Casa da Música, no Porto), a compositora e arranjadora norte-americana Maria Schneider e a Orquestra Jazz de Matosinhos retomam uma colaboração histórica que teve início em 2009, altura em que a orquestra

interpretou a música de Schneider num concerto dirigido pela própria compositora. Dirigindo novamente a orquestra num programa inteiramente preenchido pelas suas obras originais, Maria Schneider coloca em particular evidência o brilho daquela que é uma das mais extraordinárias formações orquestrais do nosso país. A expectativa para os concertos de amanhã em Cascais, no Parque Palmela, e domingo em Coimbra, na Quinta das Lágrimas, torna-se ainda maior com a anunciada participação dos convidados Nick Marchione, primeiro trompete da reputada Vanguard Jazz Orchestra, João Paulo Esteves da Silva e André Fernandes, dois dos mais brilhantes instrumentistas nacionais. Premiada com dois Grammy Awards, a música de Schneider veio renovar e elevar o panorama do jazz instrumental para grandes formações, dando digna

continuidade a uma tradição brilhante que passa por nomes como Duke Ellington, Gil Evans, Thad Jones ou Bob Brookmeyer.

A história de Maria Schneider com a Orquestra de Jazz de Matosinhos começou em 2009

AGENDA FNAC
ENTRADA LIVRE
AO VIVO
FRANKIE CHAVEZ
23/07 SÁB 22H00 ALMADA

Junta-te a nós no **facebook** e ganha prémios



Ajuda-nos a chegar
aos 8.000 fãs até dia
1 de Outubro e habilita-te a
ganhar um iPad ou um iPod



Sabe mais em:

www.facebook.com/universia.pt

 Apple Store
for Education

uni>ersia

O sorteio físico do iPad e do iPod só será realizado caso a página do Universia atinja os 8.000 fãs até dia 1 de Outubro 2011.



Aloe Blacc de regresso: depois da Aula Magna, o Cool Jazz Fest



Morcheeba em Lagoa, Lisboa e Cantanhede

Os Stimmwerck reforçam a aposta do Festival da Póvoa na música antiga



Clássica

Stimmwerck em estreia

O quarteto vocal alemão recria o ambiente da corte de Leonor de Portugal e Frederico III de Habsburgo. **Cristina Fernandes**

Stimmwerck

Rates. Igreja de São Pedro de Rates. Lugar do Mosteiro - Estrada Municipal 504. Dom., 24, às 21h45. Tel.: 252298120. 6€.

XXXIII FIMPV.

Depois de ter dado a ouvir pela primeira vez em Portugal os agrupamentos Cantica Symphonia e Trio Mediaeval, a 33.ª edição do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim proporciona mais uma estreia no campo da música antiga no próximo domingo. Trata-se do quarteto vocal alemão Stimmwerck, que apresenta um programa temático com música da época da Imperatriz Leonor (1434-1467) – a filha do rei D. Duarte que casou com Frederico III de Habsburgo, Imperador do Sacro Império Romano-Germânico – e da sua filha Kunigunde, que viria a desposar Alberto IV da Baviera. Serão interpretadas obras polifónicas dos séculos XV (da autoria de Guillaume Dufay, Gilles Binchois, John Dunstable, Jehan Vaillant e Reginaldo Liebert), em conjunto com peças de compositores portugueses dos séculos XVI e XVII como Estevão de Brito, Frei Manuel Cardoso e João Lourenço Rebelo.

Criado em 2001 em Munique, o Stimmwerck é um agrupamento especializado na música renascentista que integra o contrateno Franz Vitzthum, os tenores Gerhard Hölzle e Klaus Wenk e o baixo Marcus Schmidl. O trabalho interpretativo é acompanhado por uma ampla pesquisa de arquivo e pela colaboração com vários musicólogos, centrando-se frequentemente em compositores e repertórios desconhecidos. As suas gravações (disponíveis em etiquetas como a Aeolus, Cavalli Record e Christophorus) são bem ilustrativas dessas pesquisas, incluindo seleções

do Codex St. Emmeram (século XV), uma compilação de canções germânicas intitulada “Gyri gyri gaga”, bem como o retrato musical de compositores como Heinrich Finck (1445-1527), Adam von Fulda (1444-1505) e Leonhard Paminger (1495-1567).

Liszt entre o passado e o presente

Richard Frank

Estoril. Palácio Estoril Hotel & Golf - Sala Atlântica. R. Particular. 5ª, 28, às 21h30. Tel.: 214648000. 15€. 37.º Festival do Estoril - Semanas de Música do Estoril 2011.

A actuação do prestigiado pianista suíço Richard Frank preenche um dos recitais que assinalam o bicentenário de Franz Liszt (1811-1886) no Festival do Estoril. O programa retrata a relação do grande compositor e pianista húngaro com os seus contemporâneos e faz também uma ligação com o presente através do projecto MusMa (The Music Masters on Air), iniciativa que envolve dez festivais de música europeus e que lançou o desafio a dez jovens músicos para criarem novas peças para piano inspiradas na relação de Liszt com o ambiente. Nesta perspectiva, Frank interpreta no próximo dia 28 (às 21h30, no Hotel Palácio do Estoril) a Fantasia “Wanderer”, de Schubert (uma obra que Liszt muito admirava), paráfrases pianísticas de peças de outros compositores realizadas por Liszt (nomeadamente da ópera “Ernani” de Verdi, das Canções Polacas de Chopin e da Valsa da ópera “Fausto” de Gounod) e várias peças em estreia: “Legendes” nº 3, do húngaro Marcel Dargay, “Music for Piano” do turco Fazli Ohrun e “Al-Azhar/Aromas de leyenda” da espanhola Iluminada Pérez Frutos.

Richard Frank nasceu em Zurique, onde estudou com Irma Schachet, aluna de Bartók e Busoni. Posteriormente diplomou-se na Academia de Música de Freiburg e frequentou a Juilliard School de Nova Iorque. Tem desenvolvido actividade como solista e pedagogo na Europa, nos EUA e na Ásia e foi o fundador das Sociedades Franz Liszt da Suíça e do Japão. Os seus registos discográficos incluem os Concertos de Liszt, com a Orquestra Sinfónica de Szeged

Agenda

Sexta 22

Milhões de Festa 2011
Com Liars, Dirty Beaches, Graveyard, entre outros
Barcelos. Parque Fluvial a partir das 14h. 25€ a 50€.
Ver texto na pág. 20 e segs.

FMM Sines 2011
Com António Zambujo, Le Trio Joubbran, Cheikh Lô, Secret Chiefs 3
Sines. Av. Vasco da Gama + Lg. Poeta Bocage + Castelo, a partir das 18h45. Tel.: 269630600.

Morcheeba
Lagoa. Centro de Congressos do Arade, às 22h. Tel.: 282498577. 25€.

Florent Héau e FIMEnsemble
Espinho. Auditório. R. 34, 884, às 22h. Tel.: 227340469. 7€.

Sábado 23

Milhões de Festa 2011
Com Vivian Girls, Secret Chiefs 3, Matanza, entre outros.
Barcelos. Parque Fluvial a partir das 14h. 25€ a 50€.
Ver texto na pág. 20 e segs.

FMM Sines 2011
Com Berroqueto, Congotronics vs. Rockers, entre outros.
Sines. Av. Vasco da Gama + Lg. Poeta Bocage + Castelo, a partir das 18h45. Tel.: 269630600.
Ver texto na pág. 24.

Dave Douglas “Tear For 3”
Porto. Museu de Serralves - Ténis. R. Dom João de Castro, 210, às 18h. Tel.: 226156500. 10€.

Morcheeba
Lisboa. CCB - Grande Auditório. Pç. Império, às 21h. Tel.: 213612400. 20€ a 28€

Domingo 24

Milhões de Festa 2011
Com Electrelane, Washed Out, Radio Moscow, entre outros.
Barcelos. Parque Fluvial a partir das 14h. 25€ (dia) a 50€ (passe).
Ver texto na pág. 20 e segs.

FMM Sines 2011
Com Aduf & Maria Berasarte, Ebo Taylor & Afrobeat Academy, entre outros.
Sines. Av. Vasco da Gama + Lg. Poeta Bocage + Castelo, a partir das 18h45. Tel.: 269630600.

Terça 26

Morcheeba + Expensive Soul
Cantanhede. Parque Expo-Desportivo de S. Mateus, às 22h. Tel.: 231410830. 7€.

Pavel Haas Quartet
Póvoa de Varzim. Igreja da Lapa. Lg. Lapa, às 21h45. Tel.: 252624200. 6€ (dia) a 35€ (passe).

Quinta 28

Aloe Blacc
Lisboa. Pç. Marechal Carmona, às 21h30. 30€.
Cool Jazz Fest.

(Húngria) e programas de música de câmara como “Cuore di Napoli”, para clarinete e piano, e “Romantic Cello”, com as sonatas de Chopin e Grieg. Depois do Festival do Estoril, onde toca pela primeira vez, Frank dará um recital no Festival Cistermúsica de Alcobaca no dia 30. C.F.

Comentário

Mário Lopes

E tudo o pó levou

Quando vemos alguém limpar com toalhetes uns pés pretos que pertencem a louro muito branco, porque demoraria horas até ter acesso a água, sabemos que algo está errado. Quando vemos filas para todo o lado e lixo acumulando-se sem sabermos onde o meter, torna-se óbvio que há aqui uma falha qualquer. Ou não. Talvez isso, aliado ao pó que transforma pessoas a tentarem divertir-se em históricos com a gripe das aves - tudo de máscara na cara, por favor -, faça parte da experiência imaginada pela organização do festival Super Bock Super Rock (SBSR): um “Perdidos na Tribo” em versão pós-apocalíptica, mas com concertos.

Estavam então ali umas dezenas de milhar. Virgens num mundo novo mas nada idílico, uma cidade construída com cuidado de urbanismo medieval. Sem dúvida uma experiência. E como podemos sequer pensar em reclamar se, para além dela, tivemos direito a Strokes, Portishead, Arcade Fire ou Arctic Monkeys? O mesmo terá pensado Luís Montez, quando fez um balanço positivo da edição. Alertando que “o pó vai continuar nos próximos dez anos”, exultou com a constatação de que o festival atrai “amantes de música a sério, que estão dispostos a passar por alguns sacrifícios para ver e ouvir os seus ídolos”. Escutando Montez, é como se ouvíssemos Michael Lang, o promotor de Woodstock, atolado em dívidas e olhando o caos que a empreitada amadora provocara, mas felicíssimo por

A experiência do Super Bock Super Rock foi um “Perdidos na Tribo” em versão pós-apocalíptica, mas com concertos

ter provado que existia uma geração unida pelo rock e que o rock dessa geração ia mudar o mundo. Acontece que Woodstock já foi há muito e que o SBSR, como qualquer outro festival, não emana de um voluntarismo utópico. É comércio. Indústria de entretenimento. Uma afirmação daquelas, quando as queixas foram constantes, é

infeliz. E quando Montez acentua ter ficado provado que a Herdade do Cabeço da Flauta é “o local ideal”, no final de um segundo ano no Meco em que todos problemas de 2010 se mantiveram, concluímos que, assim sendo, qualquer local é o ideal. Desde que se contrate um cartaz apelativo - e este era um dos melhores de 2011 - basta atafulhar umas dezenas de milhar entre umas barracas de comida e um par de WC.

Dir-me-ão que, dados os 80 euros pagos pelos bilhetes, muito menos do que se pagaria para um festival semelhante em Espanha, devemos dar graças pela hipótese de ver tamanha reunião de talento. Acontece que as bolsas não são as mesmas, acontece que festivais como o Primavera Sound ou o Benicassim programam, pelo menos, o triplo das bandas da maioria dos festivais portugueses e, mesmo que a crise instalada venha alterar tudo, seria bom não regressar à má memória dos “pobretes mais alegres”. Tudo isto se torna particularmente irritante quando, à partida para o festival, pensando nos Tame Impala e nos Arctic Monkeys, estava decidido a esquecer as três horas necessárias para sair do estacionamento, depois do Prince de há um ano. Mas como num festival em zona bucólica o público além de ver também tem de viver, todas essas memórias regressaram e, três horas e meia de trânsito lento depois, instalado no campismo, tornaram-se dolorosa realidade.

Mesmo existindo público que não se importe de se sacrificar um pouco para ver os seus ídolos, não há felicidade que resista a tudo isto. Palavras leva-as o vento. O pó levou a música.



Cheikh Lô hoje em Sines



Jill Scott num saudável equilíbrio entre a ressaca de um casamento desfeito e a felicidade pelo nascimento do filho

Pop

Mulher de risco

Jill Scott a lembrar-nos que ninguém faz isto como ela. **Gonçalo Frota**

Jill Scott
The Light of the Sun
Blues Babe; distri. Warner

★★★★★



Jill Scott é um risco. Sempre foi, de resto. Faz uma soul/r&b que não quer ser espumante e não passa o dia a

telefonar ao manager a perguntar como é que se chega a lasciva capa de revista. É, por assim dizer, uma obsessão com a palavra que frequentemente a torna mais íntima de Ursula Rucker - migra, sazonalmente, para terras do "spoken word" - do que de Beyoncé, percebemos que essa coisa de ser escrava de música apontada ao rabo não é fórmula que lhe sirva. "I am not a fat ass, I am an active brain", diz assim com todas as letras no "Womanifesto" que, ao cair do pano de "The Light of the Sun", esclarece que dentro dos seus discos não há sugestões sexuais ao ritmo de uma por verso nem a senhora se autopromove como objecto de desejo. Para tais regras e procedimentos do livro de estilo da estrela pop, consultar outra fonte que não Jill Scott, que ela está-se a marimbar. Tal como tirar o açaimo

retirado pelo produtor para só cantar no sítio certo também não faz parte dos seus planos de vida. Aqui, é ela quem manda. E isso, sim, faz dela um risco.

"The Light of the Sun" é um álbum num saudável equilíbrio entre a ressaca de um casamento desfeito e a felicidade pelo nascimento do filho. Mas tudo isto, na boca de Jill Scott, nunca resvala para canções que se transformam em insuportáveis lamentações-coitadinhas, que misturam baba e ranho a cada segundo, ou se sentem na obrigação de cuspir fogo como mecanismo de defesa. Mesmo nas baladas mais traioeiras, a voz magnífica de Scott safa-a de se enfiar em terrenos pantanosos que apanhariam sem dificuldade cantoras como Alicia Keys. Há aqui um saber que nunca deixa cair a integridade, convocando em doses iguais a Philly soul, o jazz, o hip hop, o doo wop e o funk, com uma mestria que faz de tudo isto uma música única, escondendo as costuras.

Sem chegar aos resultados soberbos dos dois primeiros tomos da trilogia Words and Sounds, "The Light of the Sun" é Jill Scott a lembrar-nos que ninguém faz isto como ela. E esse é o maior elogio possível.



Os Black Lips são importantes porque não existem para desistirmos de presente e nos refugiarmos na segurança de um passado mitificado

Brilhantes, indomáveis, irresistíveis

Black Lips
Arabia Mountain
Vice; CoOp

★★★★★



"200 Million Thousand", o álbum anterior, continuou o percurso de forma previsível:

rock'n'roll tocado como matéria indomável, mas com ouvido alerta àquele "je ne sais quois" - é a melodia, estúpido - que fixa canções nos nossos cérebros. Ótimo álbum em velocidade de cruzeiro, não era "Arabia Mountain", esta maravilha que agora nos chega. Dezasseis canções como compacto de tudo aquilo que interessa nos Black Lips: a electricidade posta ao serviço de dança libertária, o carregar da tocha do garage rock para tempos onde a inocência é uma impossibilidade e utopias tripadas um ridículo que mata (e por isso, as "trips" deles ganham forma de um gargalhar tresloucado). Não, não seria

Mark Ronson, produtor da maior parte do álbum, a domar os Black Lips. Se não o faria um Phil →

www.fmm.com.pt
facebook.com/fmmsines

22-30 de Julho

FMM Sines

Festival Músicas do Mundo 2011

Vai ver se eu estou online!

Internet

Estamos online. Entre em www.ipsilon.pt. É o mesmo suplemento, é outro desafio. Venha construir este site conosco.

Chico Buarque, "Chico"

← Spector de 30 anos e revólver na ilharga...

Aprimorado com som mais límpido, mas selvagem qb, tem theremin silvando ao longe ou metais surgindo para doses recomendadas de swing negro. Mesmo perante a concorrência de "Let It Bloom" e "Good, Bad, Not Ugly", é o melhor álbum dos Black Lips. Um festim criado por músicos que conhecem todos os pormenores que funcionam nos clássicos que abraçam. Ouvimos: são a versão soul dos Ramones em "Spidey's curse", são "cowboys" country transformando "Family Tree" em r&b "apunkhalhado", utilizam as guitarras chocalhadas dos Byrds para provocar desejos de mosh em almas sensíveis, não abrem mão das harmonias das baladas de Brian Wilson e das dos psicadélicos que se imaginavam em cenário de filme sci-fi - e depois têm o fuzz a dar choques eléctricos nas sinapses para nos manter os sentidos excitados durante as horas seguintes.

Porém, nada disto é construído como cápsula temporal preservando memórias de tempos perdidos - nunca ouvimos antes estas histórias de "drogaria" e de amor alheias ao politicamente correcto (mesmo ao politicamente correcto das histórias de drogaria rock'n'roll); e são muito de agora os jogos inesperados com a memória da cultura pop (da maldição de Peter "Spider man" Parker" à tradição satânica dos discos metal).

Os Black Lips são importantes porque não existem para desistirmos de presente e nos refugiarmos na segurança de um passado mitificado. Nah. Têm demasiada vida para se entregarem a tarefa tão aborrecida. E o talento a loucura necessários para criar "Arabia Mountain": um monumento rock'n'roll que se autodestruiu em cinco segundos se alguma vez atingir o estatuto institucional, paralisante, de património mundial. M.L.

Os "chicos" de Chico

Chico Buarque

Chico
JBJ&Viceversa

★★★★★



Depois das geografias urbanas expressas nos discos anteriores ("As Cidades", 1998; "Carioca", 2006), Chico Buarque embrenha-se nas geografias e cicatrizes do amor, desmultiplicadas em personagens



no singular, como singular é o título: "Chico", que o identifica e serve de metáfora aos "chicos" anónimos que protagonizam cada canção (ver P2 de hoje). Talvez "Leite Derramado", o último livro, tenha influenciado estas narrativas de vários "eus" - e o violonista Arthur Nestrovski já notou, ao escrever sobre o disco, que "Barafunda" herdará do livro as confusões de memória do narrador, assim como "Rubato" joga com a confusão de identidades que o livro anterior, "Budapeste", magistralmente explorava. Disco ainda mais curto do que o antecessor (10 canções, 31'24"), "Chico" viaja pelo samba ("Sou eu", com Wilson das Neves"), a bossa (o belo "Sem você 2", evocativo de Jobim e Vinícius, com uma citação explícita de "Cotidiano n. 2"), a valsa ("Nina", russa vista pelos olhos de quem com ela troca cartas), a "chanson" (impagável o dueto com Thaís Gulin), o baião e até o blues (os belos exercícios poéticos e musicais de "Tipo um baião" e "Essa pequena"). Mas é no arranque e no fecho, com "Querido diário" e "Siná" (parceria com João Bosco), que "Chico" se revela: primeiro o pobre vagabundo a quem dizem "para ter muita luz", depois o negro escravo a quem a luz é tirada, furando-lhe os olhos por ter visto a senhora do engenho a banhar-se nu num açude. Só por estes dois temas, já "Chico" valeria. Mas pondo-o a rodar uma e outra vez, sente-se que vale por muito mais. **Nuno Pacheco**

Kubik

Psicotic Jazz Hall
Teatro Municipal da Guarda

★★★★★



Desde o início a música de Kubik assentou em duas premissas: a batida cardíaca do drum'n'bass era

esquadrinhada com a minúcia com que um serial killer desmembra vítimas, os géneros musicais menos aparentados eram colocados num acelerador de partículas e da colisão resultavam mutantes cronenbergianos. Mas ao terceiro disco Kubik abandona o fato de terrorista de laboratório em favor do de dançarino de salão galáctico: algures nos

cabarets de Marte, quando houver jukeboxes revalidistas da vida na Terra, será esta a música que se vai dançar. A estratégia passa por encontrar linhas condutoras que unam os desvarios de cada vinheta musical e dar um chamego à electrónica. Num disco polvilhado de metais, enormes linhas de baixo e beats que fariam boa figura em muito hip-hop milionário sobressaem algumas faixas espantosas, a começar por "Shinakak", uma maravilha: trompete saída dos anos 20 a abrir, bombo e tarola hip-hopeiros e marcados a seguir, linha de baixo funky, metais à James Brown, blips e blops e de repente adiciona-se pratos de choque e, hélas, groove em estado de suor, até chegar uma guitarra com a dاناção inscrita nas seis cordas - e depois sintetizadores, múltiplas percussões, delírios free: faixa mostra, super-single speedado. É sempre assim até que para o final a base jazz-groove-a-partir-tudo explode e dali sai uma galáxia desvaivada - "I Think I Am" tem partes que soam a um mp3 de Robert Wyatt com um vírus informático que lhe quilha os agudos. Deixemo-nos de tretas: um grande disco em qualquer parte do mundo. **João Bonifácio**

Stealing Orchestra

Deliverance
You Are Not Stealing Records

★★★★★



É tão lúdico quanto impossível procurar uma expressão que consiga sintetizar o universo Mãe-Terra em lava de "Deliverance". Teria de ser algo do género electro-prog-rural, embora a mais pomposa "música avançada de raízes" também sirva. Decantando a expressão: há algo de rural em "Deliverance" no sentido em que acordeão (como sempre), guitarras acústicas e bandolim são os três itens principais do cardápio -

Quartetos de corda com voz
Quatuor Diotima
Sandrine Piau, soprano
Marie-Nicole Lemieux, contralto
Naive V5240

★★★★★



A capa do disco mostra quatro pequenos doces daqueles que encantam os olhos ainda antes

do seu paladar explodir no palato e que podemos encontrar nos requintados cafés da cidade de Viena. O disco é composto por quatro obras geniais da troika da Segunda Escola de Viena, Schoenberg, Webern e Berg, e que, pelas técnicas de composição nas quais estão sustentadas, são miniaturas.

As obras em programa inserem-se na melhor tradição vienense proporcionando um encontro entre a formação do Quarteto de Cordas e a Voz, podendo mesmo ser um bom disco de iniciação à Segunda Escola de Viena. O Quarteto de Cordas nº 2 com soprano, de Schoenberg (uma despedida da tonalidade que nos prepara para as obras seguintes), as Seis Bagatelas para Quarteto de Cordas e uma outra Bagatela com voz de Contralto (publicada apenas vinte anos após a morte do compositor), de Webern, e, para terminar, a Suite Lírica de Alban Berg na versão com voz (na qual uma voz feminina dobra a linha principal do quarteto com a letra de um texto de Baudelaire traduzido para alemão).

A interpretação é segura e genuína, transbordando expressividade por parte das cantoras e dos elementos do Quarteto Diotima. Num repertório com gravações de referência, esta versão encontra nas vozes um interesse acrescido.

Quarteto Diotima

Clássica

Petit fours da troika vienense

O encontro entre o Quarteto de Cordas e a Voz é perfeito nesta tradição vienense, nostálgica e decadente, plena de expressividade.

Rui Pereira

Berg,
Schoenberg
e Webern



Ficção

Ela teve uma fazenda em África

350 páginas de magia e assombro: "África Minha" em edição conjunta com "Sombras no Capim".
Eduardo Pitta

África Minha
Karen Blixen
(Trad. Ana Falcão Bastos e Cláudia Brito)
Clube do Autor

★★★★★



Isak Dinesen, aliás Karen Blixen (1885-1962), gostava de dizer que tinha três mil anos. Em 1959, quando visitou Nova Iorque pela primeira vez,

ninguém por um momento duvidou da sua palavra. Turbante na cabeça e diamantes nas orelhas, a figura espectral da baronesa Blixen-Finecke fazia jus à lenda. Vinte e seis anos mais tarde, Meryl Streep faria dela um ícone popular: "Tive uma fazenda em África, no sopé das montanhas Ngongo." O filme de Sydney Pollack é um compósito das memórias africanas recolhidas no volume que junta "África Minha" e "Sombras no Capim".

Publicado em 1937, "África Minha" relata os dezoito anos (1913-31) em que Blixen viveu no Quênia, explorando uma plantação de café localizada a vinte quilómetros de Nairobi. O facto de estar situada a dois mil metros de altitude

Turbante na cabeça e diamantes nas orelhas, a figura espectral da baronesa Blixen-Finecke fazia jus à lenda

permitia "destilar" a paisagem circundante: "A essência forte e depurada de um continente." Infelizmente, também se ressentia no resultado das colheitas...

Nenhum impecilho perturba a leitura desde a primeira frase. Igual ao ar que respiramos ("coisa viva sobre a terra"), a exactidão da voz dispensa floreios. Dito de outro modo: 350 páginas de puro assombro.

Para Blixen, o mundo parecia ter desabado em 1931. Denys Finch-Hatton, amigo e amante, morreu na queda do bimotor que pilotava. O "crash" de 1929, arrastando consigo a cotação do café, arruinou-lhe o negócio. Vê-se obrigada a deixar África, divorciada (o marido abandonou-a em 1921) e na bancarrota: "Não conseguimos pagar as dívidas e não tínhamos dinheiro para gerir a plantação." Partiu com a certeza de que os guerreiros massai continuariam a olhar para a casa da fazenda como os camponeses da Umbria viam a casa "onde São Francisco e Santa Clara conversavam acerca de teologia." A comparação não é despidiçenda.

Centrais à compreensão da vida dos colonos brancos no Quênia dos anos 1920, as páginas dedicadas aos que faziam de Ngongo ponto de paragem: Denys Finch-Hatton, caçador, aviador, desportista nato, músico, apreciador de arte e bons vinhos; Berkeley Cole, que todas as manhãs bebia uma garrafa de champanhe na floresta ("Mas, minha querida, é tão triste"); comentou no dia em que o bebeu em copos grosseiros; o senhor Bulpett, também conhecido por Tio Charles, que fora amante da Bela Otero e um dos primeiros a chegar ao cume do Matterhorn; Ingrid Lindstrom, que depois da falência da cultura do linho não desistiu e prosperou plantando pítiro, essencial ao fabrico de perfumes; Gustav Mohr, o norueguês loquaz, farto de sisal e de bois; Emmanuelson, prestidigitador errante; Darrell Thompson, que lhe deixou um pônei em herança; os outros todos. Finch-Hatton e Berkeley Cole, como também Sir Northrup MacMillan, tinham lugares de destaque "como serpentes de bronze." Blixen não esquece os nativos kikuyu, cujas tradições, rituais e idiosincrasias descreve com empatia. Grande ausente da narrativa, o barão Bror von Blixen-Finecke.

Farah Aden, o criado somali que em 1913 foi esperar por ela ao porto de Adem, dirigiu Ngongo durante quase dezoito anos: "dirigiu a minha casa, os meus estúbulos e os meus safaris." Sem nunca terem chegado a nenhuma conclusão sobre a idade de cada um ("os

muçulmanos regem-se por anos lunares"), a querela unia-os. Separaram-se quando Blixen regressou à Dinamarca: "tive a sensação de estar a perder uma parte de mim própria." A partir dessa data nunca mais montou ou fez tiro. E passou a escrever com a mão esquerda.

A despeito da sua natural fluência, "Sombras no Capim" não tem o mesmo vibrato. Publicado em 1960, quando África era só lembrança, Blixen racionaliza o que outrora fora matéria de paixão. Discreta sobre criados (Farah, Kamante, Ismael, Juma, etc.), tribos indígenas (wakambas, kawirondos, etc.), imigração somali, política colonial britânica, comércio de marfim, tráfico de escravos, os Mau-Mau (a sociedade secreta dos nativos kikuyu que deu o tiro de partida do movimento independentista), o quotidiano de Rungstedlund, a propriedade da família situada a norte de Copenhaga, onde morreu, recordando as colinas azuis de Ngongo.

Contudo, Blixen, que não é facilmente comparável com outros escritores, excepto, talvez, com a italiana Natalia Ginzburg (outra demiurga), não cabe nas baías da memorabilia africana. Contos como "Uma História Imortal", com acção em Macau (1952, filme de Orson Welles em 1968) ou "A Festa de Babette", epítome da "gourmandise" (1958, filme de Gabriel Axel em 1987), fazem dela um caso singular. Em Portugal estão traduzidos vários dos seus livros, incluindo os famosos "Sete Contos Góticos" que em 1934 deram início à obra canónica.

Esta reedição recupera a tradução que Ana Falcão Bastos fez de "África Minha" em 1986 (em 2001, Maria Manuel Tinoco fez outra). "Sombras no Capim", que em 1988 fora traduzido por Helena Ramos, surge agora numa versão conjunta de Ana Falcão Bastos e Cláudia Brito.

No silêncio da montanha

Uma récita intensa e poética em forma de parábola de um mundo que perdeu a noção do valor do absoluto. **José Rício Direitinho**

O Peso da Borboleta
Erri De Luca
(trad. por Simonetta Neto)
Bertrand

★★★★★

Erri De Luca (n. 1950), autor de mais de uma dúzia de livros (alguns deles estão traduzidos para

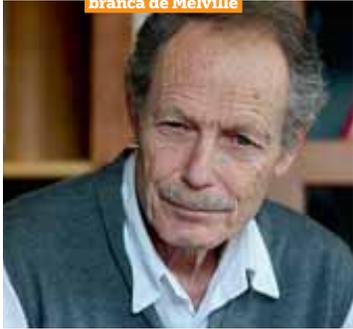


português), é um dos grandes escritores italianos. Estreou-se na literatura em 1989, e desde 1996 que se dedica aos livros a tempo inteiro, não apenas como autor

mas também como poeta e tradutor - estudioso da língua hebraica, é autor de sete traduções (pouco canónicas) de livros retirados da Bíblia; traduziu ainda Puskin, a partir do russo. "Na vida não pode haver tempo para descansar", disse Erri De Luca numa entrevista. Parecendo querer respeitar esta sua máxima, encontrou inúmeras ocupações na vida: na juventude foi activista de um grupo da extrema-esquerda, depois pedreiro em França e, durante alguns anos, também em África, foi alpinista de alto nível e acompanhou expedições aos Himalaias, e, entre outros ofícios, serviu também como motorista em mais de quarenta comboios humanitários para a Bósnia no tempo da guerra na ex-Jugoslávia, tendo-se deixado ficar em Belgrado durante os meses em que a NATO bombardeou a cidade.

Originalmente publicada em 2009, a novela (ou conto longo, não chega a uma centena de páginas) "O Peso da Borboleta" é uma récita intensa e poética. Adoptando a clássica forma de narrar, simples e directa, De Luca vai-nos contando duas histórias que se vão desenvolvendo de maneira paralela até ao momento final em que os destinos dos dois antagonistas, homem e animal, se cruzam, "quando o peso de uma borboleta alpina se assemelha ao peso do mundo". Num ambiente sem tempo, apenas se sabe que é Novembro, um majestoso animal, um veado de imponente galhadura, sente aproximar-se o seu fim; do outro lado, está o mais hábil dos caçadores furtivos da região. Ambos são "reis". Aquele parece um encontro que tem vindo a ser adiado pelo destino há muito tempo. No cimo dos penhascos graníticos dos Alpes italianos, no silêncio das montanhas, parados a descansar na magra sombra de uma fraga ou abandonados nos seus pensamentos na beira de assustadores precipícios, percorrendo e atravessando gargantas pedregosas, ambos sabem que caminham de maneira inevitável para o duelo final, agora que o triste acaso da vida se aproxima. Desde há muito que o animal conhece o cheiro do homem; e este, os trilhos e sinais daquele, os seus refúgios, os pastos em cada estação do ano, as escarpas de onde ele salta perigosamente com a mesma leveza com que uma borboleta levanta para um voo breve. "A mãe

Erri De Luca, mestre na escrita de histórias curtas, descreve-nos de maneira subtil e intensa, um exercício de caça que por vezes parece evocar a luta do Capitão Ahab com a baleia branca de Melville



tinha sido abatida pelo caçador. Nas suas narinas de cria instalou-se o cheiro a homem e a pólvora. Órfão juntamente com a irmã, sem um grupo por perto, aprendeu sozinho. Cresceu acima do normal para os machos da sua espécie. A irmã foi apanhada pela água num dia de Inverno e de nuvens. Pressentiu-a suspensa sobre eles, isolados num pasto a sul, onde resistia ainda alguma erva amarelecida.”

Evocando o seu passado de seres solitários, ambos, homem e animal, fazem uma espécie de balanço das suas vidas no momento em que parece aproximar-se, de maneira digna e esperada, a necessidade de cederem o lugar com lealdade. Erri De Luca, mestre na escrita de histórias curtas, descreve-nos de maneira subtil e intensa, com a sabedoria de quem conhece bem a montanha, um exercício de caça que por vezes parece evocar a luta do Capitão Ahab com a baleia branca de Melville. “O Peso da Borboleta” é um profundo e sentido hino à natureza num mundo que parece “ter perdido a noção do valor do absoluto”.

Ensaio

Humanismo urgente

Um volume de textos que nos convidam a pensar o presente e o futuro do Homem diante das sedutoras quimeras da tecnologia. Incontornável.

José Marmeleira

Experimentum Humanum - Civilização Tecnológica e Condição Humana

Hermínio Martins
Relógio d'água

★★★★★

Num tempo em que as promessas e



as desilusões parecem disputar uma corrida sem fim à vista, um livro como “Experimentum Humanum - Civilização Tecnológica e Condição Humana”, de Hermínio Martins, chega oportuno e necessário. Composto por vários artigos publicados em revistas científicas, alguns entretanto consideravelmente ampliados, compõe uma teoria crítica, desassombadamente crítica, da submissão da ciência à mercantilização, dos delírios das possibilidades tecnológicas, do tecnocentrismo. Ao olhar, sereno, ironicamente lúcido, deste professor emérito da Universidade de Oxford, antigo aluno de Karl Popper, nada passa desapercibido: da inteligência artificial às novas técnicas de reprodução, todos os futurismos são debatidos e escrutinados pelo racionalismo do humanista.

Para semelhante trabalho, Hermínio Martins convoca a sociologia e a filosofia da ciência e o inter-relacionamento destas com a economia e a tecnologia. Encontramos uma perspectiva interdisciplinar, avessa a solipsismos, que permite reexaminar toda uma literatura, subordinada ou associada às ciências sociais (Sociologia, Antropologia, História), naturais (Biologia) e físicas (Física, Química), fundamental para compreensão da nossa civilização tecnológica. Aliás, uma das maiores qualidades desta obra reside no facto de nos fazer olhar para o presente, iluminando (mesmo às expensas da nossa confortável bonomia) aquilo que XX deixou adormecido ou esquecido (a afinidade da técnica com os regimes autoritários, as experimentações científicas sobre os seres humanos, o eugenismo).

Aqueles confiantes na direcção actual da história da humanidade (mais ou menos tecnólatras, para utilizar uma expressão do autor) poderão ser levados a pensar que a obra de Hermínio Martins é fruto de uma deriva anti-progressista, eminentemente desconfiada dos avanços e benefícios da tecnologia ou da ciência. Que, enfim, a sua posição representa a de um conservador empedernido, que este “Experimentum Humanum” é, numa analogia forçada com a obra de Ortega Y Gasset, uma “Rebelião da Tecnologia”. Pelo contrário: Hermínio Martins simpatiza com a visão Prometeica da técnica, ao serviço de fins humanos (como assim a concebiam Proudhon, Comte, ou Renouvier, autores que cita no Capítulo II - Tecnologia Modernidade Política), vê, embora sem ingenuidades (pois a visão



O desencanto atento de Hermínio Martins advém do seu conhecimento profundo da História e da Filosofia da Tecnologia

prometeica leva à fáustica), no progresso tecnológico uma forma de prover o bem-estar material dos homens, de “mitigar as insuficiências e enfermidades da sua condição humana (pag. 20)”. O que o inquietava, o que motiva a sua reflexão é o domínio crescente, disseminado, silencioso da “mercantilização e comercialização de toda a vida” (pag 51.), da industrialização da ciência, da explosão de ignorância que acompanha a tão celebrada explosão de conhecimento.

Escreve no texto “Biologia e Política - Eugenismos de Ontem e de hoje”: “Muito dos que partilhavam a visão de uma evolução consciente e dirigida do Homem em geral, visão particularmente importante a partir dos princípios do século XIX, veiculada pelo Positivismo, o evolucionismo e o Marxismo, pensavam em termos de uma solidariedade humana universal, solidariedade dos contemporâneos, solidariedade com as gerações anteriores (...). Não é o caso hoje.” (pag. 420)

O desencanto atento de Hermínio Martins advém do seu conhecimento profundo da História e da Filosofia da Tecnologia. Confronta-nos com a visão fáustica da técnica, como teorizada por Oswald Spengler, Heidegger e os engenheiros-filosófos de Weimar, e amplamente materializada pela Alemanha Nazi (a técnica ao serviço de uma vontade soberana); com a biomedicina enquanto arma da guerra científica (ilustrado com as práticas infames, na II Guerra Mundial, da Unidade 731 do cientista japonês Shiro Ishii), com a arrepiante missão do eugenismo, que até 1940 (incluindo em países com regimes democráticos) advogou e praticou a esterilização forçada dos incapazes, pobres e doentes.

É-nos revelado o lado obscuro, mefistofélico, da ciência (em muitos casos, ao longo do século XX, foram os cientistas, que tomaram a iniciativa de oferecer os seus serviços e descobertas aos militares), fomentado pela sua industrialização e comercialização, pelo entendimento da técnica e da fabricação como fins, como cultura. E o que tem - perguntarão - tal “descoberta” a ver com o presente? A tese de Hermínio Martins é a de que essa visão fáustica da ciência (da ciência como tecnologia) não só sobreviveu, como permeia a nossa

civilização: nas biotecnologias, na computação, na cibernética, na tecnomedicina, na criação de vida e inteligência artificiais, no desenvolvimento de novas técnicas de reprodução, na intensificação da tecnologia para resolver problemas económicos e sociais. Os efeitos, os custos, os males são diversos e conhecidos: nos ecossistemas, na saúde pública, na biodiversidade, na condição humana.

Então, como combater, resistir ao sublime e ao niilismo tecnológicos, ao monopólio da ciência sobre o poder espiritual, à anunciada vinda do pós-humano, à tentação do homem experimentar sobre si mesmo para criar um ser superior (que dispensará a sua existência humana, em carne e osso e a da biosfera). Numa sociedade de incertezas, em que o Código de Hipócrates corre o risco de ser suspenso (o eugenismo volta a ser defendido publicamente por cientistas) e em que a vida não é mais de um que uma informação veiculada por corpos orgânicos, Hermínio Martins propõe um humanismo científico, que reconhece a assimetria ente o bem e o mal, sustentado no altruísmo criativo, na solidariedade, no amor, na responsabilidade individual e colectiva para com as gerações do futuro e a natureza natural. São valores ultrapassados? Não, são valores perenes.

A geometria fundamental do olhar

O esforço de pensar a evidência e automatismo do olhar. **Nuno Crespo**

O que nós vemos, o que nos olha
Georges Didi-Huberman
Trad. Gulgona Anghel e João Pedro Cachopo
Colecção Imago
Dafne editora

★★★★★



linguagem, e à visão.

É certo tratar-se de uma investigação sobre a visão ou, melhor, sobre o que se vê quando se

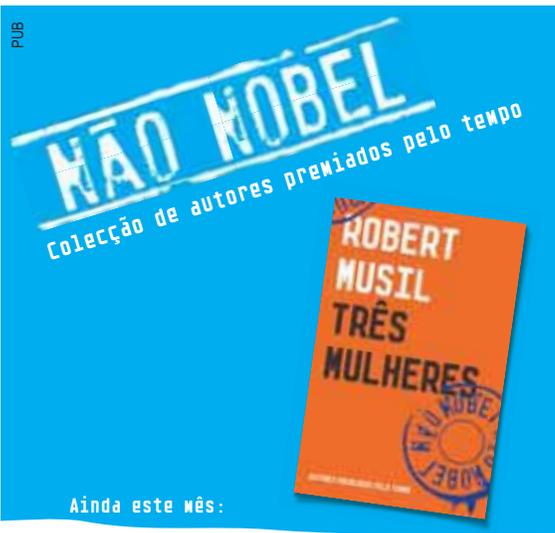
olha não ao nível da produção de sentido, significantes e significados, mas em termos mais profundos. Ou seja, a pergunta feita ao longo destas duas lições de Didi-Huberman é sobre o modo como são formados os objectos da visão a que chama imagens. A pergunta é pela origem e génese da imagem, não num sentido psicológico mas estético e conceptual, que depois se transforma em tentativa de encontrar o modo como certas imagens ficam “investidas de energia” ou sentido.

A inquietação que constitui o seu mote e ponto de partida diz respeito à evidência de o sentido duma imagem não acontecer só por ocasião da descodificação de uma mensagem ou história, mas que a visão constitui como seu objecto não o que vê mas o que, a uma distância intransponível (haverá sempre aquele que vê de um lado e, do outro, o que é visto: a que o autor chama cesura), olha para o olhar, isto é: só se vê aquilo que nos devolve o olhar.

Escreve Didi-Huberman: “o acto de ver não é resultante de um mecanismo de percepção do real sob a forma de evidências tautológicas. O acto de dar a ver não é o acto de dar evidências visíveis a pares de olhos que se apoderam unilateralmente do ‘dom visual’ para se satisfazerem unilateralmente. Dar a ver é sempre inquietar o ver, no seu acto, no seu sujeito. Ver é sempre uma operação de sujeito, portanto uma operação rasgada, inquieta, exaltada, aberta. Todo o olho traz consigo o seu invólucro, além das informações de que se poderia julgar, a partir de dado momento, detentor.” (p.57)

Esta descrição apresenta o acto de ver não como estrutura de afeção meramente receptiva e passiva, mas, como diriam os modernos, uma projecção daquele que vê. Por isso os objectos podem constituir-se de formas tão diferentes a cada acto do olhar ou, o que é o mesmo, para cada sujeito. Que o olhar necessite ser inquietado, significa perceber que não basta olhar para ver e que não se trata de um movimento exclusivo da visão: o sujeito na sua totalidade, com todo o seu invólucro, está presente no momento da formação das imagens.

Continua o autor: “olhar seria compreender que a imagem é estruturada como um diante-dentro: inacessível e impondo a sua distância, por mais próximo que seja – pois é a distância de um contacto suspenso, de uma impossível relação de carne para carne. Isto quer dizer justamente – e de uma maneira que não é apenas alegórica – que a imagem é estruturada como um limiar. Uma moldura de porta aberta, por exemplo. Uma fenda num muro ou uma fractura, mas trabalhada, construída, como se fosse preciso um arquitecto ou um escultor para dar forma às nossas feridas mais íntimas. Para dar, à cisão daquilo que nos olha naquilo que vemos, uma espécie →



Ainda este mês:

Robert Musil

Três Mulheres 28 Jul

Próximo mês:

Joseph Conrad

Coração das Trevas 4 Ago

Erich Maria Remarque

Uma Noite em Lisboa 11 Ago

Raymond Chandler

À Beira do Abismo 18 Ago

Henry James

Daisy Miller 25 Ago

Todas as Quintas com o PÚBLICO



Os seus livros ensinam a liberdade

Ao escrever esta breve nota sobre Robert Musil e sobre estas suas *Três Mulheres*, sinto, ainda mais uma vez, o coração asfixiado e qualquer sentimento muito amargo, sabor a distância, visão de um horizonte perdido há muito. Quero fazer sentir quanto Musil é um escritor fundamental, impressionante.

Com palavras luminosas e pensamento profundamente psicológico, Robert Musil desenha estas três histórias de mulheres revelando, no perfil de cada personagem, o que existe de mais escondido: a nossa própria interioridade e todos os enigmas que constituem a vida de uma mulher e a vida de um homem.

Três mulheres de diferentes condições sociais, vidas em cenários distintos e no fundo à superfície, o traço misterioso, conflituoso e profundo que une numa só linha estas terríveis certezas em misteriosos confrontos sexuais e sociais.

Musil não será o escritor mais conhecido de língua alemã mas os seus livros, a sua literatura ensinam a liberdade; ele acusa e aponta todos os defeitos da humanidade. *Três Mulheres* foi escrito antes da sua obra-prima *O Homem Sem Qualidades*, com o qual foi nomeado para o Prémio Nobel de Literatura ainda que o reconhecimento desta obra tenha sido, na época, muito fraco.

Personalidade de vasta e imensa cultura em variadas áreas, Robert Musil viveu paupérrimo os últimos anos da sua vida. Morreu aos 62 anos, esquecido por todos, na solidão da poesia, mas hoje a sua obra, em especial *O Homem Sem Qualidades*, está no topo da literatura do século XX em língua alemã.

CRISTINA CARVALHO
ESCRITORA

Depoimento sobre o livro desta semana
feito a pedido do PÚBLICO

Robert Musil



← de geometria fundamental.” (p.221)

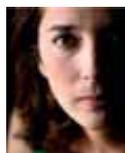
Estar diante-dentro invoca o conceito de Walter Benjamin da imagem dialéctica de que o autor se apropria e discute para apresentar a complexidade da visão: está dentro e fora, próxima e distante, ausente e presente. Trata-se de pensar a imagem para além do habitual princípio de historicidade (p.94), o que implica pensar a imagem longe das grelhas de legibilidade impostas e transmitidas pela tradição e entender cada objecto como motivo de uma inquietação que é preciso explorar. Porque “talvez a imagem só possa ser pensada radicalmente para além da oposição canónica do visível e do legível. [...] Por mais minimal que seja, é uma imagem dialéctica: detentora de uma latência e de uma energética. [...] Exige que pensemos o que percebemos nela perante o que nos ‘aprende’, ‘prende’ – perante aquilo que nela, na realidade, nos desprende.” (p.75)

Em síntese trata-se de uma experiência do olhar onde são conjugados “dois momentos complementares, dialecticamente enlaçados: por um lado, ‘ver perdendo’, se assim se pode dizer; por outro, ‘ver aparecer o que se dissimula.’” (p.208)

Esta situação é formulada clara e indubitavelmente pelos chamados artistas minimalistas. E é com eles que Didi-Huberman vai ter para mostrar o modo como as imagens artísticas são os momento chave da formação do olhar, da sua aprendizagem e história. A imagem minimal é pertinente porque apresenta uma dificuldade aparentemente inexcelsível: “Eis, portanto, em todo o caso o que permanece difícil de pensar: que um volume geométrico possa inquietar o nosso olhar e nos possa olhar desde o eu fundo de humanidade em desaparecimento, desde a sua estatura e desde a sua disseminação visual que abre uma perda onde o visível se estiliza. Eis a dupla distância que é necessário compreender.” (p.116)

Uma duplicidade das imagens feitas pelos artistas que revelam não a natureza dos objectos, mas a constituição do olhar humano. Por isso a arte, nas suas infinitas variações e ficções, é pertinente de um ponto de vista conceptual e humano: por, nos bons casos, revelar a profundidade da percepção e do pensamento.

Esta obra é notável e apresenta o esforço de pensar a evidência e automatismo do olhar. Nesse esforço Didi-Huberman invoca filósofos e escritores, como Joyce, Freud, Benjamin ou Derrida, e artistas como Judd, Robert Morris, Tony Smith, e todos estão ao mesmo nível, ou seja, todos são igualmente instâncias de validação e conquista de argumentos para a tese da dupla distância do olhar.



Isabel Coutinho

Ciberescritas

Haja cartão

Este é o Verão em que alguns clássicos chegaram ao iPad, o tablet da Apple. O poema de T.S. Eliot, “The Waste Land”, e “On The Road”, de Jack Kerouac, têm agora uma “amplified edition”, edição aumentada onde cabe tudo: desde o manuscrito, a leituras em voz alta feitas pelos autores ou por actores, a vídeos onde académicos explicam o que não sabíamos, a mapas, fotografias de época, biografias e bibliografias dos autores, etc, etc.

As obras podem ser adquiridas na loja de aplicações da Apple, a App Store, e descarregadas para o tablet. A app do poema que Eliot escreveu em 1922 é uma colaboração entre a Faber and Faber e a Touch Press, empresa de publicação digital, e custa €10,99. A obra-prima da Beat Generation, que Kerouac publicou em 1957, foi editada pela Penguin e desenhada pela Burbank, CA-based IK Studios, e teve um preço de lançamento que só valia até 15 de Julho (€10,49).

A jornalista que fez a crítica desta versão electrónica de “The Waste Land” para o “The Washington Post”, Melissa Bell, pedia desculpa à professora de inglês por aos 18 anos não ter conseguido passar do princípio do poema. Mais tarde, nunca passou da parte em que o narrador cita um excerto de uma canção alemã. Escreve ela: “A app, que mostra o poema de Eliot de diversas maneiras, é outra coisa. Os actores Viggo Mortensen e Alec Guinness lêem o poema alto, tal como o faz Eliot em 1933, e outra vez em 1947. Há um vídeo da actriz Fiona Shaw a fazer uma leitura do poema numa casa decrepita irlandesa. Notas de pé de página enriquecem o texto. Agora quando tropeço na letra em alemão, toco simplesmente no ecrã e descubro que ela pertence ao libreto da ópera “Tristão e Isolda” de Richard Wagner, em que um marinheiro canta sobre a rapariga irlandesa que ele deixou para trás.”

Na verdade, “The Waste Land” no iPad ganha novos sentidos. Além de podermos escolher a voz para o ouvir podemos também seguir a edição “facsimile” do manuscrito de Eliot (batido à máquina) com anotações manuscritas ao lado feitas por Ezra Pound. E assistir a 37 vídeos com explicações detalhadas do poema feitas por

Este é o Verão em que alguns clássicos chegaram ao iPad

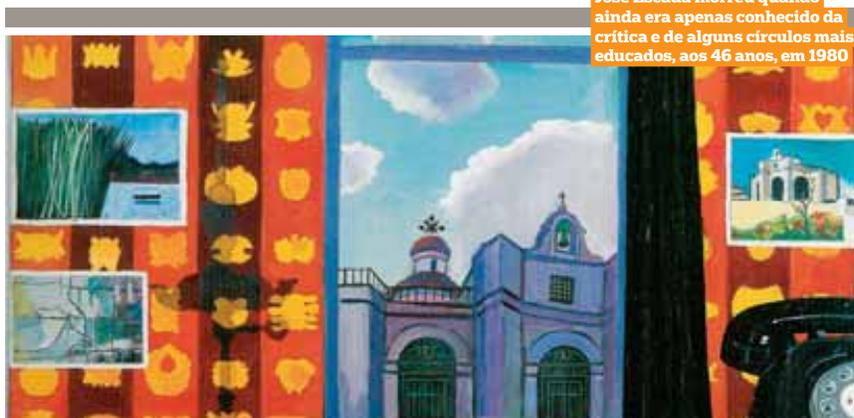
poetas, académicos e escritores como Seamus Heaney, Craig Raine ou Jeanette Winterson. Por sua vez “On the Road” surge com dois vídeos onde se podem ver Carolyn Cassady e Lawrence Ferlinghetti a discutirem Kerouac e três ficheiros de som com Kerouac a ler o romance. Há fotos, cartas de Kerouac para os editores, mapas das viagens feitas em 1947, 1949, e 1950, notas que explicam em quem foram inspiradas as personagens (Dean Moriarty é Neal Cassady, Carlo Marx é Allen Ginsberg).

Para quem prefere em português, na Wook também já se podem comprar ebooks. Escolhas para o Verão: “A Questão Finkler” de Howard Jacobson (Porto Editora) custa €14,50 e “Matteo perdeu o emprego” (eBook) de Gonçalo M. Tavares (Porto Editora) por €12,90. Estão disponíveis em formato EPUB, versão digital de um livro impresso optimizado para leitura independente do tamanho do ecrã. Podem ser lidos nos e-readers que suportam este formato como o Sony Reader ou Bookeneer ou podem ser lidos no iPad da Apple com a ajuda de aplicações como a Bluefire Reader. E na Leya-MediaBooks, que tem uma aplicação para iPhone e iPad, podemos descarregar os ebooks de “Os Maias” de Eça de Queirós, “Amor de Perdição” de Camilo e “O Processo” de Kafka. Ou comprar ebooks de Saramago, Lobo Antunes (“Não Entres Tão Depressa Nessa Noite Escura”) ou polícias para ler na praia como “Gritos do Passado” de Camilla Lackberg por €6,99. Haja cartão de crédito...

(Ciberescritas já é um blogue <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>)

isabel.coutinho@publico.pt

Exposições



José Escada morreu quando ainda era apenas conhecido da crítica e de alguns círculos mais educados, aos 46 anos, em 1980

A multiplicação das formas

Exposição antológica de José Escada. **Luísa Soares de Oliveira**

José Escada

ALGÉS. CAMB - Centro de Arte Manuel de Brito. Av. Hermano Patrone. De 3ª a domingo, das 10h às 18h. Até 2 de Outubro.

Pintura e Desenho

★★★★★

A história desta exposição começou com um contacto da Fundação Gulbenkian à Galeria III a propósito do "catalogue raisonné" de José Escada que aquela instituição prepara. Pretendia-se saber se a Fundação Manuel de Brito, que gere a colecção do antigo galerista, possuía obra do pintor. Arlete Brito procurou nas reservas e teve a surpresa de descobrir um núcleo coerente e importante que atestava praticamente toda a carreira de Escada. De facto, Manuel de Brito foi um colecionador tão sistemático da arte portuguesa da segunda metade do século XX, mas com particular destaque ao período entre 1950 e 1980, que parte do seu espólio está ainda em vias de catalogação. Foi aqui que se localizaram os trabalhos que o Centro de Arte Manuel de Brito agora expõe.

A mostra divide-se por três salas, e segue um critério cronológico, como é habitual nas apresentações institucionais desta casa. No primeiro piso, a sala maior mostra pintura e alguns raros trabalhos sobre papel. O segundo espaço, de menores dimensões, apresenta desenho, sempre a preto e branco com excepção de um núcleo isolado de trabalhos que se destacam por não se incluírem em nenhuma série. É aqui, por exemplo, que está uma bellissima pintura inspirada nos vitrais de Chartres, onde o artista abstraiu dos

motivos neles figurados para apenas guardar a multiplicação de círculos de cor saturada pela refração da luz nos vidros coloridos. A última sala, finalmente, está dedicada à documentação crítica sobre a obra de Escada, o que permite testemunhar da sua apreciação em Portugal enquanto viveu: o artista, como muitos outros seus contemporâneos, emigrou para Paris, aí mal sobreviveu, tendo regressado a Lisboa depois da Revolução de 1974. Morreu quando ainda era apenas conhecido da crítica e de alguns círculos mais educados, aos 46 anos, em 1980.

E, no entanto, integrou o grupo KWY, com Lourdes Castro, René Bertholo e outros, bem como o Movimento de Renovação de Arte Religiosa que foi significativo em Portugal na década de 50, a exemplo de movimentos congéneres noutros países da Europa. Tal como a de outros participantes do KWY, a obra de Escada parte de uma abstracção gestual na década de 50 para, no seu caso, a definição de signos que se multiplicam e replicam no espaço da tela, por processos de simetria, declinação, associação. Por vezes, como sucedeu em finais dos anos 60, começou dos anos 70, este método de trabalho extravasava a bidimensionalidade do suporte, e declinava-se em dobras e relevos feitos em papel, metal, plástico; a colecção Manuel de Brito possui aliás bons exemplares desta fase, que apesar dos sinais evidentes de fragilidade permanecem como fortes marcações do interesse pela figura que a arte relevava à época no Ocidente.

Os anos 80 são de regresso a uma figuração de pincelada livre, sempre acompanhando o devir da arte internacional. É aliás notável esta atenção que Escada demonstra pela produção artística entendida no seu sentido mais globalizante. E, se de facto, como a crítica da época não se cansou de repetir, a sua obra permaneceu ignorada em terras lusas, isso deveu-se sem dúvida à época em que ela se materializou: só a partir dos anos 80 é que se nota um esforço concertado de projecção dos artistas portugueses no estrangeiro, e

mesmo depois dessa década é que colegas e contemporâneos de Escada conhecem o reconhecimento público da sua obra - recorde-se, para apenas citar dois exemplos, os casos de Lourdes Castro e de Helena Almeida, que representaram o país em tempos relativamente recentes em grandes bienais de arte.

Para além da pintura, que desde 1980 que não víamos em retrospectiva em Portugal, a grande surpresa da exposição reside na colecção de desenhos a tinta da china ou ponta de feltro sobre papel: um conjunto notável, onde se revela o processo de trabalho do artista, desocultando de uma base de grande liberdade informal a proliferação de signos quase caligráficos que caracterizaram o seu trabalho. É aqui que a colecção se revela excepcional, e do gosto e o saber do colecionador mais do que acertados, na época e mesmo no presente.

Leonor Antunes



Agenda

Inauguram

Robert Morris: Filmes, Vídeos e Bodyspacemotionthings
Porto. Museu de Serralves. Rua Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. De 23/07 a 23/10, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Inaugura dia 22/7 às 22h.

Continuam

Casa, Modo de Usar - Leonor Antunes

Porto. Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 02/10, 3ª a 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 19h. Na Casa de Serralves.

João Penalva - Trabalhos com Texto e Imagem

Lisboa. Centro de Arte Moderna - José de Azeredo Perdigão. R. Doutor Nicolau Bettencourt. Tel.: 217823474. Até 09/10, 3ª a Dom. das 10h às 18h (última admissão às 17h45).

Pintura, Instalação, Vídeo, Outros.
Ver texto págs. 28 e 29

EDP Novos Artistas

De Ana Manso, André Trindade, Carla Filipe, Catarina Botelho, Catarina Dias, João Serra, Nuno da Luz, Priscila Fernandes, Vasco Barata.

Lisboa. Museu da Electricidade. Av. Brasília - Ed. Central Tejo. Tel.: 210028190. Até 18/09, 3ª a Dom. das 10h às 18h.

Off The Wall / Fora da Parede

De Carl Andre, John Baldessari, Jenny Holzer, Roy Lichtenstein, Robert Longo, Robert Mapplethorpe, Bruce Nauman, Yoko Ono, entre outros.

Porto. Museu de Serralves. R. Dom João de Castro, 210. Tel.: 226156500. Até 02/10, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª das 10h às 17h. Sáb., Dom. e Feriados das 10h às 20h.

M12

A PARTIR DE "O ESTRANHO CASO DE DR. JEKYLL E MR. HYDE" DE ROBERT LOUIS STEVENSON

ENCENAÇÃO ANA LUENA, MARTA LAPA

CO-PRODUÇÃO ESCOLA DE MULHERES E TEATRO BRUTO

CLUBE ESTEFÂNIA/ESPAÇO ESCOLA DE MULHERES

15 31 JULHO A JULHO

DE QUINTA A DOMINGO 22:00

INTERPRETAÇÃO MARGARIDA GONÇALVES, RUI LIMA E SÉRGIO MARTINS (MÚSICA)

MÚSICA ORIGINAL SÉRGIO MARTINS E RUI LIMA

INFORMAÇÕES E RESERVAS 915039568

As estrelas do Público

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
O Atalho	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
O Castor	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Carros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Confissões de uma namorada de serviço	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Conspiradora	☆☆☆☆☆	★★★★☆	★★★★☆
Gianni e as Mulheres	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Harry Potter	☆☆☆☆☆	★★★★☆	★★★★☆
Insidioso	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Larry Crowne	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Os Pinguins do Sr. Popper	☆☆☆☆☆	★★★★☆	★★★★☆



Um dia pegar-se-á em "A Conspiradora" como exemplo sintomático do que foi o princípio do século XXI americano; por agora, é só um filme maçador

Estreiam

Da justiça como paliativo

Um episódio na sequência do assassinato de Abraham Lincoln. Mas não é o século XIX, é o século XXI americano que está em causa. Robert Redford. **Luís Miguel Oliveira**

A Conspiradora

The Conspirator
De Robert Redford
com Robin Wright, James McAvoy,
Tom Wilkinson. M/12

★★★★☆

Lisboa: CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h55, 16h15, 18h40, 21h35, 00h05; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h15, 18h50; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 4: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 22h, 00h20; Medeia Monumental: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h30, 17h, 19h30, 22h, 00h30; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 14: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h05, 16h40, 19h15, 21h45, 00h20 Domingo 11h30, 14h05, 16h40, 19h15, 21h45, 00h20; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h20, 21h30, 23h50; ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h15, 16h, 18h45, 21h35, 00h20; ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 16h10, 18h50, 21h50, 00h30;

Porto: Arrábida 20: Sala 10: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 13h50, 16h30, 19h15, 22h, 00h45 3ª 4ª 16h30, 19h15, 22h, 00h45; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h40, 18h45, 21h40, 00h35; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 19h, 21h50, 00h50;

Como bom "liberal", Robert Redford ainda anda às voltas com as histerias americanas do pós-II de Setembro. "A Conspiradora" é puro "tromepe l'oeil": a acção passa-se no século XIX, mas é para ser vista com um molho de chaves do século XXI. Narra um episódio sucedido na sequência do assassinato de Abraham Lincoln, aqui guindado à condição de acontecimento traumático exemplar, disponível para todas as analogias com esse mais recente trauma orquestrado pelo falecido Osama Bin Laden. Demora tempo até que se perceba onde quer Redford chegar, contudo. Nos anos 30 filmava-se o assassinato de Lincoln como uma elipse (Ford, DeMille), por pudor, por economia narrativa, ou simplesmente para não fazer chover no molhado. Em 2011 a papa tem que ser bem moída: é certo que serve para ir apresentando personagens, mas a meia-hora inicial de "A Conspiradora", pachorrenta recriação da noite da morte de Lincoln, é praticamente inútil. Arrancar, arrancar, só depois dessa meia-hora: é quando, na impossibilidade de deitar a mão a John Wilkes Booth, se reúnem os suspeitos que estão à mão e se os leva a julgamento (novo toque de campanhas).

Entre esses suspeitos, a gerente da pensão (Robin Wright) onde os conspiradores sulistas se acoltavam, acusada de ser tão conspiradora quanto eles. Para a defender é destacado um jovem oficial "yankee" (James McAvoy), inicialmente não muito convicto da sua tarefa. Começa o "courtroom drama", em ambiente agreste destinado a expor o conflito central do filme, mais uma vez aberto a

todas as ressonâncias contemporâneas: deve a justiça servir-se apenas e só a si mesma (ou seja, procurar ser "justa", nos métodos e nas conclusões) ou ceder aos ares do tempo, pondo-se ao serviço de um patriotismo instintivo, funcionar como mero instrumento de reparação emocional colectiva? Todos sabemos qual é a resposta certa, e também todos sabemos que as coisas são o que são. Enunciada a premissa, "A Conspiradora" não tem mais para dar além da sua ilustração, academicamente encenada como vulgar "filme de tribunal" apenas adaptado às circunstâncias, sem chama nem desejo de cinema. Um dia pegar-se-á em "A Conspiradora" como exemplo sintomático do que foi o princípio do século XXI americano; por agora, é só um filme maçador de um cineasta, Redford, que quase não os tem de outra espécie.



"Insidioso": filmezinho de terror à moda antiga

Insidioso

De James Wan,
com Patrick Wilson, Rose Byrne, Lin
Shaye, Ty Simpkins. M/16

★★★★☆

Lisboa: Castelo Lopes - Fórum Sintra: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 19h, 21h50, 00h15; Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h40, 16h20, 18h50, 21h40, 23h50; CinemaCity Alegro Alfragide: Sala 5: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 15h55, 17h55, 20h, 22h05, 00h15; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 7: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h15, 18h20; CinemaCity Beloura Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 21h55, 00h05; CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 7: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h55, 16h, 18h, 20h, 22h05, 00h05; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 6: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h50, 19h20, 21h55, 00h25 Domingo 11h30, 14h10, 16h50, 19h20, 21h55, 00h25; UCI Dolce Vita Tejo: Sala 8: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h10, 16h25, 19h, 21h40 6ª Sábado 14h10, 16h25, 19h, 21h40, 00h25; ZON Lusomundo Alvaláxia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h50, 21h40, 00h15; ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h50, 15h10, 17h50, 21h05, 23h30; ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h25, 18h05, 21h40, 00h10; ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h40, 21h40 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h45, 16h30, 19h, 21h25, 23h45; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 6: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 16h10, 19h, 21h40, 00h10; ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h, 18h30, 21h20, 24h; ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h40, 18h10, 21h30, 23h50

Porto: Arrábida 20: Sala 2: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h, 16h30, 19h05, 21h45, 00h15 3ª 4ª 16h30, 19h05, 21h45, 00h15; ZON Lusomundo GalaShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h55, 18h50, 21h30, 00h10; ZON Lusomundo Marshopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h30, 21h20, 00h10; ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h40, 21h40, 24h; ZON Lusomundo Parque Nascente: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 16h50, 19h20, 21h50, 00h25; ZON Lusomundo Glicínias: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h30, 19h10, 21h50, 00h30

Ena, ena - um filmezinho de terror à moda antiga, sem sanguinolências "gore" despropositadas nem efeitos visuais caros, só com actores e cenários e sustos na cadeira quando a câmara mostra alguma coisa que não estava lá e a música de repente dá um crescendo. Parece bom demais para ser verdade, mas



Restauração

“Chimes at Midnight”, filme pelo qual Orson Welles tinha grande apreço e uma obra por alguns considerada tão grandiosa como “Citizen Kane”, será objecto de restauro e reedição, com visionamento público previsto para o próximo mês no Screen Arts Festival, que decorre em várias cidades de Inglaterra. Com um orçamento modesto, mostra Welles na pele

de Sir John Falstaff – personagem criada por Shakespeare. Durante a rotação e o dinheiro terá acabado e Harry Saltzman assumiu o projecto, ficando com os direitos da distribuição mundial, à excepção de França e Espanha, que pertenciam ao produtor anterior, Emiliano Piedra. Antes de falecer, Saltzman terá concedido os direitos a outra companhia,

que entretanto terá desaparecido. A dificuldade em perceber quem realmente detinha os direitos terá sido um dos entraves à libertação do filme, mas segundo o “The Independent”, a confusão burocrática já estará resolvida. David Buttle, da distribuidora britânica Mr Bongo, e Dolores Piedra, filha de Emiliano Piedra, ocupam-se do restauro desta versão.

“Insidioso” é exactamente isso: um filme de terror eficiente, despachado e desprezioso, mesmo que seja também uma “remake” mais ou menos disfarçada do “Poltergeist” de Spielberg e Tobe Hooper, com uma família a unir-se à volta do filho que entrou num coma misterioso à conta das visões estranhas na nova casa sinistra para onde se mudaram. Não se queira ver em “Insidioso”, dirigido com eficácia por James Wan (um dos criadores da série “Saw”) e produzido por Oren Peli (autor do fenómeno “Actividade Paranormal”), mais do que uma entrada de género bem feita, dirigida exclusivamente a apreciadores – é uma viagem no comboio fantasma que pode satisfazer os saudosos de um cinema de terror mais clássico que os “torture porn” e outras modernices vieram atirar ingloriamente para segundo plano. E hoje em dia, isso já não é nada mau. **Jorge Mourinha**

Os Pinguins do Sr. Popper Mr. Popper's Penguins

De Mark Waters com Jim Carrey, Carla Gugino, Angela Lansbury. M/6



Lisboa: Castelo Lopes - Fórum Sintra: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h20, 18h50 (V. Port.), 21h40, 24h (V.Orig.); Castelo Lopes - Loures Shopping: Sala 4: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h40, 17h50, 21h20, 23h30 (V. Port.) Domingo 10h30, 13h20, 15h40, 17h50, 21h20, 23h30 (V. Port.); CinemaCity Alegria Algarvide: Sala 6: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h35, 15h35, 17h35, 19h35 (V. Port.), 21h40, 23h50 (V.Orig.) Sábado Domingo 11h35, 13h35, 15h35, 17h35, 19h35 (V. Port.), 21h40, 23h50 (V. Orig.); CinemaCity Beloura Shopping: Sala 5: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h35, 15h35, 17h35, 19h35 (V. Port.), 21h40, 23h45 (V.Orig.) Sábado Domingo 11h35, 13h35, 15h35, 17h35, 19h35 (V. Port.), 21h40, 23h45 (V. Orig.); CinemaCity Campo Pequeno Praça de Touros: Sala 5: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h50, 15h45, 17h40, 19h35 (V. Port.), 21h50, 23h55 Sábado Domingo 11h45, 13h50, 15h45, 17h40, 19h35 (V. Port.), 21h50, 23h55; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 5: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h15, 16h30, 19h (V. Port.), 21h40, 23h55 Domingo 11h30, 14h15, 16h30, 19h (V. Port.), 21h40, 23h55; UCI Dolce Vita Tigo: Sala 9: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h, 18h30 (V. Port.), 21h25 6ª Sábado 13h50, 16h, 18h30 (V. Port.), 21h25, 23h50 Domingo 11h30, 13h50, 16h, 18h30 (V. Port.), 21h25; ZON Lusomundo Alvaládia: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h40, 18h (V. Port.), 21h20, 23h45 (V. Orig.); ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h30, 18h10, 21h20, 23h40 (V. Port.); ZON Lusomundo CascaisShopping: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h10 (V. Port.), 21h40, 23h55 (V.Orig.) Domingo 11h, 13h20, 15h50, 18h10 (V. Port.), 21h40, 23h55 (V.Orig.); ZON Lusomundo Colombo: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h55, 18h25 (V. Port.), 21h30, 23h50 (V. Orig.) Domingo 11h, 13h20, 15h55, 18h25 (V. Port.), 21h30, 23h50 (V.Orig.); 3ª 12h20, 15h55, 18h25 (V. Port.), 21h30, 00h05 (V.Orig.); ZON Lusomundo Dolce Vita Miraflores: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h, 17h20, 19h40, 22h (V. Port.) 6ª 15h, 17h20, 19h40, 22h, 00h20 (V. Port.) Sábado 11h, 15h, 17h20, 19h40, 22h, 00h20 (V. Port.) Domingo 11h, 15h, 17h20, 19h40, 22h (V. Port.); ZON Lusomundo Odivelas Parque: 5ª 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h20, 21h20 (V. Port.) 6ª 13h20, 15h50, 18h20, 21h20, 23h40 (V. Port.) Sábado 11h, 13h20, 15h50, 18h20, 21h20, 23h40 (V. Port.) Domingo 11h, 13h20, 15h50, 18h20, 21h20 (V. Port.); ZON Lusomundo Oeiras Parque: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h25, 18h15 (V. Port.), 21h20, 23h50 (V.Orig.) Domingo 10h45, 13h05, 15h25, 18h15 (V. Port.), 21h20, 23h50 (V. Orig.); ZON Lusomundo Torres Vedras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h10, 18h45, 21h40, 23h55 (V. Port.); ZON Lusomundo Vasco da Gama: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h10, 21h40, 24h; Castelo Lopes - Rio Sul Shopping: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h50, 18h40, 21h20, 23h30 (V. Port.); ZON Lusomundo Almada Fórum: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h20,



Um cómico fora de série incapaz de encontrar filme à altura

15h45, 18h10 (V. Port.), 21h, 23h30 (V.Orig.) Domingo 11h, 13h20, 15h45, 18h10 (V. Port.), 21h, 23h30 (V. Orig.); ZON Lusomundo Fórum Montijo: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h20, 15h50, 18h20, 21h, 23h40 (V. Port.); ZON Lusomundo Freixo: 5ª 2ª 3ª 4ª 15h50, 18h30, 21h30 (V. Port.) 6ª 15h50, 18h30, 21h30, 00h15 (V. Port.) Sábado 13h40, 15h50, 18h30, 21h30, 00h15 (V. Port.) Domingo 13h40, 15h50, 18h30, 21h30 (V. Port.)

Porto: Arrábida 20: Sala 1: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h15, 16h40, 19h (V. Port.), 21h40, 00h10 3ª 4ª 16h40, 19h (V. Port.), 21h40, 00h10; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 16h20, 19h, 21h20, 23h50; ZON Lusomundo Ferrara Plaza: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 15h10, 17h30, 19h45, 22h, 00h10 (V. Port.) Domingo 10h50, 13h10, 15h30, 17h45, 22h, 00h10 (V. Port.); ZON Lusomundo GaiShopping: 5ª 6ª 2ª 3ª 4ª 13h05, 15h20, 17h35, 19h50, 22h, 00h20 Sábado Domingo 10h45, 13h05, 15h20, 17h35, 19h50, 22h, 00h20; ZON Lusomundo MaiaShopping: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 14h20, 17h30, 21h40 6ª Sábado Domingo 14h20, 17h30, 21h40, 00h30; ZON Lusomundo Marshopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 12h30, 15h, 17h20, 19h40, 22h10, 00h30 (V. Port.); ZON Lusomundo NorteShopping: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 10h20, 12h40, 15h, 17h30, 20h (V. Port.), 22h20, 00h35; ZON Lusomundo Parque Nacente: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h50, 16h10, 18h50 (V. Port.), 21h30, 23h50 (V. Orig.) Domingo 11h20, 13h50, 16h10, 18h50 (V. Port.), 21h30, 23h50 (V. Orig.); Castelo Lopes - 8ª Avenida: Sala 2: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 16h, 18h50 (V. Port.), 21h30 (V. Orig.) 6ª Sábado 13h, 16h, 18h50 (V. Port.), 21h30, 23h50 (V.Orig.); ZON Lusomundo Glincias: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 13h45, 16h20, 19h, 21h30, 24h Domingo 11h15, 13h45, 16h20, 19h, 21h30, 24h

Jim Carrey e um bando de pinguins: a coisa, baseada num livro infantil dos anos 30, prometia. Mas não cumpre. Carrey está igual a si próprio, tenso, neurótico, violento, acorrentado, rejeitado, com enormes dificuldades no plano da socialização, seja com os vizinhos, com os patrões e colegas, ou com a mulher e os filhos, de quem, como de costume, está separado (não esquecer que quando se fala de Jim Carrey se fala de um verdadeiro actor/autor, dos poucos que actualmente vale a pena seguir mesmo através dos filmes maus). Os pinguins que lhe entram pela casa adentro, pouco importa explicar por que razão, também não vão mal, sobretudo nas cenas (há algumas) em que não são pinguins digitais mas pinguins de carne e osso – e todos juntos, Carrey (ou seja, o sr. Popper) e os pinguins, dão

duas ou três cenas de bailado que não são de deitar fora. Mas é pouco, devia haver vinte ou trinta. Sonhamos com o dia em que Carrey se associe a Jerry Lewis (enquanto ele é vivo) ou se ponha a dirigir os seus próprios filmes (piores do que os filmes de Tom Shadyac ou deste Mark Waters não podiam ser). A única coisa interessante destes “Pinguins do Senhor Popper” é que, mais uma vez, há um momento em que o filme reflecte a angústia do cómico fora de série que é incapaz de encontrar cinema à sua altura: o Sr Popper entretém os pinguins com velhos filmes de Chaplin passados no plasma da sua casa (não é mau como ideia: reencontrer nos pinguins o “espectador-irmão” que há muito deixou de existir); em certa cena, o Sr Popper deixa os pinguins em frente do ecrã e sai para a rua, mas a música do filme de Chaplin acompanha-o. E então vemos, durante breves momentos, Jim Carrey caminhando macabuzado pelas ruas de Nova Iorque assombrado pela música de Chaplin. É bonito, é triste, e é, digamos, uma espécie de “statement”. **L.M.O.**

Continuam

Gianni e as Mulheres Gianni e le Donne
De Gianni di Gregorio com Gianni di Gregorio, Valeria de Franciscis Bendini, Alfonso Santagata. M/12



Lisboa: Castelo Lopes - Cascais Villa: Sala 2: 5ª Domingo 2ª 3ª 4ª 13h, 15h20, 18h20, 21h10 6ª



“Gianni e as Mulheres” actualiza a truculência e a mordacidade da comédia italiana

Cinemateca Portuguesa R Barata Salgueiro, 39 Lisboa. Tel. 213596200

Sexta, 22

A Jornada do Medo Journey Into Fear
De Norman Foster, Orson Welles. Com Joseph Cotten, Dolores del Rio, Ruth Warrick. 69 min. 15h30 - Sala Félix Ribeiro

The Epic That Never Was
De Bill Duncalf. Com Charles Laughton, Merle Oberon, Emlin Williams, Josef von Sternberg. 75 min. 19h - Sala Félix Ribeiro

O Táxi 9297
De Reinaldo Ferreira. Com Alves da Costa, Maria Emília Castelo Branco, Alexandre Amores. 89 min. 19h30 - Sala Luís de Pina

La France
De Serge Bozon. Com Sylvie Testud, Pascal Greggory, Guillaume Verdier. 102 min. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Sábado, 23

Madame Bovary
De Vincente Minnelli. Com James Mason, Jennifer Jones. 115 min. MI2. 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Kif Tebbi
De Mario Camerini. Com Carlo Benetti, Piero Carnabuci, Nini Dinelli. 115 min. 19h - Sala Félix Ribeiro

Petulia
De Richard Lester, George C. Scott. Com Arthur Hill, George C. Scott, Julie Christie, George C. Scott, Shirley Knight, Joseph Cotten, Joseph Cotten, Richard Chamberlain, Julie Christie. 105 min. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Segunda, 25

Ritmo Louco Swing Time
De George Stevens. Com Fred Astaire, Ginger Rogers, Helen Broderick, Victor Moore. 103 min. MI2. 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Capitaine Achab
De Philippe Ramos. Com Denis Lavant, Dominique Blanc, Virgil Leclaire. 97 min. 19h - Sala Félix Ribeiro

O Século + Como Se Faz Um Número do Diário De Notícias + O Século Cinematográfico No 7

O Século
De Augusto Seara. 26 min. 19h30 - Sala Luís de Pina

O Massacre de Matewan Matewan
De John Sayles. Com Chris Cooper, James Earl Jones, Mary McDonnell, Will Oldham. 133 min. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

133 min. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Terça, 26

O Alfabeto do Crime The Alphabet Murders
De Frank Tashlin. Com Tony Randall, Anita Ekberg, Robert Morley, Maurice Denham. 86 min. 15h30 - Sala Félix Ribeiro

À Tout de Suite
De Benoît Jacquot. Com Isild Le Besco, Ouassini Embarek, Nicolas Duvauchelle. 95 min. 19h - Sala Félix Ribeiro

A Mulher em Chamas Die Flammierte Frau
De Robert van Ackeren. Com Gudrun Landgraber, Mathieu Carrière. 105 min. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Quarta, 27

O Expresso de Berlim Berlin Express
De Jacques Tourneur. Com Charles Korvin, Merle Oberon, Paul Lukas, Robert Coote, Robert Ryan. 86 min. MI2. 15h30 - Sala Félix Ribeiro

7 ans
De Jean-Pascal Hattu. Com Valérie Donzelli, Cyril Trolley, Bruno Todeschini. 86 min. 19h - Sala Félix Ribeiro

Da Natureza das Coisas
De Luís Miguel Correia. 36 min. 19h30 - Sala Luís de Pina

De Olhos Bem Fechados Eyes Wide Shut
De Stanley Kubrick. Com Nicole Kidman, Sydney Pollack, Todd Field, Tom Cruise. 159 min. MI6. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Quinta, 28

Namorados Sweethearts
De W.S. Van Dyke. Com Jeanette MacDonald, Nelson Eddy, Frank Morgan. 114 min. 15h30 - Sala Félix Ribeiro

Batalha de Flores no Campo Grande + Escalada à Torre dos Clérigos + Vindimas da Casa Andresen + Praias de Portugal - Parede, Estoril, Cascais
19h - Sala Félix Ribeiro

O Raid Aereo Lisboa-Rio de Janeiro Pelos Heróicos Aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral
De Henrique Alegria. 33 min. 19h30 - Sala Luís de Pina

Un Secret
De Claude Miller. Com Mathieu Amalric, Patrick Bruel, Cécile de France, Ludivine Sagnier. 107 min. 21h30 - Sala Félix Ribeiro

Compre este e outros produtos em loja pública

Máquinas Digitais

Fotografe e filme o seu Verão



V 515 DUO

Máquina fotográfica digital com duplo ecrã.

79,00 €



Clip Tube "Black"

Máquina de filmar digital com caixa estanque amovível: à prova de água até 15 metros.

99,00 €



WDV 5270 HD Lagoon

Máquina de filmar digital à prova de água até 3 metros.

119,90 €

Loja Pública



Cinema

Ciclo

Uma selecção de filmes premiados no **Curta de Vila do Conde** vai ser exibida nos dias 20 e 21 no **Espaço Nimas**, às 21h. O Prémio para Melhor Ficção, "Le Petit Tailleur", de Louis Garrel; "Dimanches", de Valery Rosier,

Melhor Curta Europeia; "North Atlantic", de Bernardo Nascimento, prémio Melhor Fotografia; "Ormie", de Rob Silvestri, melhor filme Curtinhas; "Realease the Freq - Matta", de Kim Holm, melhor vídeo musical.



Quando, finalmente, a personagem interpretada por Sacha Grey é agarrada e nos agarra - quando passa a existir para além desse exercício deslumbrado de desestruturação -, o filme acaba

← Sábado 13h, 15h20, 18h20, 21h10, 23h40; UCI Cinemas - El Corte Inglés: Sala 10: 5ª 6ª Sábado 2ª 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h10 Domingo 11h30, 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h10; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 16h30, 19h, 21h10, 23h30

Porto: Arrábida 20: Sala 17: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 14h25, 16h45, 19h, 21h30, 00h05 3ª 4ª 16h45, 19h, 21h30, 00h05; ZON Lusomundo Dolce Vita Porto: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h30, 18h, 21h, 23h30

Depois de, no "Almoço de 15 de Agosto", ser um panhonha de quem quatro velhotas faziam gato-sapato, Gianni di Gregorio é agora um panhonha reformado de quem todas as mulheres que lhe passam pela frente, da mãe à filha passando por vizinhas e ex-namoradas, faz gato-sapato. "Gianni e as Mulheres" actualiza a truculência e a mordacidade da comédia italiana clássica com um registo observacional que esvazia os lugares-comuns da sedução e do romance e aborda com particular pungência a questão do envelhecimento. Tem os mesmos problemas do "Almoço..." (nomeadamente a sensação de que estamos a ver uma piada esticada ao limite), amplificados pelo facto de, agora, não haver "efeito surpresa" que os minimize. Mas, pelo meio, passa um desencanto e uma melancolia que o desenham como um filme mais ambicioso e menos casual, que promete mais do que é capaz de cumprir mas também explica que Gianni di Gregorio não é homem de um só filme. **J. M.**

Confissões de Uma Namorada de Serviço

The Girlfriend Experience
De Steven Soderbergh, com *Sacha Grey, Chris Santos, Philip Eytan*. M/16

★ ★ ★ ★ ★

Lisboa: Medeia King: Sala 3: 5ª Domingo 3ª 4ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h 6ª Sábado 2ª 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 00h30; Medeia Monumental: Sala 3: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h30, 15h30, 17h30, 19h30, 21h30, 24h; ZON Lusomundo Amoreiras: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 3ª 4ª 13h10, 15h20, 17h50, 20h50, 23h10

Porto: Medeia Cine Estúdio do Teatro Campo Alegre: Cine-Estúdio: 5ª 6ª Sábado Domingo 2ª 4ª 18h30, 22h 3ª 18h30

Quando Soderbergh, em 1989, em Cannes, com a Palma de Ouro na

mão, desabafava qualquer coisa como "a partir daqui vai ser sempre a descer", falaria de uma verdade íntima, de algo que só ele poderia saber? Como algo que se imporia mesmo perante os sucessos e os Óscares? Coroado como "autor" pelo júri de Cannes presidido por Wim Wenders - foi esse o sinal dessa Palma de Ouro, o de uma descoberta -, mostrar-se imediatamente a seguir, com "Kafka" (1991) e "King of the Hill" (1993), um cineasta académico e na defensiva, como que encadeado pela luz que outros faziam incidir sobre si - suspeitando não ser merecedor de tanta atenção, como se estivesse no centro de um embuste? "Experiências" como "Schizopolis" (1996) e o que se seguiu, "Out of Sight" (1998) e "The Limey" (1999), foram momentos de revelação de uma dualidade: mostraram, de um lado, um realizador que "doesn't deliver" quando se trata de projectos pessoais a que se atrai como experiência (ainda: "Full Frontal" ou "Bubble"), e, de outro, uma impotência que só se resolve quando se exige "performance" ao "artesão" e não ao "autor". "The Girlfriend Experience" é outra prova de uma incapacidade no âmago do cinema de Soderbergh: estas cenas na vida de uma "escort girl" demonstram todos os "sinais" - o dinheiro, a sociedade de consumo... - mas são incapazes de construir edifício cinematográfico (tal como os discursos ingénuos, deslumbrados que exibem apenas "name dropping"). Soderbergh esforça-se, mas sobretudo denuncia-se com o esforço de desconstrução... Quando, finalmente, a personagem interpretada por Sacha Grey é agarrada e nos agarra - quando passa a existir para além desse exercício deslumbrado de desestruturação -, o filme acaba. E aqui perguntamos: a seqüência final, uma cena de impotência, é o cineasta Soderbergh (mais uma vez) a falar dele próprio, de algo que só ele poderá saber? **Vasco Câmara**

Cineclubes

para mais informações consultar www.fpcc.pt

Cine-teatro S. Pedro (CC espalhafitas)

Largo S. Pedro - Abrantes

A Cidade Dos Mortos

De Sérgio Trefaut, 2010, M/12
27/07, 21h30

Centro Estudos Camilianos (CC Joane)

Av. de S. Miguel, 758, S. Miguel de Seide - V.N. Famalicão

Vais Conhecer O Homem

Dos Teus Sonhos
De Woody Allen, 2010, M/12
22/07, 22h00

Praça 9 de Abril (CC Joane)

V.N.Famalicão

Tempos De Verão (L' Heure D'Été)

De Olivier Assayas, 2008, M/12
28/07, 22h00

Capela S. Vicente (CC Joane)

Sezures - V.N. Famalicão

Imparável

De Tony Scott, 2010, M/12
23/07, 22h00

Claustros do Museu Municipal de Faro (CC Faro)

Largo Afonso III, 14

Somewhere (Algures)

De Sofia Coppola, 2010, M/12
22/07, 22h00

Lixo Extraordinário

De Lucy Walker, Karen Harley e João Joardim, 2010, M/6
23/07, 22h00

Blue Valentine (Só Tu E Eu)

De Derek Cianfrance, 2010, M/16
24/07, 22h00

Potiche - Minha Rica Mulherzinha

De François Ozon, 2010,
25/07, 22:00h

Road To Nowhere (Sem Destino)

De Monte Hellman, 2010, M/12
26/07, 22h00

Tournée (Em Digressão)

De Matthieu Amalric, 2010, M/16
27/07, 22h00

Cine-Teatro Paraíso (CC Tomar)

Rua da Infantaria, 15 - Tomar

Em Julho

De Fatih Akin, 2000, M/12
28/07, 19h00

Claustros do Convento do Carmo (CC Tavira)

Largo do Carmo - Tavira

José & Pilar

De Miguel Gonçalves Mendes, 2010,
M/12
22/07, 21h30

O Discurso Do Rei (The Kings Speech)

De Tom Hooper, 2010, M/12
23/07, 21h30

Micmacs À Tire Larigot

De Jean-Pierre Jeunet, 2009, M/12
24/07, 21h30

Jane Eyre

De Cary Fukunaga, 2011, M/12
25/07, 21h30

Pina

De Wim Wenders, 2010, M/6
28/07, 21h30

Os investidores e os coleccionadores

Não é por acaso que a Art Basel comprou a Art Xangai. A China está com um crescimento de 9,5 por cento do Pib, a que acresce o aparecimento de uma nova classe de milionários que investe na arte como investe em ouro e adquire obras de arte como investimento ou como necessidade de encher os museus, que tem vindo a inaugurar de forma compulsiva.



Peça do André Guedes, "Morning and Afternoon" da coleção António Cachola

suicientemente exóticos para este tipo de mercado global.

Não é por acaso que a Art Basel comprou a Art Xangai. A China está com um crescimento de 9,5 por cento do Pib, a que acresce o aparecimento de uma nova classe de milionários que investe na arte como investe em ouro e adquire obras de arte como investimento ou como necessidade de encher os museus, que tem vindo a inaugurar de forma compulsiva. Apesar desta situação de sucesso das artes (o correcto seria dizer-se: do sucesso do mercado financeiro desta feira de arte), ninguém do directório de Art Basel se insurgiu contra a detenção do artista chinês Ai Weiwei e dos seus colaboradores sem acusação formada. Do lado dos Emirados Árabes este interesse pelo mercado da arte e em particular pela arte ocidental decorre do mesmo ser uma aplicação financeira como outras e uma forma calculada de precaver o futuro, quando a liquidez das reservas do petróleo se anunciam esgotadas dentro de décadas. Simultaneamente a par do "franchising" de marcas de museus, como os projectos Guggenheim Abou Dabi e o Abou Dhabi Louvre (o Abou Dhabi pagou 700 milhões de euros ao Museu do Louvre para utilizar a sua marca) os países dos Emirados criaram uma feira de arte - a Art Dubai -, uma bienal em Shanjah e o Qatar é por sua vez o maior comprador de arte contemporânea do mundo, calculando-se que nos últimos seis anos tenha gasto cerca de 270 milhões de euros em compras.

A aquisição de obras de arte - por estes países - cujo estatuto de objectos com aura se transforma em tesouros, é um investimento no futuro, mas corresponde também à necessidade de importar uma autoridade simbólica da riqueza cultural que visa colmatar a débil herança cultural destes países inventados no meio do deserto e sem produção contemporânea de destaque. Estamos, pois, em presença de uma faceta do capitalismo global e de investidores à escala mundial que representam a multiplicação daqueles investidores que adquirem obras na galeria, muitas vezes em função do valor de mercado do artista que assina a obra, sem sequer verem o objecto, solicitando ao galerista que o guarde até que a cotação da obra suba e possa ser vendido, ganhando com isso as mais-valias do investimento.

Uma outra notícia um pouco mais antiga dava conta que Carlos Slim, um homem substancialmente rico, mandou construir um museu de raiz para albergar as suas obras adquiridas ao longo de décadas e que reunidas constituem não só uma das maiores colecções do mundo como - basta vermos parte do acervo para o constatar - uma das mais originais colecções, feita com risco e concerteza com empenho. Aliás, o modo como Slim se tem referido à sua colecção faz ecoar as palavras de outro coleccionador singular, Calouste Gulbenkian, que chamava às suas obras as suas filhas. Não há que ser ingénio sobre estes dois coleccionadores que, não vivendo num sistema exterior ao capitalismo, teriam até consciência dos vasos comunicantes entre a sua actividade de coleccionadores e o mundo dos investimento financeiros, e um deles é

o do valor simbólico que a obra adquire quando entra numa colecção particular de prestígio e contamina de imediato o valor de mercado para os investidores. Contudo, há um conjunto de características únicas que os definem como coleccionadores de arte. Há os ricos e famosos, como Rubens, que além de coleccionador era "dealer"; Matisse, que coleccionava avidamente; Cézanne ou Pedro Cabrita Reis e a sua colecção de emergentes, ou outros mais discretos a fazerem o possível por manterem o anonimato. Alguns começam cedo coleccionando moedas ou selos e assim aprendendo sobre o mundo e sobre a História, outros convertem-se tardiamente aos sessenta ou mais anos de idade e são bibliófilos ou coleccionadores de arte. Uns só coleccionam

Alguns começam cedo coleccionando moedas ou selos e assim aprendendo sobre o mundo e sobre a História, outros convertem-se tardiamente aos 60 ou mais anos de idade...

obras cuja temática seja exclusivamente relacionada com olhos, outros só coleccionam objectos como cadeiras ou esculturas de cabeças. Uns são ecléticos em géneros artísticos, datas, suportes, outros são rígidos em programas privados de aquisições, só coleccionando arte conceptual ou só pintura, ou apenas fotografia, ou exclusivamente tecidos ou máscaras. Até há alguns que por precaução, para que as obras no futuro não sejam vendidas e a colecção dispersa, convidam os artistas a

pintarem nas paredes das suas próprias casas, como fez Gustave Fayet em relação a Odilon Redon. A todos é reconhecido que no acto da compra uma pulsão os atira para uma obra que querem possuir, a qual olham, estudam, analisam. Tudo isto pode demorar apenas minutos ou persegui-los meses ou anos - solicitando a sua reserva e o seu compromisso. Sentem como qualquer apaixonado a adrenalina que existe antes da conquista, antes da posse; ao contrário da compra utilitária, não pensam no lugar onde a vão colocar e têm a maioria das vezes problemas de espaço onde a guardar. Desempacotam-na quando a obra lhes chega a casa e quase sempre inventam rituais de partilha com os amigos, a família, justificam de forma quase sempre infantil a aquisição, mas são possuidores da obra. Muitos têm fracas ou pouco recursos para a aquisição e endividam-se perante os galeristas, compram com cheques pré-datados ou têm o benefício de poderem pagar a dois, três, cinco anos, enquanto vão adquirindo outras obras, incapazes de se conterem. Têm consciência e o prazer de saberem que no momento em que coleccionam constroem a sua narrativa própria da História de Arte; o modo como protegem ou arquivam as obras constitui um momento singular de testemunho do estado do mundo numa dada época que supostamente lhes passa também a pertencer. É uma fatia do tempo de que se apropriam e de algum modo ao coleccionarem obras de arte, por mais estranhas e incompreensíveis aos olhos de outros cidadãos, é a sua compulsão que lhes permite rodearem-se da beleza de um certo mundo e de possuírem objectos singulares, pedaços únicos desse enigma que ainda se chama arte.

Art Basel, depois de se ter estendido a Miami criando a Art Basel Miami, acaba de comprar a feira de arte de Xangai, que tinha apenas três anos de existência, e de aí instalar a sua marca, Shanfhart (Shanghai, Beijing) @ Art Basel, tornando-se, assim, não só a maior feira de arte do mundo, como a primeira feira de arte global com volume de negócio de muitos milhões de euros. Também o Dubai tem adquirido arte nos mercados ocidentais e parte substantiva destas aquisições foi feita precisamente na Art Basel Miami.

Estas notícias não só são complementares, como - mais importante e inquietante - são inequivocamente a manifestação das finanças a funcionarem à escala global e, dada a natureza dos negócios, a expressão refinada do capitalismo a controlar o mercado das artes e naturalmente a condicionar a produção artística e principalmente a circulação das obras. Como qualquer outro mercado, e em particular o dos investimentos, o que está em causa nestes dois acontecimentos é um controlo global do mercado, o que implicará regras rígidas do comportamento das galerias, alterações dos preços conforme maior especulação e um downgrade de artistas das zonas periféricas e não



O OUTRO LADO DO JAZZ

Cecil Taylor

Wadada Leo Smith *Organic*

Brötzmann / Kondo / Pupillo / Nilssen-Love – *Hairy Bones*

John Hollenbeck Large Ensemble

The Ex Guitars meet Nilssen-Love / Vandermark Duo

Ingrid Laubrock *Anti-House*

(...)



WWW.MUSICA.GULBENKIAN.PT/JAZZ

GULBENKIAN MÚSICA



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

PARCEIROS

Traço do Bairro

HOTEL AÇORES LISBOA



PARCEIROS MEDIA

APOIOS

trem azul



APOIO À DIVULGAÇÃO

